

FIDEL
CASTRO

REENCONTRO
COM O BRASIL

AGE
729.1:81)
5r

N.Cham. 327(729.1:81) C355r
Autor: Castro, Fidel, 1927-
Título: Reencontro com o Brasil / .



10240352

Ac. 991665

BR

BDBR

Editora José Martí

REENCONTRO COM O BRASIL

REENCONTRO
COM O BRASIL

FIDEL CASTRO



REENCONTRO COM O BRASIL



EDITORIAL
José Martí
EDITORIAL JOSÉ MARTÍ
Publicaciones en Lenguas Extranjeras
Apartado postal 4208 / Habana 4 / Cuba

Execução técnica: D & P / Editora José Martí

01925/2002

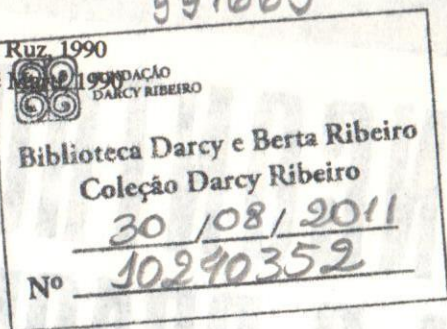


5542/05

991665

© Fidel Castro Ruz, 1990

© Editora José Martí



327(729.1:81)

C 355v

Editora JOSÉ MARTÍ
Publicações em Línguas Estrangeiras
Caixa Postal 4208, 10400 Havana, Cuba

Distribuidor:
UFO SERVICES, S.A.
Caixa Postal 6197, 10600 Havana, Cuba

Impresso em Cuba

Índice

Integrantes da Delegação Cubana que participaram das cerimônias de Posse do Presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello / 9

Resumo das principais atividades realizadas pelo companheiro Fidel Castro entre os dias 14 e 19 de março de 1990 / 11

Discurso pronunciado pelo Comandante-em-Chefe Fidel Castro Ruz no ato de entrega do Prêmio Estado de São Paulo ao etnólogo Orlando Villas Boas, realizado no Memorial da América Latina, em São Paulo, Brasil, em 17 de março de 1990 / 17

Encontro do Comandante-em-Chefe Fidel Castro Ruz com as Comunidades Cristãs de Base do Brasil, no Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo, Brasil, em 17 de março de 1990 / 29

Discurso pronunciado no encontro com intelectuais brasileiros no Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo, em 18 de março de 1990 / 60

Entrevista realizada no dia 23 de março de 1990 e transmitida pelos canais de televisão, Rádio Rebelde e Rádio Havana-Cuba para informar sobre a viagem ao Brasil / 90

Integrantes da Delegação Cubana que participaram das cerimônias de Posse do Presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello

Membros da Delegação Oficial

Esteban Lazo, membro do Buró Político e primeiro-secretário do Partido em Santiago de Cuba.

Juan Escalona, presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular.

Outros integrantes da comitiva que acompanhou o Comandante-em-chefe

Cândido Palmero, chefe do Contingente "Blas Roca".

Felipe Pérez, presidente da Federação dos Estudantes Universitários (FEU).

Concepción Campa, diretora do Centro Nacional de Vacina Antimeningocócica que chefiou o grupo de pesquisadores que obtiveram esta vacina.

Gustavo Sierra, também desse mesmo Centro e um dos integrantes do mencionado grupo.

Roberto Fernández Retamar, presidente da Casa das Américas.

Abel Prieto, presidente da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC).

Javier Sotomayor, recordista mundial em salto em altura.

Ana Fidelia Quirot, melhor atleta do mundo em 1989.

Diego Sánchez, capitão do navio mercante "Hermann", agredido pela Guarda Costeira Americana.

Também acompanharam o Comandante-em-chefe em sua visita, Manuel Piñeiro, chefe do Departamento América do Comitê Central; Ricardo Alarcón, primeiro vice-ministro de Relações Exteriores; o general-de-divisão Romárico Sotomayor, vice-ministro do Interior; o general de brigada Urbelino Betancourt; José M. Miyar, secretário do Conselho de Estado e Jorge Bolaños, embaixador de Cuba no Brasil, entre outros companheiros.

Resumo das principais atividades realizadas pelo companheiro Fidel Castro entre os dias 14 e 19 de março de 1990

Brasília (14, 15 e 16)

- Jantar oferecido pelo presidente José Sarney, que terminava seu mandato, na residência de campo da Presidência.
- Cerimônias oficiais da Posse do presidente eleito Fernando Collor de Mello no Congresso Nacional e Palácio do Planalto.
- Visita ao presidente Collor de Mello no Palácio do Planalto.
- Entrevistas com os presidentes Oscar Arias da Costa Rica; Carlos Andrés Pérez, da Venezuela; Felipe González, da Espanha; Virgilio Barco, da Colômbia; José Eduardo dos Santos, de Angola; Daniel Ortega, da Nicarágua; Jaime Paz Zamora, da Bolívia e com M.I. Snegur, vice-presidente do Soviete Supremo da URSS.
- Encontros informais durante as cerimônias oficiais de sucessão de poder no executivo brasileiro com chefes e outros integrantes de delegações convidadas, entre eles com os presidentes Alan García, do Peru; Patricio Aylwin, do Chile; Carlos Saúl Menem, da Argentina; Luis Alberto Lacalle, do Uruguai e Andrés Rodríguez, do Paraguai; com os ex-mandatários da Argentina e Uruguai, Raúl Alfonsín e Julio María Sanguinetti, respectivamente, também com senadores, deputados e outras personalidades políticas, religiosas e da Imprensa Brasileira.

- Entrevistas com Frei Betto e Leonardo Boff, destacados teólogos; senador Ulysses Guimarães, presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB); Miguel Arraes, governador de Pernambuco; senador Jamil Hadad, presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB); e João Amazonas, presidente do Partido Comunista do Brasil (PC do B).
- Visita à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), onde conversou com Paulo Ponte, vice-presidente; Celso Queiro, secretário geral e Virgílio Leite, subsecretário geral.
- Entrevistas com quatro cadeias nacionais de Televisão-Rede Globo, onde também participou um jornalista do diário *O Globo*; Rede Manchete; TV Bandeirantes, para o programa deste canal "Cara a Cara"; Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e uma entrevista coletiva na qual participaram mais de 150 jornalistas; assim como numerosos contatos com representantes de diferentes meios de imprensa em vários lugares onde esteve.

São Paulo (17 e 18)

- Recepção oferecida pelo governador Orestes Quércia e outras personalidades do Estado.
- Visita ao Memorial da América Latina, onde visitou a biblioteca, o anfiteatro e o pavilhão da criatividade.
- Participou e foi o último orador na cerimônia de entrega do Prêmio Estado de São Paulo ao eminente antropólogo e etnólogo Orlando Villas Boas, por sua obra científica em defesa das comunidades indígenas, realizada no Memorial. Nesta cerimônia também usaram a palavra Villas Boas, o governador Quércia e o presidente nicaraguense Daniel Ortega.
- Reunião com mais de 200 empresários organizada pela Câmara de Comércio Brasil-Cuba, no Palácio das Convenções do Anhembi.

- Breve visita pela exposição Tecno-Agros, onde havia um stand cubano do Ministério da Indústria de Alimentos e da Corporação Cubanacán no próprio Anhembi.
- Encontro com mais de 1 300 ativistas das comunidades cristãs de base do Brasil, principalmente deste Estado. Este foi presidido pelos teólogos Frei Betto, Leonardo Boff, Milton Schwantes, pastor luterano e Tânia Marra, pastora metodista.
- Jantar em sua homenagem oferecido pelo governador Quércia no Palácio do Governo, no qual também esteve presente o presidente nicaraguense Daniel Ortega e autoridades estaduais, políticas, parlamentares e de outros setores sociais, financeiro e do comércio.
- Encontro com Luiza Erundina, prefeita da cidade e Eduardo Suplicy, presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo.
- Entrevista para a TV Cultura, programa "Roda vida", na qual participaram seis jornalistas dessa emissora e outros meios da imprensa paulista.
- Visita e almoço na casa de Luis Ignácio *Lula* da Silva, líder do Partido dos Trabalhadores (PT), no município de São Bernardo, com vários dirigentes do Partido. Na saída conversou com muitas pessoas que se concentraram nas proximidades para cumprimentá-lo e também com um grupo de jornalistas.
- Encontros com aproximadamente 100 dirigentes dos novos partidos e movimentos de esquerda e das Centrais de trabalhadores no Palácio das Convenções do Anhembi.
- Entrevista coletiva, também no Anhembi, com a participação de mais ou menos 100 jornalistas, principalmente do mesmo Estado.

- Encontro com mais de 800 intelectuais brasileiros em cuja presidência se encontravam os escritores Antonio Calado, Antonio Cândido, Fernando Moraes e o músico Chico Buarque de Holanda. Também estavam presentes os cubanos Roberto Fernández Retamar, presidente da Casa das Américas e Abel Prieto, presidente da UNEAC. Nesta reunião foi lido um documento de saudação a Fidel e assinado por uns 300 escritores, artistas e cientistas.

Rio de Janeiro (19)

- Saudação por Wellington Moreira Franco, governador do Estado e outras autoridades estaduais.
- Visita à Fundação "Oswaldo Cruz", importante centro de pesquisas que compreende a Biologia, Tecnologia, Engenharia Genética, Química, Medicina e outras áreas, onde foi recebido por seu diretor Akira Homma e falou aos cientistas e trabalhadores dessa instituição.
- Visita à poderosa Rede Globo (com umas 100 empresas dos setores da imprensa, comunicações e eletrônica), onde conversou com Roberto Marinho, seu presidente e outros membros da direção como Joaquim Falcão e Pedro Carvalho.
- Encontro com empresários do Estado do Rio.
- Visita a Leonel Brizola, ex-governador desse Estado e presidente do Partido Democrático Trabalhista, em sua casa na zona residencial de Copacabana, onde conversou com ele e outros dirigentes do PDT, Siviles Vianna, secretário geral e Bocaiúva Cunha, secretário de Relações Internacionais; Roberto D. Ávila, vice-prefeito da cidade; Neiva Moreira, diretor da revista *Cadernos do Terceiro Mundo* e familiares de Brizola.

- Jantar em sua homenagem oferecido por Wellington Moreira Franco no Palácio das Laranjeiras, residência do governador. Estiveram presentes autoridades estaduais, personalidades políticas, intelectuais e de outros setores. Participaram, também, várias pessoas que conheceu em sua visita anterior ao Rio de Janeiro, há quase 31 anos. Nesta última atividade em terras brasileiras falaram Moreira Franco e Fidel, que contou passagens de sua viagem a este estado em 1959 e fez um resumo de sua estadia no Brasil.

Discurso pronunciado pelo Comandante-em-Chefe Fidel Castro Ruz no ato de entrega do Prêmio Estado de São Paulo ao etnólogo Orlando Villas Boas, realizado no Memorial da América Latina, em São Paulo, Brasil, em 17 de março de 1990

Estimados amigos da presidência,
Estimados convidados,
Queridos amigos de São Paulo e do Brasil:

Aqui poderíamos falar sobre muitos temas, mas o tempo é curto. Por isso tentarei ser breve, embora nem sempre o consiga.

Quero recordar — já recordei bastante hoje de manhã — a primeira notícia que tive do Memorial da América Latina. Foi quando o governador Quéricia visitou nosso país. Realizamos várias reuniões, conversamos muito e realmente conseguimos estabelecer uma boa comunicação, que resistiu a prova do tempo, independentemente das idéias políticas num sentido ou em outro, das concepções econômicas e sociais. Realmente sobre isto não discutimos muito e, contudo, pudemos descobrir que havia muitos interesses comuns entre o Brasil e Cuba, entre São Paulo e Cuba, entre os povos da América Latina, o Brasil e Cuba.

Falamos de muitos temas, porque há tarefas de governo que saem do marco estreito das concepções políticas ou filosóficas: os fenômenos do desenvolvimento, problemas como os que Daniel mencionou aqui sobre a enorme Dívida Externa que, no caso do Brasil, soma-se também a uma grande Dívida Interna. As diversas formas por meio das quais saqueiam nossos países, a forma em que nos impõem as coisas, a forma em que procuram nos dominar, a forma em que procuram nos doutrinar, são problemas reais que sofremos os países da América Latina e do Terceiro Mundo, independentemente das ideologias políticas.

Há temas como a Educação, por exemplo, que é uma necessidade de todos nossos países e sobre a qual os dirigentes latino-americanos podem falar muito e trocar experiências. Temas como a Saúde, algo tão vital para nossos povos, é um tema sobre o qual podemos falar, chegar a critérios comuns, trocar experiências e fazer muitíssimas coisas. E assim por diante, há muitas tarefas e muitas atividades sobre as quais estivemos conversando o Governador de São Paulo e eu em nosso país.

Falei muito com ele de algumas experiências recentes, como a de uma nova instituição de Saúde criada em Cuba, que é a do Médico de família e que, do meu ponto de vista, é uma das maiores inovações feitas no campo da Saúde e na qual nosso país teve o privilégio de tomar a iniciativa.

Pouco tempo depois tive o prazer de saber que em São Paulo se estava tentando essa experiência e se tinha construído alguns consultórios com o médico de família, com uma concepção muito parecida à de nosso país. Por isso, realmente, eu gostaria, embora fosse no caminho para o aeroporto ou em qualquer momento, passar por algum desses consultórios do médico de família, que pareceu-me uma boa idéia e era um exemplo de como a experiência de um país pode ser útil em outro. Estou muito interessado em conhecer como tem funcionado essa experiência. Em nosso país iniciamos com 10 médicos há menos de seis anos e já temos 10 000 nesse programa. Isto prova a infinidade de formas de colaboração que existem, e podem existir, entre nossos países.

Naquela ocasião, ele me falou muito deste Memorial que estavam construindo, explicou-me as características gerais, disse-me quem estava trabalhando e que os projetos arquitetônicos eram da autoria de Niemeyer. Falou-me muito. Não somente disso, mas também fez-me a honra de me convidar para a inauguração do Memorial. Realmente gostei muito do convite, mas, embora as relações diplomáticas tivessem se estabelecido, não tínhamos atingido um nível de desenvolvimento tal que nos permitisse, ao Governador de São Paulo e a mim, combinar a viagem a São Paulo, porque realmente eu não podia viajar a São Paulo sem viajar ao Brasil. Não se pôde concordar com todas as partes necessárias para poder assistir à inauguração.

Ele tinha uma outra idéia muito boa, que eu encorajei, isto é, que à inauguração se convidasse o maior número possível de dirigentes latino-americanos, e que a inauguração se tornasse numa

reunião, na realidade. E tudo isto relacionado com o que esta obra simboliza e o que esta obra propõe de aproximação, de intercâmbio, de unidade, de integração entre os povos da América Latina. Idéia que todos compartilhamos, com a qual todos concordamos, em geral, embora alguns de nós com mais convicção e mais profundidade. Eu havia assistido a várias reuniões, motivadas pela tomada de posse de diversos governos nos dois últimos anos e sempre me pareceu uma coisa extraordinária, quase absurda, que os dirigentes dos países latino-americanos jamais se reúnam e me perguntei muitas vezes porquê não se reúnem.

Temos experiências de nossas relações com a África e os dirigentes africanos se reúnem, pelo menos, duas vezes por ano. Os da Europa já se reúnem quase todos os meses e os únicos que não nos reunimos nunca somos os latino-americanos, os únicos! Os latino-americanos, infelizmente — e este é um fato histórico — somente nos reunimos quando nos convocam a Washington ou nos convocam os Estados Unidos. É a realidade histórica. Basta que um presidente dos Estados Unidos mexa um dedo, convide e todo mundo sai para Washington, embora seja uma reunião improvisada.

Os latino-americanos nunca se reúnem e eu tenho dito isto a muitos dirigentes: por que não nos reunimos, se temos problemas muito sérios, problemas muito comuns que solucionar. Por que não nos reunimos para discutir sobre a Dívida. Porque nem a Dívida, que é um verdadeiro desastre, tem sido capaz de promover uma reunião de dirigentes latino-americanos.

A necessidade da Nova Ordem Econômica Internacional, a necessidade de acabar com a pilhagem de nossos povos, nem sequer isso tem sido capaz de nos reunir. Reúnem-se grupos, cinco ou seis e excluem os outros. Formam o Grupo de Cartagena, o Grupo dos Oito e ninguém ousa dizer: “Venham todos, vamos nos reunir todos”, como nos reunimos nas Nações Unidas, ou como nos reunimos no Movimento dos Países Não-Alinhados. Por isso temos lutado sempre e falado destes problemas.

Na realidade, eu sei que não nos reunimos porque, infelizmente, ao longo das décadas, quase de séculos, temos criado o hábito da submissão e da obediência. Quem não quer que nos reunamos nunca são os Estados Unidos e não pudemos sair desse complexo, não soubemos nos atrever, e embora nos atrevamos cada vez a mais coisas, ainda não ousamos sequer nos reunir.

Nos últimos tempos temos nos visto todos nestas cerimônias de sucessão presidencial e tem sido útil, mas em nenhum desses casos, sequer, nem por duas horas, realizou-se uma reunião entre todos. Falamos de integração, falamos de unidade, e estamos longe de atingir esses objetivos se, realmente, não começamos sequer por nos reunir. Eu vi essa intenção, vi esse objetivo e vi, inclusive, essa possibilidade de que talvez a inauguração deste Memorial, tão simbólico, poderia ser o motivo de uma reunião deste tipo para que começássemos a falar em termos coletivos, em termos econômicos e em termos políticos.

São as coisas que eu recorro daquelas conversas e o grande interesse que despertou em mim esta obra.

Agora, seguindo uma linha e independentemente das concepções políticas e a partir destes interesses comuns, fizemos a viagem ao Brasil. Imediatamente o Governador, e já mais de uma vez o tinha recordado, falou-nos do convite, expressou-nos o seu desejo de que fôssemos a São Paulo. Também no Rio nos falaram disso, manifestaram o desejo de que, aproveitando a viagem, fôssemos ao Rio. Eu duvidava se isso era realmente razoável, se era prudente que eu ficasse mais três dias para cumprir esses convites. Mantenho o critério de que uma pessoa sempre deve ir embora um minuto antes e não um minuto depois. É preferível sempre sair antes e não cansar, não entediar, não dar a impressão de que vamos fazer uma viagem sem fim, porque estas viagens sempre dão trabalho, provocam aborrecimentos e preocupações.

De qualquer maneira, analisando bem a situação, pedindo conselho a cubanos, brasileiros e amigos, disseram-me: "Considera-se normal que quem faça este tipo de visita possa ir também a esses dois estados, são dos mais importantes, são muito representativos do país e não se consideraria nada anormal o fato de prolongar a visita para poder cumprir com esses convites". Por isso temos o privilégio de visitar São Paulo. Não é a primeira vez, porque há muito tempo, em 1959, — quando eu era um recém-nascido e a Revolução não tinha nem três meses —, embora nós nos considerássemos muito revolucionários, éramos uma espécie de matéria-prima em bruto. Não sabíamos nada e o pior de tudo é que pensávamos que sabíamos muitíssimo. Nessa época fizemos uma visita muito rápida a vários países: estivemos nos Estados Unidos, Canadá, aterrizamos em Brasília, que se estava construindo, quase terminando. Já, então, comecei a me familiarizar com as obras ex-

traordinárias de Niemeyer. A cidade era muito pequena, não era o que é agora. Depois estivemos aqui numa escala, muito breve. Seguimos para a Argentina, lá havia uma reunião, ficamos poucos dias e depois voltamos e passamos pelo Rio de Janeiro, antes de regressar a Cuba.

E agora, depois de 31 anos, estou aqui. Acho que posso apreciar tudo muito melhor, acho que posso meditar muito mais, acho que posso aproveitar cada minuto de minha estadia neste país.

Dizem que a experiência é aquilo que quando se necessita não se tem e quando se tem já não se necessita. Quero aproveitar este pouco tempo em que ainda a experiência possa me servir de alguma ajuda.

É imprescindível dizer que o Memorial tem me impressionado muito. Eu o vejo como uma grande concepção. É uma obra extraordinária e também posso ver como cada vez adquire mais prestígio no Brasil e no mundo.

Tivemos a oportunidade de ver o que era a biblioteca, a sala histórica, que é como uma catedral, a sala das criações. Em pouquíssimo tempo e rodeado de amigos e de jornalistas, pudemos ver algumas coisas, assinar alguns dos livros, e também sentimo-nos comprometidos a colaborar modestamente com o festival.

Explicavam-me que eles adquiriram livros no México, em diferentes lugares; que estão interessados numa boa coleção sobre Cuba com o material que sirva para estudos sobre nosso país. Eu lhes disse que não era preciso comprá-los, que era um dever elementar nosso, uma satisfação e uma honra para nós poder doar a parte correspondente a Cuba nessa biblioteca.

Também pensamos doar toda a coleção de música que querem ter sobre Cuba e sempre estaremos dispostos a colaborar com esta magnífica obra, em atividades culturais, como enviar grupos de artistas ou conjuntos como o Ballet Nacional quantas vezes vocês o considerem adequado. Desse modo, nós nos sentimos, sinceramente, parte desta instituição e nos consideramos no dever de colaborar com ela.

Agora, nesta ocasião, o acaso quis que a sucessão presidencial e a visita ao país coincidissem com o primeiro aniversário desta instituição e coincidissem com essa justíssima distinção que vocês deram a um homem que passou toda a vida praticamente fazendo uma das coisas, talvez, mais humanas que se possa fazer no momento atual.

O prêmio é o reconhecimento a Villas Boas, essa figura conhecida não só no Brasil, mas no mundo.

Infelizmente não podia ouvir bem o que ele dizia, talvez sejam os microfones, pela posição em que estão os alto-falantes. Espero poder lê-lo depois, porque acredito que estava dizendo coisas magníficas e nós não podíamos ouvir, mas eu pensava como era humano esse trabalho.

E por que se tornou uma coisa tão humana fazer essa obra como a que ele fez? É porque lutou toda sua vida para salvar do extermínio o que ficava daquilo que havia, um extermínio que começou há quase 500 anos. Começando porque nos descobriram, o objeto que tinha que ser descoberto, como se nós não tivéssemos descoberto ninguém e como se nós não tivéssemos descoberto a injustiça, o espírito de conquista, o espírito de pilhagem, o espírito de opressão que nossos povos viveram durante quase 500 anos.

Na verdade, tenho muitas dúvidas sobre todas essas questões relacionadas com o "famosíssimo" 500º aniversário. Não sinto um entusiasmo especial por esse 500º aniversário, com tudo o que digam, embora estejamos dispostos a compartilhá-lo se não se converte na apologia da conquista e da escravidão, que foram duas coisas que estiveram muito ligadas à "famosíssima" descoberta. Há séculos inteiros de abusos, de crimes, de pilhagem. Os índios foram escravizados, exterminados em muitos lugares e explorados durante séculos.

Preocupa-me profundamente essa apologia que se quer fazer da conquista, da escravidão e do colonialismo porque não percebo uma autocrítica histórica de tudo o que aconteceu e não pode haver apologia ou celebração dos cinco centenários famosos, do meio milênio, sem uma profunda autocrítica, por razões não somente históricas, mas inclusive, por práticas relacionadas com nossas vidas, porque hoje existe novamente quem nos olha como os conquistadores olharam os índios, quem quer nos conquistar de novo e quer nos colonizar de novo e, de fato, vêm nos colonizando. E, às vezes, imagino que venham os novos conquistadores, nos conquistem, nos escravizem, exterminem a uma parte dos que hoje vivemos aqui neste hemisfério, violem as mulheres e façam todos os horrores que fizeram os conquistadores, e que dentro de 500 anos nossos descendentes estejam celebrando o meio milênio da nova conquista.

Simplesmente não posso compreendê-lo e é a posição que temos tido nesse sentido. Eu o disse mais de uma vez, isso nos causou mais de um problema em nossas relações internacionais, a respeito daqueles que são extremamente "sensíveis" a qualquer opinião sobre o significado da conquista.

Não somente os índios do Brasil precisam de proteção e precisam de muitos Villas Boas que os compreendam e os protejam, mas os novos índios temos hoje uma necessidade histórica de que nos compreendam e de que nos ajudem.

Não queremos ser os novos índios, mas se não nos unimos, se não colaboramos entre nós, se não nos integramos, inclusive, se não nos unimos politicamente num futuro próximo, seremos os novos índios do mundo atual.

Isso se pode demonstrar matematicamente. Não há futuro para nossos povos, inclusive um grande país como o Brasil, de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, com um desenvolvimento industrial importante, precisa do apoio e da integração do resto da América Latina. Todos nós necessitamos isso sem exceção! É claro que os países pequenos o necessitam muito mais e nos perguntamos que futuro temos no mundo de hoje e no de amanhã. Um continente totalmente fragmentado, que possibilidades de sobrevivência tem? Que possibilidades econômicas tem um país isolado, dependendo somente de seus recursos?

Daniel explicava como discutiram a Dívida, um por um. Eles se unem no Fundo Monetário, no Banco Mundial, no Clube de Paris e, contudo, exigem discutir com cada um de nós. Eles formam uma poderosa falange para discutir com cada um dos países os problemas econômicos. Obrigam a nossos povos a aceitar as condições, as piores condições. Essa é a estratégia que seguiram e que seguem. Suas economias prosperam, porque quando o dólar cai, o iene, a lira, a *peseta* espanhola, a libra esterlina, o marco alemão, o franco francês, todos correm a apoiá-lo. Um e outras se sustentam e se apoiam, economias desenvolvidas e poderosas, mas quando o cruzado cai, ou o austral cai, ou o bolívar venezuelano cai, ou o peso colombiano cai, ninguém corre para ajudá-los. Nenhum banco de outro país vai espontaneamente depositar milhões para salvar os países da inflação.

Onde vamos chegar por estes caminhos? Tornamo-nos em exportadores líquidos de capital. Estamos como na época que nos conquistaram e começaram a explorar as minas de ouro e de prata,

a levar o ouro e a prata com que acumularam as riquezas que possibilitaram o desenvolvimento do mundo industrializado.

Sim, quem são esses atuais países industrializados? As antigas metrópoles coloniais. E de onde saíram os recursos? De nossos países, quer em forma de mineral, quer em forma de plantações. Nós os fizemos ricos e agora são riquíssimos, mas continuam nos explorando por mil vias diferentes.

Saqueiam-nos por vias muito diversas, através dos juros de usura ou do intercâmbio desigual, em virtude do qual compram cada vez mais barato nossos produtos e nos vendem cada vez mais caro suas bugigangas, além das medidas protecionistas, das tarifas alfandegárias e quotas, milhares de formas! Os brasileiros o sabem, os latino-americanos o sabem muito bem. Tiram-nos o dinheiro, mas tiram-no também de outras formas, que são invisíveis, através da fuga de capitais. Numa situação de inflação crônica em cada uma das economias da América Latina — e a de menos inflação tem entre 18% e 20% ao ano, e a que mais tem é de 3 500% ao ano. Há muitas economias que têm 500%, 700%, 1 000%, 1 500% de inflação ao ano —, como pode haver estabilidade econômica? Como podem reter os capitais? De maneira que aquele que tem a moeda de seu país corre desesperadamente a trocá-la por dólares para protegê-la, porque o dólar está protegido e se retira o dinheiro do país. Se se adotam medidas para preservar esse dinheiro através do pagamento de juros elevados, então esse dinheiro que não se retira não se investe em fábricas, mas investe-se em operações especulativas, não na produção. De maneira que quando se fala de unidade e de integração, está se falando de questões que são vitais para o futuro de nossos países.

Se um matemático calcula o que se extraía daqui na época da conquista e da colônia durante um século, poderia demonstrar-se que hoje, cada ano, as antigas metrópoles tiram-nos tanto como nos tiraram durante um século.

Basta fazer o cálculo. Antes levavam toneladas de ouro, toneladas de ouro! Quando levavam 10 ou 20 toneladas de ouro cada ano atravessando os mares organizados em frotas e perseguidos pelos piratas; quando levavam 10 milhões em ouro era uma cifra fabulosa. Porém, sabemos mais ou menos quanto vale o ouro; aumenta e diminui mas, em geral, seu preço deve estar ao redor dos 10 milhões — não sei se neste momento chega a 10 milhões de dólares, de modo que quando nos tiram um bilhão estão nos

tirando 100 toneladas de ouro; quando nos levam 10 bilhões estão nos tirando 1 000 toneladas de ouro e quando temos uma perda líquida, ou uma exportação líquida, ou uma entrega líquida de 30 bilhões, estão tirando do nosso esforço, do nosso trabalho, do nosso suor, o suor de milhões de latino-americanos, 3 000 toneladas de ouro ao ano.

Todo o ouro que se produz no mundo acho que não chega a muito mais de 1 000 toneladas, entre o que produzem os sul-africanos, os soviéticos, os brasileiros e todos, não chega a muito mais de 1 000 toneladas. Toda a produção não deve ser superior a isso. Se temos uma extração líquida em dólares — sem contar a fuga de capitais — equivalente a 3 000 toneladas de ouro por ano, essa é uma pilhagem muito maior que a existente na época da colônia e novamente nós estamos financiando o desenvolvimento dos países desenvolvidos, dos países ricos e eles serão então super-ricos no futuro, na medida em que nós vamos ser cada vez mais pobres.

Não estou lançando lemas. Se vocês procuram os relatórios e as estatísticas que os bancos publicam, o Banco Mundial, o Fundo Monetário, as próprias instituições das Nações Unidas, ou se vocês lêem as informações da Organização Mundial da Saúde ou da UNICEF, aparecem dados aterrorizantes.

Não vou citar muitas cifras, mas quero mencionar um exemplo: cada ano morrem em nosso hemisfério 700 000 crianças que poderiam salvar-se e não se salvam, pois não há medicamento para salvá-las, nem médico para salvá-las, nem vacina para protegê-las. O diretor da UNICEF explicou-me pessoalmente isso, exatamente com estas palavras: "Se os demais países da América Latina já tivessem o índice de Saúde que tem Cuba, 700 000 crianças seriam salvas cada ano".

Se se analisam os índices de nutrição, de habitação, de condições de saúde em geral — porque estamos falando dos que morrem —, há uma cifra que causa terror: as crianças que morrem entre 0 e 5 anos são aproximadamente 85 para cada 1 000 nascidos vivos; isto é, nessas idades, antes de chegar aos 5 anos, porque aos que não morreram no primeiro ano é preciso acrescentar os que morrem no segundo, no terceiro e no quarto, etc. A isto deveriam somar-se as terríveis conseqüências da desnutrição, em muitos casos, em que condições crescem, com que coeficiente de inteligência, quando não receberam toda a alimentação necessária, e essa cifra, longe de melhorar, piora. Isso é o triste, isso é o terrível, que piora.

Esse é o mundo que eles querem oferecer aos latino-americanos e acho que, realmente, temos que tomar consciência disso.

Discutindo com os jornalistas, digo-lhes: E por que não pensamos na essência, no fundo dos problemas? Porque não somente nos exploram, nos desinformam de um modo terrível. Fico admirado pela ignorância que há sobre muitos problemas; pelas perguntas que nos fazem sobre Cuba, compreendemos que existe uma ignorância enorme, posso percebê-la nas perguntas dos jornalistas. E tenho que falar e explicar e muitas vezes os estimulo a aprofundar nos problemas reais: Não se deixem levar pela propaganda do império, dos que nos saqueiam. Não se deixem iludir, não se deixem confundir, não façam o jogo deles.

Muitos amigos nos dizem: Vocês devem informar mais sobre o que acontece em Cuba. Eu digo: Sim, nós queremos, mas com quê? As agências de informação, os meios de comunicação de massa são muito poderosos, manipulam bilhões todos os anos; são os informantes do mundo, enquanto o mundo não sabe o que está acontecendo em nossos países. E nos dói, realmente, quando vemos como desinformam e iludem, nesta era moderna das comunicações, porque simplesmente os grandes meios de informação do mundo estão nas mãos deles, estão nas mãos deles! E é difícil conhecer a verdade. São realidades.

Além disso, procuram nos separar, procuram nos dividir: a melhor forma de nos submeter, de nos explorar; procuram que nossas nações sejam como as tribos que os conquistadores descobriram aqui, porque era muito mais fácil estabelecer o domínio sobre nossos povos. Estas são as realidades.

Gostaria de lhes falar sobre Cuba, mas não é preciso. Tenho falado não sei com quantos jornalistas, tenho respondido não sei quantas perguntas. Desculpem se não tenho falado um pouco sobre Cuba.

Permitam-me, simplesmente, dizer que Cuba está firme e que Cuba não será tão fácil de se submeter como acreditam os Estados Unidos.

Ao calor dos acontecimentos no Leste Europeu — ignorando que em nosso país há uma revolução autêntica que não importamos de nenhum lugar, mas que a fizemos nós e também a temos defendido durante 30 anos perto do país mais poderoso da Terra, que nos tem bloqueado e fustigado —, tem-se desenvolvido uma consciência patriótica profunda, um espírito revolucionário firme, um povo

combativo e consciente, um povo unido, organizado, treinado e armado, que não será fácil de apanhar assim com as mãos, do mesmo modo que não se pode apanhar um vespeiro com as mãos. Um povo que não é um castelo de cartas, mas que é feito de aço e portanto, terão que esquecer suas ilusões. Porque apesar das dificuldades de um tipo ou de outro, ou das dificuldades surgidas de todas essas transformações, que hoje tornaram alguns desses países aliados do império, nós estamos preparando nosso país para resistir em qualquer condição, em qualquer! Inclusive em caso de situação especial em tempo de paz. O esforço de nossa nação está dirigido a isso.

A única coisa que queria dizer-lhes sobre Cuba é: Confiem em Cuba! Cuba, naquela trincheira, não está defendendo somente sua própria soberania: nós acreditamos que daquela trincheira estamos defendendo também os interesses dos demais povos da América Latina.

Alguns dias antes de sua morte em combate, José Martí, numa carta a um amigo, escreveu uma idéia extraordinária. Ele dizia que em silêncio tivera que ser, que tudo o que fez até esse momento e faria, era para impedir, com a independência de Cuba — essa Cuba da qual queriam apoderar-se os ianques —, que os Estados Unidos se estendessem com uma força mais sobre os povos da América. A citação não é textual, mas a idéia era esta.

Estamos conscientes de que defendemos idéias justas, causas justas; estamos conscientes de que defendemos também os nossos irmãos da América Latina, porque se eles esmagam aquela trincheira, sua valentia já não teria limites. Se agora ousam fazer a guerra suja contra a Nicarágua, que custou a vida de milhares de nicaraguenses, impondo-lhes condições terríveis para desenvolver seu processo revolucionário, arruinando sua economia, impondo ao povo sacrifícios de todo o tipo, condições nas quais se viram forçados a aceitar o desafio do processo eleitoral; se hoje fazem isso, se invadem o Panamá, se querem bloquear a Colômbia, se já querem enviar soldados a toda parte para estabelecer a ordem interna, nós compreendemos que uma derrota de nosso país seria um dano terrível para os demais povos da América Latina e também para o Terceiro Mundo.

Nós temos muitas relações com o Terceiro Mundo. À medida que nos isolaram, e isolaram-nos, inclusive, da própria América Latina, nossas relações se desenvolveram com outros povos de ou-

tros continentes; com os da África, por exemplo. Ali, milhares de nossos compatriotas cumpriram missões internacionalistas lutando contra a invasão externa, lutando contra as tropas da África do Sul que representavam o *apartheid*; ali combatemos junto com os irmãos angolanos, num país que fala a mesma língua que o Brasil, que sente muito carinho, muita simpatia pelo Brasil. Ali estivemos quase 15 anos sem hesitar nem sequer um segundo, até cumprir os objetivos: garantiu-se a independência da Namíbia e iniciou-se um processo, na nossa opinião, irreversível, no desaparecimento do *apartheid* na África do Sul.

Companheiros e amigos, é possível que vocês tenham preocupações sobre nosso país. Em dias recentes, os presidentes da Venezuela e da Espanha falaram-me dessas preocupações, manifestando-as publicamente, e como nós temos o lema Pátria ou Morte, eles disseram que a estratégia do futuro de Cuba não deve ser a resistência. Falam de Sagunto, de Numância, de um holocausto, e a um espanhol que me fez a pergunta na entrevista coletiva, eu lhe perguntei de onde era e disse-lhe: "Quantos morreram na defesa de Zaragoza na invasão napoleônica? Quantos morreram na sua luta de independência? Nesse momento, vocês não se lembraram de Sagunto nem de Numância, mas decidiram defender a Pátria a qualquer custo, e por isso conseguiram derrotar a invasão napoleônica".

Na realidade, ninguém pode vir nos falar de Sagunto e de Numância. Em primeiro lugar, porque preferimos não existir antes de ser escravos e voltar a ser dominados pelos Estados Unidos, e em segundo, porque não vamos deixar de existir. Se nos agridem, estamos muito bem preparados e podemos cobrar-lhes um preço tão alto, que não somente seremos capazes de resistir, mas também de vencer.

Muito obrigado ao governador Quércia, muito obrigado a Niemeyer, muito obrigado a Fernando Moraes, muito obrigado ao professor Villas Boas, muito obrigado aos convidados, muito obrigado a todos, não somente pelos momentos agradáveis e emocionantes que nos fizeram viver hoje, mas também pela paciência com que tiveram a amabilidade de nos ouvir.

Até breve.

Encontro do Comandante-em-Chefe Fidel Castro Ruz com as Comunidades Cristãs de Base do Brasil, no Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo, Brasil, em 17 de março de 1990

FIDEL CASTRO — Supliquei para que me permitissem dizer algumas palavras antes de começar as perguntas e poder explicar-lhes que nos sentimos envergonhados pelo fato de vocês ficarem esperando aqui. Nós temos tentado cumprir o programa e fizemos todo o possível. A visita ao Memorial se prolongou. Em seguida houve uma cerimônia, além de quatro discursos e, entre eles, coube a mim pronunciar um. Começamos o dia muito cedo, viajamos de Brasília para cá e depois se supunha que havia um almoço, se supunha! Tempo livre. Mas quando olhamos o relógio, tivemos que sair correndo para encontrar-nos com os empresários, pois tínhamos uma reunião com eles. Terminada a reunião, saímos correndo porque aqui não há rotas de ônibus e isso seria necessário para percorrer este edifício, é interminável. Sabia pois, que vocês estavam aqui e pergunto: "Desde que horas?" Dizem-me: "Desde tal hora". E eu digo: "O que é isso?" Vínhamos, realmente, envergonhados porque vocês estiveram esperando durante horas neste lugar.

Ao entrar tive uma grande impressão quando vejo este salão, repleto como está e vejo vocês. Vejo o espírito, a energia, o entusiasmo, a fé e a alegria de vocês.

Fiquei muito impressionado ao escutar os cânticos. Disseram-me que vocês estiveram cantando durante horas. Emocionou-me, também, quando Frei Betto leu a denominação dos diferentes grupos que aqui estão representados, pareceu-me ser um grande movimento, com muita força. Agora compreendo o entusiasmo permanente com que ele me falava deste movimento cristão no Brasil, das Comunidades de Base e das distintas organizações.

Agradeço muito as palavras daqueles que falaram: o protestante, o irmão Boff e me pediram para falar. Sim, eu estou disposto a falar e explicar a vocês tudo o que seja possível no espaço de tempo de que dispomos, porque nos disseram que seria até as 18:00h, e que a essa hora havia outra pessoa que alugara este local e que em outro salão havia um *show* de roque ou qualquer outra coisa. Enfim, temos o tempo relativamente limitado. Porém tentarei responder o melhor e mais brevemente possível as perguntas que me fizerem, ou qualquer outra que surja, ou que me ocorra.

Vamos passar a palavra à companheira.

FREI BETTO — *A companheira Tânia vai dirigir as perguntas das pastoras da Igreja Metodista.*

TÂNIA — *Todas as perguntas que nos foram entregues depois serão entregues ao companheiro Fidel Castro.*

Em algumas perguntas selecionadas há alguns aspectos que aparecem em todas.

Temos uma seqüência de oito perguntas. Solicito aos companheiros que à medida que se leiam os nomes, aproximem-se para fazê-las.

A companheira Elena Maria Resende e a companheira Davina farão a primeira e a segunda perguntas, uma após a outra, no microfone que está aqui ao lado.

Pedimos ao companheiro Juvão, do movimento negro, que também se aproxime para fazer sua pergunta em seguida.

MARIA ELENA — *Companheiro Fidel, como os cristãos podem melhor contribuir nos processos revolucionários na América Latina e dar continuidade a esse processo em Cuba?*

DAVINA — *Companheiro Fidel, em suas celebrações, os nicaragüenses dizem que entre cristãos e revolucionários não há contradição, que entre cristianismo e revolução não há contradição. Nós gostaríamos de saber por que não há cristãos no Partido Comunista.*

FIDEL CASTRO — Em primeiro lugar, quero saber se vocês entendem meu espanhol. Se falo devagar, vocês o entendem.

Primeiramente, devo dizer que as duas perguntas são difíceis.

A primeira, no que se refere ao papel dos cristãos na liberação da América Latina. Devo ser cuidadoso, como visitante que sou aqui no Brasil, visitante na América Latina, não posso aparecer como um incendiário, tenho que falar com muito cuidado.

Vou dizer, em primeiro lugar, que este hemisfério, sim, necessita mudanças, não podemos continuar como estamos.

Esta manhã, no Memorial, outorgou-se um prêmio a um famoso antropólogo, Orlando Villas Boas — acho que vocês o conhecem —, que passou 50 anos entre os indígenas, estudando-os, ajudando-os, protegendo-os. Eu fazia uma análise histórica com relação ao que ocorreu durante séculos neste hemisfério e dizia que agora temos novos descobridores, pessoas que nos querem descobrir outra vez, que nos querem conquistar e explorar novamente.

Referia-me também ao meio milênio do chamado Descobrimento da América, tudo o que aconteceu ao longo de séculos. Por isso, o esforço deste cientista tinha tanto conteúdo humano, mas que agora necessitávamos muitos Villas Boas para nos compreender e nos defender, porque somos os novos índios deste hemisfério.

Quando analisávamos a situação social e econômica dos nossos povos, manifestava que o nível de exploração é maior e que nossos povos tornaram-se, essencialmente, exportadores líquidos de capital para os países ricos, que nos exploraram durante séculos, aqueles que se enriqueceram com nosso suor e nosso sangue e ainda hoje continuam nos explorando. Eu dizia que hoje, talvez a cada ano que passa, de nosso suor, nossos esforços e nossos sacrifícios, extraem de Nossa América mais ouro que antes extraíam em um século. Quase me atreveria a dizer que mais ouro do que extraíram em três séculos. E fazia um simples cálculo matemático de que hoje uma tonelada de ouro vale, no mercado mundial, 10 milhões de dólares — pode ser mais ou menos — quando sabemos que o capital líquido sai da América Latina como consequência da Dívida, somente como consequência da Dívida, ou juros da Dívida, ou remessas de capital, sem contar o dinheiro que se retira, porque as pessoas trocam a moeda do país em dólares e a levam, isso num hemisfério que tem que desenvolver-se, que tem que resolver esses problemas, dos quais falava Boff, para que haja casas, para que haja professores e médicos, para que haja escolas. O que nos levam equivale a 3 000 toneladas de ouro por ano. Enquanto as crianças morrem doentes. Na América Latina morrem 700 000 crianças antes de completar um ano. 700 000 crianças que poderiam ser salvas.

No espaço de tempo que estamos aqui reunidos, muitas crianças que poderiam se salvar estão morrendo. Não falo daquelas que não se pode salvar, mas das crianças que poderiam ser salvas. Se as bombas de Hiroshima e Nagasaki mataram cerca de 100 000 pessoas cada uma, é como se sobre as crianças da América Latina se lançassem sete bombas como aquelas, cada ano.

Falo das crianças menores de um ano. Podemos acrescentar as crianças que morrem entre 1 e 5 anos. A cifra da América Latina das que morrem entre 0 e 5 anos é de 85 crianças em cada 100 nascidas vivas.

As que poderiam salvar-se, com um índice de mortalidade infantil similar ao de Cuba, seria cerca de 700 000. Nosso índice é de 11,1, e o índice, somadas as que morrem até os cinco anos, no total, é de 13,5 em cada 1 000, aproximadamente. O nível de mortalidade infantil na América Latina é de 80 ou 85. É preciso perguntar por quê?

Respondendo a não sei quantas perguntas de todo o tipo que me fizeram nestes dias, talvez vocês tenham escutado algumas respostas quando faziam perguntas sobre Cuba, perguntas que representavam uma grande ignorância sobre Cuba. Os meios de comunicação de massa manipulam até o que pensamos e até o que sabemos nos exportam e nos inculcam. Enchem-nos a cabeça de mentira e desinformação através do monopólio desses meios de tal maneira que a pessoa fica assombrada com a ignorância que há entre os povos, em relação ao outro e a enorme ignorância que há sobre Cuba. Bem, que significou o socialismo em nosso país? Simplesmente, resolver em 30 anos, problemas que a América Latina não resolveu em 200 anos. Por que não nos perguntamos quais são as causas? Uma reflexão deste tipo conduz, inevitavelmente, à conclusão de que é necessário fazer mudanças, resolver esses problemas.

Se começamos a falar, não de Saúde, se falamos de Educação, encontramos fenômenos parecidos. A imensa maioria das crianças da América Latina não chega nem à 3ª série do I grau; a imensa maioria não chega a terminar os estudos secundários ou estudos pré-universitários. Há milhares de crianças ainda sem classes e sem professores na América Latina.

Falávamos das crianças que morriam. E o que podemos dizer daquelas que não morrem e sofrem desnutrição? A porcentagem da população latino-americana que sofre de desnutrição é altíssima. Em alguns países mais, outros menos e em alguns chega a 50%, não das crianças, mas da população em geral.

Os médicos sabem quais são as conseqüências no desenvolvimento de uma criança subalimentada, de uma criança desnutrida. Sabem as conseqüências disto no desenvolvimento de sua própria inteligência, de seu potencial mental. O que isso afeta essa pessoa

ao longo de toda sua vida, como reduz as expectativas, como reduz suas possibilidades em todos os sentidos. Quantos sofrimentos e quantas desgraças acompanham todas estas calamidades. E se nossos povos desejam que isso não aconteça, logicamente, é necessário fazer mudanças.

Quando se fala do problema da habitação, sabemos qual é a situação. Na maior parte das capitais latino-americanas, mais de 50% da população vive em bairros marginais. Caracas, capital do país mais rico e de maior renda da América Latina, que produz petróleo e exporta grandes quantidades, tem 60% da população vivendo em bairros marginais. Essa é a realidade e se vê.

Quantos anos se passaram depois de nossa independência? Por que outros países se desenvolveram e os nossos não puderam desenvolver-se? Por que os países ricos, desenvolvidos, não conhecem a dimensão deste tipo de calamidade e os povos da América Latina sofrem por isso? Qualquer um sabe que é impossível enfrentarmos essas realidades enquanto vivamos explorados, saqueados, carregando uma Dívida enorme de centenas de bilhões e tendo que pagar dezenas de bilhões todos os anos, e é uma das tantas vias através das quais se vão nossos recursos.

Eles serão cada vez mais ricos, chegarão a ser super-ricos e nós seremos cada vez mais pobres e estas calamidades se multiplicarão cada vez mais. É por isso que se torna tão evidente a necessidade de mudanças. Mas não somente mudanças são necessárias, é preciso integração. A união de nossos povos, de nossas forças.

Nossos povos não terão futuro se não nos unirmos. Se não nos unirmos teremos um destino pior do que teve a população indígena que os famosos descobridores encontraram aqui. Considerando estas realidades é indispensável a união de nossos povos e também as mudanças.

Felizmente, em nosso país resolvemos esses problemas e apesar de nos faltar muitas coisas por fazer, sempre surgem novas possibilidades, novas esperanças, novas perspectivas e trabalhamos intensamente nesse sentido.

Acredito que vocês e este grupo que aqui veio, estão plenamente conscientes destas coisas. Para que haja mudança é necessário pessoas como vocês e as mudanças de uma forma ou de outra — não falo de violência, falo de mudanças políticas — somente poderão ser feitas por pessoas como vocês. Continuem trabalhando, continuem divulgando esta consciência, continuem lu-

tando. Levem seu exemplo a outras comunidades, a outros países. Tenho certeza de que mais cedo ou mais tarde e, talvez, mais cedo, essas mudanças acontecerão e acho que os cristãos poderão e deverão ter um papel decisivo.

Passo à segunda pergunta que também é difícil: como esse processo pode continuar em Cuba e porque os crentes não estão no Partido Comunista de Cuba. Essas duas coisas estão associadas.

Nós gostaríamos de que esse processo continuasse em Cuba. Isso nos faz falta. Esse processo viria muito bem para nossa Revolução. Vou lhes dizer com toda franqueza, acho que se tivéssemos pessoas como vocês, há muito tempo estariam em nosso Partido.

Infelizmente, não é que não tenha cristãos e bons cristãos. Os problemas em Cuba são de outra natureza. Nós não temos, não tivemos uma igreja dos pobres na igreja que era majoritária, a Católica. Nós não a tivemos e que extraordinária falta nos teria feito e como poderíamos, inclusive, multiplicar a influência de nossa Revolução se assim fosse. Muitos religiosos trabalham com a Revolução e temos o exemplo das freiras que com sua abnegação extraordinária trabalham em hospitais e em diversas obras de muito valor humano. Mais de uma vez as mencionei como exemplo de comunistas. Dissemos ao nosso povo, a todas as pessoas, aos nossos militantes. Essas freiras são exemplos de comunistas e pedimos aos nossos cidadãos que sejam como elas, embora devo dizer que temos milhares de compatriotas que fazem esse mesmo trabalho, em nossas instituições, como resultado dessa generosidade e dessa nobreza, dessa consagração que deve ter um revolucionário, que deve ter as pessoas de sentimentos solidários e humanos. Eu diria que temos milhares de padres e freiras em nosso Partido.

Temos padres e freiras em nosso Partido e não temos crentes. É um paradoxo, realmente. É uma situação da qual gostaríamos de sair e se tivéssemos uma Igreja Católica como a de vocês, nos teria ajudado a sair. Temos também as igrejas cristãs, com outras denominações e com as quais nunca houve nenhum tipo de dificuldade, embora tivéssemos com a hierarquia da Igreja Católica, no princípio da Revolução. Mesmo tendo dito outras vezes, vou reiterar, brevemente, que em nosso país a Igreja Católica era a igreja dos ricos, dos latifundiários, dos fazendeiros. Eu mesmo estudei numa igreja católica. Frei Betto falou muito sobre isso.

Tem havido muitas mudanças. A palavra ecumênica não se mencionava. Um católico não conversava com um protestante, era um grande pecado, um grande pecado! Estava condenado a ir para um lugar onde faz tanto calor como nesse salão aqui. Era uma luta de gato e cachorro. Tem havido grandes mudanças. Fico muito feliz em ver esse respeito, essa compreensão e irmandade entre os cristãos.

A igreja predominante em nosso país desde a colônia era a Católica. Nós fomos o último país em nos liberarmos da colônia espanhola. Quase um século após os demais povos da América Latina. Além disso, mais tarde sofremos a intervenção ianque. O clero era espanhol e pró-espanhol. Esteve contra a independência do país durante décadas de luta heróica e se identificou muito com aquele poder que, realmente, o distanciou do sentimento patriótico dos que lutaram em três guerras pela nossa independência. Quando se estabeleceu a república houve uma independência formal, um escudinho, uma bandeira, mas a situação econômica e social continuou sendo a mesma: veio o neocolonialismo imposto pelos Estados Unidos, os dirigentes do clero continuaram sendo, em sua maioria, espanhóis. Ao longo de toda a república houve uma identificação do clero com esta situação. Não houve uma participação na luta pela liberação do país e não havia um único templo católico no campo. Havia alguns templos locais de outras religiões, mas católico não havia nenhum. O ensino religioso estava fortemente vinculado com os setores ricos, como já falei sobre minha própria formação.

A Religião era ministrada, principalmente, através das escolas de classes privilegiadas. Quando a Revolução triunfa e com ela as leis revolucionárias que afetaram consideravelmente esses setores da sociedade — latifundiários, grandes proprietários de imóveis, burgueses, ricos, banqueiros —, entraram em conflito com a Revolução e tentaram utilizar a Igreja contra a Revolução. Isso provocou atritos, conflitos, antagonismos, distanciamentos. Entendem? E foi o que determinou, no momento em que se funda nosso Partido, o estabelecimento daquela norma com relação ao ingresso no Partido. Não é um princípio, nem deve ser um princípio, nem é irrevogável, mas foi o que se estabeleceu ao longo desses anos.

Houve períodos em que as relações começaram a melhorar. Elas melhoraram por diversos fatores porque sempre fomos muito cuidadosos. Fomos prudentes. Se vinham alguns padres numa invasão mercenária, as punições não eram severas e no mínimo de

tempo possível os colocávamos em liberdade. Quando havia alguma comprovação de um padre envolvido em alguma atividade contrarrevolucionária, fazíamos todo o possível para encontrar uma solução para o problema e se não havia outra alternativa senão punir, ficavam o mínimo de tempo na prisão. Sempre tivemos cuidado especial para que não houvesse nenhum excesso e tivemos o cuidado de ser prudentes ao enfrentar esse problema. Demos absolutas garantias à Igreja Católica e a todas as igrejas do nosso país para exercer a religião. É uma coisa rara porque se vocês analisam a história das revoluções onde aconteceram conflitos como este — e em quase todas aconteceram —, houve fenômenos de todo tipo, punições severas, fuzilamentos, inclusive, assassinatos. Em nenhum processo profundo deixou de haver conflitos desta natureza — e houve em todos —, fuzilamentos de sacerdotes ou medidas desse tipo.

Apesar desses problemas, se se analisa a história de nossas relações com a Igreja, não aconteceu nenhum caso de sacerdote maltratado, fuzilado e no caso de prisão, ficaram o menor tempo possível. Acho que isso foi muito importante e nós sempre falávamos do sentido de justiça social do Cristianismo e dos ensinamentos de Cristo no campo social. Falei reiteradamente, citei passagens da Bíblia, onde realmente podia se considerar como uma idéia cristã as medidas sociais e revolucionárias que estávamos tomando. Um núncio que esteve em nosso país, Monsenhor Zacchi, ajudou também a superar as dificuldades. Um homem muito nobre, muito inteligente que fez grandes esforços até que as dificuldades foram superadas. Porém, ficou aquela herança, digamos, de reservas. Ficaram normas que foram estabelecidas.

A esse respeito conversei com Frei Betto, está no livro *Fidel e a Religião*. Devo dizer que tínhamos esperanças de que a Igreja Católica brasileira influenciasse na hierarquia da nossa Igreja. Que este poderoso movimento da Igreja em favor dos pobres se estendesse a Cuba e nos ajudasse a criar condições para superar esses obstáculos que existiam para que os cristãos pudessem ingressar no Partido.

Posso dizer que praticamente não temos dificuldades com outras religiões exceto em alguns casos. Por exemplo, o caso das Testemunhas de Jeová, que com suas normas e outras coisas que impõem aos seus membros, cria conflitos de outro tipo: se podem receber assistência médica ou não, se podem prestar serviço militar,

se podem fazer determinados trabalhos, mas em geral as dificuldades não foram com as outras religiões. Tivemos dificuldades especialmente com a Igreja Católica.

Falava de nossas esperanças e brasileiros como Frei Betto e Boff, visitaram nosso país e tentaram influenciar. Realmente não me refiro à congregação, não me refiro ao povo cristão e católico, refiro-me às hierarquias. Não tem havido, praticamente, nenhum avanço.

Há dois ou três anos se reuniram em um encontro para fazer uma análise. Encontravam-se na lista de convidados autoridades eclesiais norte-americanas e de outros países, mas nada em absoluto da Teologia da Libertação: o conhecido Frei Betto, Boff e outros, estimados e queridos por nosso povo, não foram convidados para esse encontro. Bastava que fosse um padre ou um bispo que se simpatizasse com a igreja dos pobres e não recebia nenhum convite para uma reunião desse tipo.

Passaram-se os anos, fizeram uma levíssima autocrítica e mais nada. Essa é nossa realidade.

E outra realidade, é triste, mas a hierarquia de nossa Igreja se sentia mais igreja dos que viviam em Miami, dos que haviam abandonado a Pátria e dos que se colocaram ao lado dos Estados Unidos, do que igreja dos católicos cubanos. Lógico, muitos daqueles latifundiários, grandes proprietários de imóveis, gente rica, muitas dessas pessoas preferiram mudar para os Estados Unidos e a hierarquia de nossa Igreja se considerava a igreja dessa gente. Essa é a realidade. Já que tenho que falar, falo.

A Igreja Católica cubana é muito dependente de outras hierarquias católicas ocidentais, da ajuda da Igreja Católica dos Estados Unidos e da ajuda de outras na Europa. Tem a influência dessas igrejas. É alta a influência que tem a hierarquia da Igreja Católica norte-americana sobre a hierarquia da Igreja cubana. E não é pouca a influência que tem a política dos Estados Unidos sobre a hierarquia desta igreja. Já que se aborda o tema, não resta outra alternativa que dizer que nunca chegou a identificar-se com a Revolução e tem estado à espreita, esperando que a Revolução tivesse dificuldades para agir contra ela. Esse é um dos elementos que, realmente, se converteu em grande obstáculo para que nós não pudessemos avançar por esse caminho.

No próprio livro do Frei Betto isso se manifesta com muita clareza. Quero que vocês saibam que através desse livro é a

primeira vez que um dirigente socialista expõe seu pensamento e faz sua análise com relação à maneira que devem ser abordados os problemas religiosos. Esses são os critérios, as mais amplas idéias que nesse campo nunca foram manifestados. Para a Revolução esse livro representou uma grande abertura. Livro que foi traduzido a vários idiomas: chinês, persa, russo, em países muçulmanos, em países de outras religiões. Inclusive, esse livro teve influência, foi lido com enorme interesse e foi a primeira vez, repito, que um dirigente socialista abordou esse problema.

Mas, frente a esta abertura em que nós expressamos também nossa simpatia pela igreja dos pobres, não houve resposta recíproca que desejaríamos receber de maneira que nos desse a suficiente confiança para poder aceitar cristãos em nosso Partido sem que esses militantes pudessem um dia ter conflito de consciência por estar militando no Partido, enquanto que por outro lado era obrigado acatar as diretrizes e orientações da hierarquia da Igreja Católica. Este problema não é com os cristãos nem com os crentes de base, os problemas que tivemos, infelizmente, foi com a alta hierarquia da Igreja Católica.

Aqui, falando com toda franqueza e objetividade, posso dizer que este foi o obstáculo, não superado ainda, que não nos deu, precisamente, a oportunidade de viabilizar o ingresso de cristãos nas filas do nosso Partido. Tenho a esperança de que tudo isso passe. Mas não o vejo próximo! Depois dos problemas surgidos no Leste Europeu e das dificuldades que a própria União Soviética está atravessando, se desenvolveu em alguns oportunistas a crença de que a Revolução possa ter sérios problemas e que não poderia resistir essas provações. A crença errônea de que a Revolução não vai durar muito tempo.

Nestes tempos, nós nos preparamos e nos consagramos a um enorme esforço, a um esforço infinito para multiplicar a capacidade da resistência de nossa Revolução e para resistir a todas as provas que hoje em dia não são, precisamente, as de caráter econômico que possam surgir, mas também as ameaças no terreno militar por parte de um imperialismo arrogante, soberbo, triunfalista. Já se acredita o dono do mundo e considera que deve esmagar a Revolução Cubana e submeter Cuba.

Aproximam-se anos difíceis, anos de provações, porém na medida em que isto seja uma realidade, também em circunstâncias como estas são evidentes os oportunismos e afloram os sentimentos

daqueles que jamais estiveram com a Revolução e que sentem saudades do passado. Sonham com a idéia de que nossa pátria possa voltar àqueles tempos de vergonhosa opressão, de saques e de exploração que, felizmente, desapareceram há anos.

Agora quando vocês sonham mais do que nunca em resolver estes problemas e com um mundo melhor, não podemos retroceder.

JUVÃO — O povo negro se encontra explorado em toda a América Latina e no Caribe. No Brasil, por exemplo, nós representamos 70% da população e estamos totalmente marginalizados. Esta discriminação acontece, principalmente, com as religiões afro-americanas, verdadeiras manifestações da autenticidade do povo negro.

Numa sociedade socialista, como se poderia resgatar o aspecto social e religioso na vida do povo negro?

A outra pergunta é a seguinte: O que o senhor pensa sobre a questão agrária na América Latina e como considera a luta dos camponeses no processo revolucionário?

FIDEL CASTRO — As perguntas continuam sendo difíceis, além do mais, necessitaria certa preparação teológica para respondê-las. Sinto, inclusive, dificuldade em captar o significado da pergunta, mas entendo perfeitamente o fenômeno da discriminação racial.

Não conheço quais são os diferentes níveis de discriminação e de exploração contra a população negra que possa existir nos diversos países da América Latina. Conheço um pouco a que havia em nosso país.

Sei que o fenômeno não é o mesmo. Eu, inclusive, pensava que em outros países, como no próprio Brasil, o problema era menos grave do que foi em nosso país, porque nós estávamos muito próximos dos Estados Unidos e, além disso, quando termina a última guerra de independência, tivemos a intervenção dos ianques, que se fizeram donos da nossa economia. Governaram, organizaram a sociedade, trouxeram seus costumes. Então passaram a existir aqueles problemas de uma discriminação muito acentuada, parecida com a que havia em todo os Estados Unidos, especialmente, no sul.

Havia clubes e praias onde um cidadão negro não podia entrar, ou empregos que não eram acessíveis ao negro, mestiço ou mulato. Enfim, que não tivesse sangue cem por cento puro, raça branca pura. Não permitiam a eles entrar em determinadas escolas e, lamentavelmente, a algumas escolas religiosas. Frequentei duas dessas escolas: estive quatro anos no colégio dos Irmãos La Salle,

ali não havia esse tipo de discriminação, mas depois fui para um colégio de jesuítas e, embora os jesuítas sempre tenham sido rebeldes e muitas vezes revolucionários, naquele tempo e naquela escola, onde quase todos os padres eram espanhóis — vou dizer a verdade — franquistas, não permitiam a entrada de alunos negros. E quando eu, de maneira impertinente, perguntava porque não havia alunos negros na escola, diziam-me que procediam assim porque, realmente, os pobrezinhos iam se sentir muito mal na escola. Essa era a explicação. Acho que falei a Frei Betto sobre isso no livro. Esse era o argumento: Vão se sentir muito mal porque não têm a pele da mesma cor.

Não havia nenhum clube social das camadas médias da burguesia onde se admitisse um sócio negro.

Essa foi a terrível situação em que nos encontramos. Como consequência da discriminação em tudo: na Educação, na vida social, no emprego, os piores trabalhos, os de mais baixa remuneração eram os que conseguiam os cubanos negros ou mestiços. Em nossa população não são tantos como no Brasil, são cerca de um terço e pelo que vocês me dizem, aqui são aproximadamente dois terços.

Naturalmente, que todas aquelas odiosas formas de discriminação desapareceram. Em algumas capitais de províncias havia determinados costumes: os brancos por aqui e os negros por ali, até uma área na praça central para cada um segundo sua cor. No início da Revolução encontramos todas essas coisas.

De imediato elaboramos leis e terminamos com todas aquelas odiosas formas abertas e desavergonhadas de discriminação. Mais de uma vez falei sobre o problema e tive que ir à televisão e ao rádio porque havia uma filosofia e um certo arraigamento discriminativo em amplos setores da população. Isso era o que se havia desenvolvido em nosso país e fortes reações à prática contra a discriminação, boatos, rumores e até coisas tão prosaicas e ridículas como a que se pretendia casar brancas com negros e negras com brancos. Os contra-revolucionários lançaram até este tipo de campanha e boatos.

Se há algo com o qual a Revolução jamais se envolveu é essa questão de quem casa com quem. Imaginem se o Estado Socialista tivesse, além de tudo, que começar a organizar casamentos. Seria um fracasso como casamenteiro porque as pessoas, casando-se livremente, ainda não têm suficiente estabilidade emocional e conjugal.

Esta luta durou anos, porém facilitada de modo extraordinário pela justiça social, as leis da Revolução, as mudanças que aconteceram na sociedade. A Revolução conta, entre seus mais decididos partidários, com a população negra do país que era explorada e discriminada duplamente, não só porque era pobre, mas também maltratada e discriminada.

Temos observado uma regra na Revolução: A adesão da população é proporcional ao que a Revolução significou para cada um deles. E posso afirmar a vocês que acabar com a discriminação da mulher para nosso país foi mais difícil que acabar com a discriminação racial. Incrível!

Nós ainda estamos lutando contra isso. Avançamos extraordinariamente — poderia fornecer dados —, contudo, na luta pela promoção da mulher também encontramos resistência e, infelizmente, não só resistência dos homens, às vezes resistência das próprias mulheres.

Numa circunscrição eleitoral quando concorre ao cargo de delegado um número de candidatos, que pode ser até oito, e é o povo que o indica, os moradores organizados, como se fossem comunidades de base, para eleger os delegados que depois elegem todos os demais poderes do Estado, o municipal, o provincial e o nacional, sempre aspiramos que aumente a proporção de mulheres eleitas delegadas e de mulheres com cargos importantes. Em cada eleição aumenta a porcentagem de mulheres eleitas, porém não aumenta no ritmo que gostaríamos. Muitas vezes percebemos que há mulheres que têm pena de outras mulheres porque têm filhos, a família e porque vão ter muito trabalho, etc., e não votam por elas. Estamos lutando para evitar fenômenos como esse, e estamos obtendo bons resultados.

Acho que havia alguém interessado em que se falasse sobre a situação da mulher em nosso país. Bem, deixemos para depois.

Sobre a população de origem negra, de origem africana em outros países da América Latina, não poderia responder por falta de informação.

Em nosso país estes grupos, que têm todo o respeito, todas as considerações e se mantêm, fazem parte da nossa cultura, dos nossos hábitos e estas crenças de procedência africana contam com o mesmo respeito com que se tratam todas as demais instituições religiosas. Mas, penso que aqui em maior ou menor grau, os problemas

devem ser parecidos aos de Cuba, embora pareça-me que em nosso país a discriminação estivesse em seus níveis mais elevados.

No Caribe há populações em que a imensa maioria é negra e os dirigentes políticos e governamentais como, por exemplo, na Jamaica, em geral, são negros. Em alguns países por ser a maioria absoluta, não vão se discriminar a si mesmos. Na África, onde a imensa maioria dos governos da África negra são negros, não possuem este tipo de problemas. Às vezes necessitam lutar com problemas ao contrário, mas como são povos íntegros, o que pode originar não é propriamente uma discriminação por questões raciais, senão que os faz lembrar a colônia, a opressão e identificam algumas pessoas brancas com características do colonialismo. Sou testemunha de que na África não há discriminação racial.

Sobre o Brasil já me explicaram que havia problemas. Vou me interessar por isso. Vou me informar melhor sobre essa situação porque para mim é um fenômeno interessantíssimo. Não podia imaginar a dimensão deste assunto sobre o qual alguns companheiros me explicaram. O próprio Frei Betto tem me falado deste problema. Explicou-me como a população negra se organiza para lutar contra a discriminação e para lutar pela reivindicação de seus direitos. Realmente, não estou muito informado sobre isso e por tanto não posso falar muito. Poderia dizer que me solidarizo com eles e sinto como se fosse minha própria causa a causa de todos os discriminados e oprimidos deste mundo e, principalmente, se é uma situação num país irmão da América Latina.

Outra pergunta é sobre os camponeses, a situação agrária da América Latina, o papel dos camponeses nas mudanças sociais da revolução.

Acredito que não seja igual em todos os países. Pelo que sei, em alguns há mais divisão de terras, mais distribuição, menos latifúndio. Em outros há mais latifúndio e menos divisão de terras. Porém o setor do campo costuma ser um dos mais explorados nas sociedades capitalistas, não somente porque é o setor que produz os alimentos, mas também porque é aquele que abastece de força de trabalho os grandes latifúndios.

Quando estava chegando ao Brasil de avião observava muito. Às vezes das alturas se pode saber qual é o sistema de distribuição de terras. Do alto pode-se ver se há pequenas parcelas, ou grandes extensões. Em alguns lugares se vê as terras muito divididas.

Sou contra o latifúndio, mas não sou grande simpatizante do minifúndio. Posso justificá-lo em condições em que aos camponeses, não possuindo nada, lhes dêem um pedaço para que, pelo menos, possam garantir alguns alimentos, porque se não fosse assim teriam que depender de um baixo salário que não seria suficiente nem para as coisas básicas. Porém, em geral, o pequeno agricultor precisa trabalhar na indústria para complementar a renda que necessita para viver. Lógico que é preferível cem vezes o minifúndio porque torna mais suportável as condições de vida do camponês.

Vejo o homem do campo, sempre o vi, como contribuinte da produção em grande escala, em forma de cooperativas como nós temos, ou em forma de empresas com técnicas modernas que garantizam um alto padrão de vida e condições adequadas ao agricultor.

Em nosso país os latifúndios predominavam e, claro, todos eles foram desapropriados. Precisando um pouco mais, os grandes latifúndios foram confiscados.

Em nosso país havia empresas norte-americanas que possuíam até 200 000 hectares de terra e outras que possuíam milhares de hectares. Havia, também, latifundiários nacionais e todas essas terras foram desapropriadas.

Todos os camponeses que pagavam algo pelo uso da terra, foram liberados desses pagamentos e receberam a propriedade da terra. Estes eram, aproximadamente 200 000 famílias. Entre 150 000 e 200 000, com diferentes extensões de terra.

As terras dos latifúndios foram mantidas como grandes empresas agrícolas, propriedade de todo o povo. Modernizaram-se, foram mecanizadas.

Nosso país já era um grande produtor de cana-de-açúcar. Se nós tivéssemos dividido as terras dos latifúndios produtores de açúcar em mil pedacinhos teríamos arruinado o cultivo da cana que já estava organizado próximo das centrais açucareiras. Teria sido a ruína da Revolução, por isso criamos complexos agro-industriais e os mantivemos como grandes empresas de produção agrícola. As condições de vida dos trabalhadores foram totalmente modificadas. Deu-se início a planos sociais ambiciosos. Os trabalhadores começaram a conseguir empregos durante o ano inteiro. Começaram a ter direito a Assistência médica, Educação, Previdência Social. Começaram a receber salários muito mais altos. Os camponeses começaram a ser alfabetizados. Não só aprendiam a ler e escrever mas também podiam chegar até a quarta, quinta, sexta

séries, ou a instrução superior. Aprenderam a utilizar máquinas. Começou-se a construir casas para estes camponeses, melhor dizendo trabalhadores agrícolas e suas condições de vida se modificaram radicalmente.

Depois de muitos anos de Revolução, se iniciou um processo de cooperativização. Era muito difícil levar ao camponês isolado, como viviam em nosso país, água corrente, luz elétrica. Todas as condições que hoje deve ter uma habitação eram muito difíceis, a forma de explorar a terra não era a ideal. Nossa cana já se corta quase toda com máquinas. Uma grande máquina não pode trabalhar nos minifúndios, não produz nada. Não é econômica. Uma grande cortadora não pode trabalhar em pequenas plantações de arroz, pedacinhos de terra.

Empregamos a aviação na agricultura, às vezes para pulverizar, outras vezes fertilizar. Impossível fazer isso no meio de um grande número de minifúndios.

Construímos centenas de represas, milhares de quilômetros de canais e sistemas de irrigação. É muito difícil levar um canal magistral no meio dos minifúndios. É necessário dar vinte voltas, torna-se antieconômico. É muito difícil instalar os sistemas de irrigação e partindo da premissa de que em grande escala se obtém muito mais produtividade, utilizando máquinas a população pode-se agrupar. Estimulamos o movimento cooperativista em que as condições de vida e de trabalho daqueles camponeses que tinham parcelas de terra melhoraram consideravelmente. Consideravelmente! Nossas cooperativas constituíram, sem dúvida, um grande avanço para o desenvolvimento da agricultura.

Temos também camponeses que trabalham por conta própria porque nós elaboramos duas leis de reforma agrária: a primeira deixava um máximo de 400 hectares; porém, 400 hectares que eram para aqueles latifúndios de 200 000, ou de 100 000, ou de 50 000. Nesse sentido foi muito radical. Posteriormente, elaboramos uma segunda lei e ficou reduzido a 65 hectares o máximo de terra que uma família podia possuir. Prometemos aos camponeses que respeitáramos sua opção toda a vida, mesmo se eles e seus descendentes quisessem permanecer 1 000 anos com o pedacinho de terra. Fizemos essa promessa e a respeitamos estritamente.

As cooperativas possuem cerca de dois terços da terra do campo, mas ainda há um terço desta terra em forma de lotes independentes de terra.

Nosso homem do campo está muito bem porque foi privilegiado pelo Estado, essa é a verdade. Se lhe é dado um financiamento e não tem uma boa colheita, ou vem uma praga, ou uma grande seca, essa dívida que ele contraiu é perdoada. Em nosso país o camponês não paga impostos, tem de tudo e uma boa remuneração porque tem bons preços e preços garantidos para todos os produtos.

Mesmo os camponeses independentes melhoraram, consideravelmente, suas condições de vida. Vocês podem encontrar casas que parecem de um médico e são de camponeses. Aqueles que estão vinculados às cooperativas também possuem as casas que antes em Cuba pertenciam às camadas médias da população. São casas com dois ou três quartos e quintal. É muito difícil encontrar no campo um ranchinho, uma casa como antes coberta com folha de palmeira. Isso é muito difícil e acredito que em mais alguns anos não haverá nenhuma dessas moradias.

Claro que ainda é muito difícil levar eletricidade ao camponês isolado. Esse era o sistema em nosso país, as pessoas não viviam em vilas, senão em seu próprio lote de terra.

Para que tenham uma idéia de como nossos campos devem ter avançado com as modernas empresas mecanizadas, com as cooperativas, 90% de nossa população tem eletricidade e quando triunfou a Revolução menos de 50% tinha acesso a esse serviço. Inclusive nas montanhas construímos pequenas hidroelétricas que nós chamamos minihidroelétricas. Estas levam a eletricidade a uma comunidade campesina ou aos camponeses onde é possível estender a rede elétrica. Devemos terminar este ano com, aproximadamente, 94% da população atendida pela eletricidade. A idéia é que as vantagens da eletricidade cheguem a quase toda a população.

Este é o tipo de reforma agrária que temos feito.

Falei a respeito de algumas idéias básicas, parece-me que são compreensíveis. Por que preferimos a cooperativa à agricultura individual? É mais produtiva, mais humana. As crianças não precisam estar caminhando três quilômetros todos os dias para ir à escola, pois a mesma está ao lado de sua casa. Aí também está o médico de família, as lojas, tudo. A mulher não precisa lavar roupa no rio ou num poço, tudo isso que era o costume e a vida de nossos camponeses.

Nesse aspecto houve enormes mudanças. É o que nós temos feito nesses lugares. Acho que cada país utilizará seu modelo de reforma agrária e de organização da produção agrícola.

Os camponeses constituem uma das principais forças revolucionárias em muitos países, pois são explorados e recebem muito pouco pelos seus produtos. Há um intercâmbio desigual entre a cidade e o campo. As pessoas da cidade ganham melhores salários e querem comprar os produtos do campo por baixo preço. Em troca, o camponês tem que comprar os produtos industrializados e os artigos que necessita por um preço superior porque são produzidos com salários mais altos. O camponês é explorado por esses fatores. Não somente por suas pobres condições de vida, senão pelos pagamentos que recebe dos produtos e o intercâmbio desigual com as cidades.

Considerando sua situação objetiva, os camponeses sempre constituíram fatores e fontes de apoio ao movimento progressista e ao movimento revolucionário em todos os lugares. E, acredito que como os operários, os estudantes, as mulheres, os setores discriminados e os cristãos desempenham um importante papel nas mudanças sociais.

FREI BETTO — *Uma breve canção e passamos à próxima pergunta.*

FREI BETTO — *Pedimos às companheiras Maria Luisa e a Diva que se aproximem para fazer suas perguntas.*

COMPANHEIRA — *Companheiro Fidel, como fica a situação da mulher no processo revolucionário? Quais são suas conquistas e seus desafios, a nível da participação nas decisões? E também sobre a Educação, prostituição, perseguição...*

FIDEL CASTRO — Posso falar um pouco sobre o tema da mulher, porque não me estendi muito há poucos minutos. Pensava que haveria interesse numa pergunta sobre a mulher.

Já falei a vocês parte do problema que tínhamos com a discriminação e que a luta foi muito longa.

Uma das coisas que fizemos ao triunfar a Revolução foi criar uma organização feminina de massas que hoje compreende mais de 85% das mulheres com mais de 15 anos. É uma organização de massas poderosa e foi criada com o objetivo de que a mulher participasse ativa e decisivamente na questão da liberação, ou seja, na luta pela igualdade em nosso país.

Elas participaram ativamente. Isso não podia ser somente tarefa do Partido ou tarefa do Estado, mas também parte fundamental da luta das próprias mulheres.

Há poucos dias terminou o V Congresso da Federação de Mulheres Cubanas. Elas organizaram esse evento durante muitos meses. Claro que, ultimamente, aconteceram novas situações, novos riscos e, nesta ocasião, apesar de que haviam discutido muitos problemas durante o processo de organização do Congresso que durou quase um ano, enfatizaram as questões da luta pela defesa do socialismo e na preparação do povo para enfrentar as dificuldades que pudessem surgir. Claro, que alguns temas que tinham interesse em discutir não foram levados, não priorizaram isso, mas vão continuar discutindo, analisando e procurando soluções.

Eu já disse que a luta contra a discriminação da mulher foi uma das tarefas mais difíceis, mas poderia dizer que avançamos muito nesses 30 anos.

Num determinado momento foi elaborado o Código da Família, que procurava, principalmente, proteger e ajudar a mulher porque — segundo diziam elas — a mulher trabalhadora tem um duplo esforço: seu trabalho e o trabalho no lar. Dizem que tem um turno duplo e o Código da Família estabelecia os princípios de que o trabalho do lar deve ser dividido entre o pai e a mãe, entre o casal. Estas idéias que no início se chocaram com o machismo e o preconceito, foram ganhando terreno consideravelmente, sobretudo entre os jovens. Há um avanço.

Em nosso país havia, por exemplo, uma prática, que era a mãe acompanhante — isto é, o direito da mãe de acompanhar o filho no hospital — e que nos deu grandes resultados porque são grandes auxiliares do médico. É menos traumático para elas que estar numa sala sempre esperando que lhe dêem notícias, ou ir visitar o filho que está internado no hospital. Para a criança de um, dois ou três anos também é traumático, ela sente falta da casa, da família, da mãe.

Em relação a alguns critérios científicos que havia, um dia decidimos estabelecer o direito da mãe a acompanhar o filho. A ela é dado, inclusive, seu uniforme, alimentação e se cria facilidades para que possa acompanhá-lo durante a noite.

Um dia as mulheres disseram: E por que não se estabelece também o direito do pai acompanhante, pois muitas vezes a mulher tem um trabalho muito importante, isso pode ser dividido? Efetivamente, criaram-se condições e se estabeleceu também o direito do pai acompanhante. Assim, muitas medidas desse tipo que pareciam

as mais naturais do mundo, um dia se descobriu que era um problema discriminatório para a mulher.

Atualmente, elas estão lutando por outra idéia: que a licença-maternidade se estenda também ao homem, pois a mesma constitui uma prática discriminativa, elas se afastam do trabalho, às vezes, durante um ou dois anos. Então, pedem que depois dos primeiros seis meses, ou depois que termine a amamentação, a possibilidade de que se reconheça também ao homem o direito de pedir licença em seu trabalho para atender esses deveres. Elas estão questionando, sobretudo, o papel da mulher e do homem no seio da família, nas relações familiares.

As mulheres lutam muito contra os casos que, infelizmente, acontecem de pais que não se interessam pelos filhos, de pais que mesmo a lei estabelecendo a obrigação de pagar a pensão para o filho, não a cumprem e, muitas vezes, até mudam de emprego para não cumprir com essa obrigação.

Agora os problemas que estão pleiteando são muito mais profundos: que tipo de educação o homem deve receber, como o homem também deve ter noções para atender uma criança. Enfim, todas essas coisas que são mais avançadas e que hoje podem ir questionando, visto que já se ganhou um longo caminho na luta contra os preconceitos, o machismo, etc.

Elas lutam para que no lar a educação do menino e da menina seja baseada nos mesmos conceitos e que a própria família não comece a criar sentimentos machistas, ou sentimentos desiguais desde que são muito pequenos. Isso já faz parte da grande luta.

No terreno econômico e social, as mulheres receberam um enorme benefício. Basta dizer que ao triunfar a Revolução havia umas 190 000 mulheres trabalhando e o emprego das mulheres era, principalmente, como domésticas ou como balconistas em lojas de luxo que as escolhiam pela fachada, ou trabalhando em bares, etc.

É conveniente dar a vocês o horrível dado de que em nosso país, entre prostitutas diretas e indiretas, havia cerca de 100 000 mulheres. Uma população com uns 6 milhões e meio de habitantes, 100 000 prostitutas e 190 000 com empregos. Vocês podem imaginar qual era a situação social da mulher em nosso país.

A prostituição é coisa do passado em nossa pátria, isto se conseguiu através de programas, de educação, procura de emprego e de um tratamento mais humano. Isso não aconteceu de um dia para outro, não se proibiu por decreto, mas sim se fez um trabalho que

deu lugar a que desaparecesse a prostituição, assim como desapareceu a mendicância e a criança abandonada.

Boff falou das crianças abandonadas e quero dizer que em Cuba não há nenhuma criança abandonada. Não há nenhuma! Em Cuba não se encontra um mendigo, não se encontra uma criança pedindo esmola. Tudo isso, afortunadamente, desapareceu de nosso país. Isso é comum em todos os lugares do Terceiro Mundo e vemos muito, lamentavelmente, nos países da América Latina.

Quem sabe um garoto possa ir a um hotel ou pedir a um turista um chiclete ou qualquer coisa. Isso pode acontecer, mas não se vê uma criança descalça em nosso país, nem se encontra uma criança que não tenha livros e seu uniforme escolar. Aparecem casos de prostituição muito isolados, de maneira clandestina, realmente mínimo. Não é um problema de necessidade econômica, ou de necessidade de viver da prostituição. São seqüelas que eliminamos.

Se em 1959 havia umas 190 000 mulheres trabalhando e eram esses os empregos, atualmente há cerca de 1 400 000 mulheres trabalhando em Cuba. Hoje, a mulher constitui quase 40% da força de trabalho e tem acesso aos melhores empregos, a trabalho igual e salário equiparado.

Vou dar um dado mais ilustrativo: a mulher em Cuba constitui 58% da força técnica do país, observem o que alcançamos em 30 anos. 58% da força técnica! O mercado de trabalho na área técnica costuma ter os melhores empregos e bons salários. 55% dos estudantes universitários e 61% dos pré-universitários são mulheres. Isto é, a proporção da força técnica do país se incrementa.

Outro dado: quase 50% dos cientistas em nosso país são mulheres. Então, sua participação em alguns setores é maior. No Partido não lembro o dado exato, pode ser aproximadamente de 30%. Uma proporção mais ou menos igual de quadros são mulheres. Nos sindicatos é grande o número de quadros mulheres. Nos Poderes Populares é menor pela maneira que expliquei de como se manifestam nas eleições, e fazemos um grande esforço para promover a mulher, grandes esforços.

A promoção da mulher em nosso país já não é tarefa de um esforço do Estado ou do Partido, está acontecendo de fato, por seu talento e por suas conquistas.

Grande número de mulheres dirigem importantes hospitais. Há mulheres que dirigem importantes centros de pesquisas e suas responsabilidades e tarefas são maiores, porque, simplesmente, têm

melhor nível técnico, melhor preparação e uma grande responsabilidade.

Isso acontece de maneira espontânea. Em nossa sociedade as mulheres irão conquistando um papel cada vez mais importante.

Ainda lutamos naquelas áreas onde o preconceito ou determinados fatores dificultam a incorporação e a promoção da mulher.

Prova disto, nas creches temos capacidade para 140 000 crianças, temos mais de 1 000 creches e continuamos construindo um grande número delas por ano. Isto facilita a incorporação da mulher ao trabalho porque tem onde deixar os filhos e ali são atendidos em excelentes condições.

Qual outra coisa que favoreceu a mulher? O fato de que haja mais de meio milhão de alunos semi-internos. Quando a criança já não está na creche, mas na escola primária onde recebe o almoço, a mãe não precisa voltar para casa, o que facilita muito a incorporação da mulher ao trabalho e às tarefas da mulher.

Em nosso país há por volta de meio milhão de estudantes internos, são aqueles que já estão na escola secundária ou no pré-universitário, mas ainda são jovens e como ficam na escola durante toda a semana regressando a casa sexta-feira ou sábado pela manhã e retornando à escola domingo à tarde, também contribui muito porque a mulher sabe que a ela ainda cabe grande parte das atividades domésticas.

Há, também, as escolas especiais para crianças com dificuldades físicas ou mentais. Além de todas essas instituições há os serviços médicos. Quero informar que estamos colocando um médico de família nas creches onde haja mais de 200 crianças. Já temos quase 10 000 médicos de família na comunidade e vamos chegar a 20 000. Isto foi feito nos últimos cinco ou seis anos e favorece as mulheres porque se há algum idoso na família, sabem que o médico está aí ao lado, que o está atendendo e o leva ao hospital se necessário.

Os *círculos de abuelos*¹ vão se organizando junto ao médico de família: os idosos fazem exercícios, melhoram a saúde, prolongam a vida, reduzem o consumo de medicamentos. Todos esses fatores favorecem a mulher e este conjunto de medidas sociais tornou possível, hoje, que a mulher tenha se liberado de uma carga e facilitado sua incorporação ao trabalho e sua promoção.

¹ Grupos de idosos que, sob a orientação do Ministério da Saúde Pública, se reúnem para fazer ginástica e outras atividades de recreação.

Realmente, nós podemos fazer uma longa lista das coisas que foram feitas e beneficiaram direta ou indiretamente a mulher.

FREI BETTO — *Vamos lhe fazer uma pergunta, pedindo desculpas aos companheiros por não poder responder todas as outras, mas prometo combinar com o Comandante Fidel Castro o encontro de comunitários aqui no Brasil, proximamente, para poder continuar o diálogo.*

COMPANHEIRA — *Gostaria de fazer esta pergunta e pedir que a exposição sobre o assunto fosse minuciosa e detalhada, considerando a importância da mesma.*

Como estadista de um país socialista, como o senhor vê a glasnost, a perestroika e a abertura dos países do Leste Europeu considerando que está afetando e afetará, inclusive, os países capitalistas?

Gostaríamos de saber também sobre a abertura e o processo democrático em Cuba.

FIDEL CASTRO — Ela mencionou a *perestroika* e o que está acontecendo no Leste Europeu.

Sobre a *perestroika*, o primeiro que posso falar é que se tratou de um esforço para aperfeiçoar o socialismo e erradicar muitos problemas e erros que haviam cometido em outras épocas.

Como tentativa nesse sentido, não tenho nada a opor em relação à *perestroika* e nos parece possível. É a introdução de uma palavra de um idioma a outro.

Apreciamos muito os pronunciamentos iniciais como a luta contra o alcoolismo — parecia coisa muito importante lá —, a luta contra as rendas que não procediam do trabalho, porque sempre há intermediários, especuladores e todos esses que conseguem dinheiro que não é fruto do trabalho, enfim, os objetivos desse movimento. Esse direito e essa possibilidade, essa necessidade de aperfeiçoar o socialismo é inquestionável.

Antes de que se falasse na *perestroika* na URSS nós havíamos proposto o processo de retificação de erros e tendências negativas. Naturalmente, que nosso processo não podia ser igual ao da URSS porque nós não cometemos os erros que eles cometeram. Cometermos outros erros de outro tipo e tínhamos que retificá-los porque começar a fazer o que eles fizeram lá era como começar a aplicar num calo um remédio que era para os dentes, ou aplicar nos dentes um remédio que era para os calos. Essa é uma coisa claríssima.

Em nosso país não tivemos fenômenos como os do stalinismo, não existiram nunca, nem de abuso de poder, procedimentos muito negativos de violência contra as pessoas que aconteceram em determinados momentos históricos. Nós jamais exercemos a violência contra um cidadão, jamais nos rebaixaríamos a fazer isso, porque nos sentiríamos ultrajados o dia em que fizéssemos essas coisas, aplicar métodos de tortura, crimes. Jamais aconteceu em nosso país um crime político. Houve leis revolucionárias, tribunais revolucionários, julgamentos revolucionários e inclusive espões, terroristas que foram fuzilados segundo leis prévias e através de tribunais, mas jamais se levantou um dedo contra um homem para que declarasse, para que dissesse alguma coisa.

Espero que vocês acreditem no que estou dizendo aqui, porque espero que compreendam que para mim seria muito difícil dizer uma mentira, é algo que ainda não aprendi a fazer na minha vida.

Isso não impede que em nosso país se digam as calúnias mais atrozes e infames — estou dizendo as coisas que acontecem — mas evidentemente, em determinados momentos, na URSS ocorreram grandes abusos de poder e houve esses fenômenos que não existiram em Cuba. Por isso nós não temos que aplicar receitas a fenômenos de stalinismo que não existiram.

Há pouco lhes expliquei como se fez a reforma agrária em Cuba — ainda bem que o expliquei, porque agora posso poupar tempo — e qual é a situação de Cuba nesse aspecto.

Talvez faltaria dizer que 80% de toda a terra são empresas agrícolas em grande escala. 12% está organizado em cooperativas e 8% são propriedades individuais dos camponeses.

Nunca forçamos um homem a fazer parte de uma empresa nem fizemos pressão nesse sentido. Inclusive, em várias ocasiões nós compramos terras. Quando o camponês já é velho e fica sozinho porque seu filho tornou-se médico, professor, etc., nós compramos sua terra, lhe pagamos uma pensão e incorporamos essa parcela às terras do Estado. Nunca forçamos um homem a entrar numa cooperativa. Durante anos formaram-se na base da voluntariedade.

Sabe-se o que aconteceu na União Soviética. Na URSS distribuíram toda a terra, distribuíram tudo, criaram milhões de pedacinhos e quando compreenderam que os pedacinhos já não eram produtivos, porque o pedacinho pode aumentar num momento a produção e depois já não se pode aplicar a técnica, não se pode elevar a produtividade do trabalho e fica paralisado o incre-

mento da produção de alimentos, quando já não funcionavam, então, em muitos casos, os forçaram a se unir. Nós não fizemos nenhum tipo de cooperativização forçosa, portanto não tínhamos que retificar nada disso. Há muitas coisas que aconteceram lá e não aconteceram aqui.

Aqui aconteceram outras coisas. Uma delas é que, apesar da originalidade que sempre teve nossa Revolução, houve algumas coisas que copiamos deles e em nosso processo de retificação uma das coisas que temos retificado são métodos copiados deles que não deram bons resultados em nosso país. Eu expliquei isso aos industriais sobre o método na construção do socialismo.

Nós retificamos os erros, nós não gostávamos muito de utilizar categorias capitalistas na construção do socialismo e eles, pelo contrário, cada vez introduzem mais categorias do capitalismo na construção do socialismo.

Respeitamos o que façam, porque acho realmente que é preciso respeitar o que faça cada país. Aqui, simplesmente, estou respondendo uma pergunta a vocês.

Nossa retificação, no sentido econômico, implica fórmulas diferentes das estabelecidas lá. Alguns falaram de privatizar a Medicina. Em nossa pátria cometeríamos um crime histórico se privatizássemos a Medicina, porque uma das coisas más úteis, mais generosas feitas por nosso país é a Medicina Social.

É preciso ver como trabalham nossos médicos de família, como nossos médicos e especialistas vão a qualquer país com um alto sentido de solidariedade. Como vamos converter um médico em uma pessoa que receba segundo os casos que atende? Então um sujeito quer atender 25 casos para receber mais e por isso examina os pacientes a toda velocidade? E a qualidade da assistência médica? O trabalho do médico pode-se medir como o corte da cana ou qualquer tipo de trabalho parecido?

Nós pagamos bons salários aos médicos, mas lhes exigimos qualidade na assistência e a consagração ao seu trabalho. E nós temos médicos excelentes, generosos e humanos. Poderíamos chamá-los missionários, pelo trabalho que fazem e pela forma em que o fazem. Não mudamos isso.

Nossa Medicina tem atingido um grande sucesso e estamos muito satisfeitos pela forma em que o fizemos, a forma em que educamos e preparamos nossos médicos.

Realmente, utilizamos o menos possível as fórmulas capitalistas na construção do socialismo. Essa é uma das características de nosso processo, embora possa existir alguma empresa mista. Numa área onde não tenhamos capital, nem tecnologia, nem mercado e não pudéssemos fazer nada, se pode fazer um cálculo e ter uma empresa mista que participe em associação com o Estado.

Nós damos prioridade ao interesse de toda a sociedade sobre o interesse de qualquer empresa socialista, esse é outro princípio. Se uma pessoa começa a brincar com as categorias capitalistas, as empresas acabam pensando em renda, lucros, e assim por diante, esquecendo o resto do povo e até roubando. Nós vivemos essa experiência e estabelecemos uma série de princípios segundo os quais jamais, por nenhuma razão, o interesse de um grupo pode prevalecer sobre o interesse da sociedade.

Nós fazemos nosso processo de retificação de uma forma, os soviéticos fazem o seu de outra. Essa é a *perestroika*, nós respeitamos isso.

Também tivemos o cuidado de evitar ao máximo possível os privilégios dos dirigentes, dos funcionários, dos quadros. Lutamos contra isso, mas, sobretudo, fizemos um esforço muito grande para manter a unidade entre nosso Partido e nosso povo, entre a Revolução e o povo. Porque o que aconteceu em vários desses países foi um divórcio entre partido e povo, entre governo e povo, entre direção e povo. Se nós cometéssemos esses erros, não duraríamos nada diante dos Estados Unidos, um país tão poderoso que nos bloqueia, nos faz pressão, nos fustiga, quer nos destruir. Sem um povo unido, organizado e armado para defender a Revolução não poderíamos existir diante dos Estados Unidos. Assim, a realidade demonstra que não cometemos esse tipo de erros.

Eu acho plausível todo o esforço feito para aperfeiçoar o socialismo em todos os sentidos e nós procuramos fazer esse esforço, trabalhamos conseqüentemente nesse sentido.

A situação da URSS não é a mesma dos demais países socialistas. Não devemos nos deixar confundir e iludir. Inclusive, não posso garantir que quando os dirigentes soviéticos conceberam todas essas reformas, imaginaram o que iria acontecer no resto dos países socialistas. Não acredito que isso estivesse nos cálculos, nas idéias ou nas intenções dos dirigentes soviéticos.

Ora, o que aconteceu é uma realidade incontestável: produziu-se o desmoronamento do campo socialista, desta comunidade so-

cialista da Europa, o desmoronamento! Está ocorrendo o desmoronamento do socialismo nesses chamados anteriormente países socialistas do Leste Europeu. Estão marchando de maneira acelerada, precipitada e desesperada em direção ao capitalismo. Agora somos testemunhas do processo da construção do capitalismo, por exemplo, na Polônia, planejado, inclusive, por estrategistas e peritos capitalistas. Iniciou-se o processo de privatização das empresas na Polônia, não vou dizer da divisão da terra, porque lá nunca se pôde estabelecer as cooperativas, eram muito fracas e muito poucas. Acho que há 2 milhões de proprietários agrícolas e é uma das agriculturas mais atrasadas de todos os países socialistas, precisamente porque estava baseada na produção em pequena escala. Isso continua. As empresas industriais estão se privatizando e há todo um programa de construção do capitalismo nesse país.

Na Hungria acontece um fenômeno similar. Esse processo começa na Tchecoslováquia e vamos esperar para ver que acontecerá na Bulgária e em outros países socialistas. É muito provável que desapareça a RDA e se incorpore à RFA, que é um dos países mais industrializados da Europa e um dos símbolos do capitalismo na Europa. Assim que o que acontece é o desmantelamento do socialismo nesses países. Não devemos nos iludir nem nos deixar confundir.

Inclusive na política estão passando ao campo imperialista. Durante anos, nós lutamos contra as intrigas dos Estados Unidos na Comissão de Genebra e agora a Polônia e a Tchecoslováquia foram co-participantes da proposta ianque. A Hungria e a Bulgária, membros da Comissão, votaram junto com os Estados Unidos contra Cuba, em momentos em que os Estados Unidos pensam que o inimigo é Cuba, porque já não vêem o inimigo na URSS ou nestes países. Para eles, o inimigo por excelência é Cuba. O país que incomoda, o espinho que irrita, o osso atravessado na garganta é Cuba. E mais do que nunca fustigam a Cuba, ameaçam a Cuba.

Agora querem nos impor uma televisão de maneira ilegal, violatória de todas as leis internacionais: a televisão ianque da violência, do sexo, das drogas. Que necessidade têm nossas crianças e nossos pioneiros, com os esforços que faz o país para educá-los, de receber essa televisão? Em que pode educar a televisão ianque a nossas crianças que não seja na violência, no sexo, na droga, no anúncio comercial? Uma sociedade corrompida, carcomida, uma Babilô-

nia — utilizando a palavra exata —, uma Babilônia, como vocês dizem.

Que obtemos nós ao introduzir em nosso país os vícios da Babilônia? Nós, que temos uma sociedade sadia, generosa, humanitária, solidária. Um país que tem enviado milhares de seus filhos a cumprir missões internacionalistas em qualquer campo. Um país onde uma pessoa diz: É necessário 20 000 professores em qualquer lugar e aparecem 30 000. Um país onde uma pessoa diz: Precisamos de médicos para enviar a qualquer lugar do mundo e são milhares os que estão dispostos a ir. Um país onde uma pessoa diz: É preciso cumprir uma missão internacionalista, ajudar um país agredido e são milhares de cidadãos os que estão dispostos a ir.

Vocês e nós admiramos o espírito do missionário. Posso lhes garantir que quando a Nicarágua nos pediu 1 000 professores, ofereceram-se 30 000 voluntários. No fim enviamos 2 000 — que não iam dar aulas em Manágua, mas nos lugares mais afastados, onde viviam nas mesmas condições de desnutrição do camponês e às vezes no mesmo quarto estavam o casal de camponês e seus numerosos filhos, o cavalo, a vaca e o professor cubano ou a professora, porque a maioria eram mulheres —, e quando os bandos contra-revolucionários assassinaram alguns daqueles professores, ofereceram-se 100 000 voluntários.

Eu pergunto se existe alguma outra sociedade latino-americana à qual se possa pedir hoje 1 000 professores e os tenha prontos em 24 horas. Se algum de nossos países, não importa seu tamanho, pode mobilizar 20 000 ou se algum pode mobilizar 100 000. Nós poderíamos dizer, utilizando uma linguagem cristã, que temos inculcado o espírito de missionário a milhões de pessoas em nosso país.

Pode existir uma sociedade mais sadia? O que vai nos introduzir o imperialismo, o egoísmo, a obsessão pelo dinheiro? Quando o império quer fazer isso, quando diz que é preciso submeter Cuba, destruir Cuba, estes senhores vão dar argumentos e pretextos ao império. Que resta do decoro de um país socialista ou de um país revolucionário? Que resta da dignidade e da moral de um país que fora verdadeiramente revolucionário? Penso que nada justifica ficar ao lado do diabo ou da causa do diabo. Temos razão para pensar que isso não é muito cristão. Quando vemos estes papéis em política, temos que admitir que nesses países vai restando muito

pouco de socialismo e de internacionalismo. Essas palavras já estão praticamente eliminadas do seu dicionário político.

Essa é a realidade: um processo de desmantelamento, enquanto realmente nós agora nos preparamos cada vez mais, temos todo o povo organizado, uma doutrina militar que chamamos de guerra de todo o povo, de milhões de homens e mulheres. Queria lhes dizer também que há milhões de mulheres treinadas, organizadas e armadas em nosso país para defender a Pátria, e constituem uma força tremenda. É o que temos feito e estamos nos preparando para todas as situações que possam surgir, de tipo econômico ou militar. Essa é a realidade de nosso país.

Há uma grande ignorância. Pelas perguntas que me fizeram muitos jornalistas, fico admirado da ignorância e do grau em que o imperialismo introduz sua discórdia, suas intrigas, suas mentiras e suas calúnias em nossos povos. Temos que aprender a desconfiar do que lemos e do que ouvimos procedente das agências internacionais de notícias, porque são uma máfia a serviço do imperialismo e dos reacionários contra os povos. Tudo isso está dirigido contra nós.

Tenho tido que explicar como está organizado nosso Estado, nossa Constituição, como são as eleições, como se indicam os candidatos e não quero repeti-lo, porque há entrevistas onde expliquei estas coisas. Entre elas, dissemos às pessoas: Nosso povo não somente tem o voto, tem as armas. Não somente tem o voto para exercer esse direito cada dois anos, cada cinco ou cada seis — como em outros países onde depois não se lembram mais disso —, mas também em nosso país as massas participam diariamente na luta, nas tarefas fundamentais, no desenvolvimento do país, na defesa da Revolução, nos programas de Educação, de Saúde. Os trabalhadores voluntários, que são milhares, depois que terminam seu expediente, ajudam em outras tarefas. Nosso povo tem algo mais que o voto, tem o fuzil nas mãos.

Que aconteceria se em alguns países da Europa — não quero falar da América Latina para não ser acusado de subversivo — dessem os fuzis ao povo? Reclamariam ou não reclamariam salário? Iria a polícia com escafandros, como marcianos, com gases lacrimogêneos e cães para dispersar os trabalhadores quando estão em greve, ou para dispersar os estudantes quando estão em greve ou estão protestando? Dariam armas aos camponeses, ao povo? Por que nos criticam? Como pode aquela democracia se considerar superior à nossa? Nunca utilizamos um cão contra um cidadão, nem

um gás lacrimogêneo, isso não se recorda em 30 anos, nem utilizado as armas para reprimir nada, porque no povo temos unidade, apoio à Revolução, e com isso nos defendemos. Defendemo-nos com a força moral da Revolução, com a lealdade do povo. Lá em Cuba qualquer atividade contra-revolucionária é resolvida, até mesmo pelos pioneiros, pelos *círculos de abuelos*, porque ali os estudantes, os operários, os camponeses, as mulheres, a população em geral, os vizinhos, nossas comunidades cristãs de base — que são os Comitês de Defesa da Revolução, como alguém disse aqui —, são os encarregados de que a contra-revolução não possa levantar a cabeça em nenhuma parte. Não temos que empregar armas.

É o que eu tenho dito e repetido: não somente temos o voto, temos as armas nas mãos do povo. Pode ser escravo um povo que tem as armas nas mãos? Pode ser oprimido um povo que tem as armas nas mãos? Pode ser imposta uma política a um povo que tem as armas nas mãos? E como é possível esse milagre senão quando há uma identificação total entre o povo e a pátria, entre o povo e a Revolução? Essa identificação é cada vez maior, e agora cada vez mais, na medida em que possamos nos enfrentar com situações mais difíceis. O patriotismo incrementa-se e multiplica-se na medida em que crescem os perigos de uma agressão imperialista. Nosso povo está em efervescência. Qualquer de vocês que visite nosso país poderá ver que nível de efervescência revolucionária e que nível de patriotismo existe em nosso povo.

Essa é a situação de Cuba. Confiem em Cuba, que nós sabemos defender essa trincheira, não somente como uma trincheira que defende a nossa Pátria, mas como uma trincheira que defende também as esperanças de todo nosso hemisfério. Se essa trincheira caísse, o sabemos, será uma tragédia para todo o continente, um golpe terrível. Mas essa trincheira não cairá, essa trincheira lutará em qualquer circunstância!

Só me resta dizer que, embora o inimigo chegasse a ocupar um dia todo nosso território, a luta não cessaria e o inimigo não teria outra alternativa, mais cedo ou mais tarde, que ir-se embora. Porque somos um vespeiro que não pode ser submetido. Todo o povo está organizado para lutar em todas as condições e já sabemos como são os imperialistas, que gostam das vitórias fáceis, oportunistas. Quando participam de uma guerrinha ingloriosa, conseguem aplausos, uma invasão contra Granada, uma invasão contra o Panamá, mas quando começam a chegar os féretros com os des-

pojos dos invasores, então acaba a euforia, acaba a festa, acabam os aplausos e começa o choro.

Já vimos o que aconteceu no Vietnã há pouco tempo: tiveram que pagar um preço alto, mas lutaram, se defenderam e no fim, os ianques tiveram que abandonar esse país.

Garanto-lhes que nosso povo está preparado não somente para resistir, mas também para vencer.

Muito obrigado.

FREI BETTO — *A pastora vai dizer algumas palavras em nome das mulheres brasileiras.*

TÂNIA — *Companheiro Fidel: as mulheres brasileiras queremos dizer ao senhor que quando afirmamos nossa fé no reino de Deus, afirmamos nossa fé no novo homem, na nova mulher e na nova sociedade. E como concebemos nosso país brasileiro, semente de uma nova sociedade em vários cantos e concebemos a sociedade cubana como a nova sociedade construída e em vias de consolidação. Queremos ser irmãos e pedir ao senhor que seja portador de um abraço das mulheres brasileiras às mulheres cubanas, um abraço solidário de mulheres que estão juntas na luta pela libertação da mulher e do homem, de um machismo que tem marcado nossas culturas e impedido que a imagem plena de Deus, que se expressa na criação do homem e da mulher, contribua para que a nova sociedade, o novo homem e a nova mulher sejam uma realidade e aproxime mais o reino de Deus a essa Terra.*

Leve nosso abraço às mulheres cubanas e também aos homens.

FREI BETTO — *Queremos concluir nossa celebração como costumamos concluir nossas celebrações nas comunidades, rezando a oração do Pai Nosso e saindo daqui com o espírito missionário que mencionou o Comandante.*

Rezemos juntos o Pai Nosso.

Discurso pronunciado no encontro com intelectuais brasileiros no Palácio das Convenções do Anhembi, São Paulo, em 18 de março de 1990

Queridos amigos:

Acho melhor a idéia de não fazermos uma conversa à base de perguntas e respostas. Aparecem temas muito variados e até se perde o fio do que se está falando. Além disso tive sessões muito longas de perguntas e respostas em toda parte e em algumas dessas salas com muito calor.

Vocês não podem imaginar o que era ontem esta sala, algo impressionante, inesquecível. Os corredores estavam lotados, a sala repleta. Tratava-se de uma reunião com cristãos de São Paulo. Dizia que era impressionante, para os que não ouviram. Verei o que posso fazer para que me escutem e eu não ficar sem voz. Não sei se serão estes aparelhos ou quê, mas ontem aconteceu a mesma coisa durante o jantar. Não se ouvia e tive que falar sem microfones.

Lembrava-me nesse momento das mentiras que se contam através da História, porque se afirma que na Grécia havia uma democracia perfeita e falavam em praça pública, onde se reuniam os cidadãos para resolver os problemas. Naquela época não havia microfones, a praça deve ter sido muito pequena e aqueles senhores que participavam da democracia com certeza eram muito menos do que hoje, porque cabiam ali. Porém havia milhares de pessoas sem direito e, por último, os escravos.

É melhor eu transmitir algumas impressões acerca da visita.

As palavras que se pronunciaram há alguns minutos sobre este desafio e estas preocupações encorajaram-me muito. Todos tínhamos preocupações. Nós também. Em Cuba, quando se fala de

uma viagem, as pessoas se preocupam muito. Conhecem os planos organizados pelo imperialismo durante muitos anos para tentar eliminar-nos e isso cria um reflexo no povo: um reflexo que se manifesta cada vez que há uma viagem.

Existe também outra situação e é que nós estamos vivendo um momento excepcional e preparando-nos para tempos muito difíceis. Nesse sentido todos queremos estar lá em batalhas decisivas que talvez tenha que travar nosso país e na realidade nenhum de nós gostaria de ficar fora dessas batalhas. De modo que gostaríamos de estar no país onde, definitivamente, dependerá do nosso povo o que venha a acontecer.

Mas dizia-me também: Não é possível deixar o campo ao inimigo. É preciso lutar e esclarecer. Apresentava-se a oportunidade com motivo da sucessão presidencial. Nós, sempre que possível, participamos destas cerimônias nos últimos tempos. Primeiramente no Equador, depois no México, mais tarde na Venezuela e, agora, neste especialíssimo momento para nosso país e para o mundo, ocorria esta sucessão presidencial no Brasil e tínhamos sido convidados. Eu via razões para vir, mas no último momento, se as razões pareciam equilibradas para vir ou não, dizia a mim mesmo, não aos outros: Vou porque quero e pronto. Afinal os ianques não querem que façamos a viagem e tentam criar as condições mais difíceis para isso tudo, mas eu, na realidade, a considerava um desafio aos ianques e isso já era uma motivação muito forte. Finalmente, os companheiros tinham as mesmas idéias sobre a viagem, preocupações por um lado e compreensão por outro. Isso fez com que não encontrasse muita resistência para fazer a viagem.

Também queria entrar em contato com os brasileiros. A visita não havia sido ratificada, como é norma, mas segunda-feira anunciamos que sim, que viríamos ao Brasil.

A viagem não era fácil por vários motivos: por motivos políticos, inclusive motivos políticos internos, pela luta, a disputa eleitoral que ocorreu recentemente, pelos antagonismos, pelas paixões que se desencadeiam em cada uma destas circunstâncias. Com certeza houve muitas pessoas no Brasil com dúvidas acerca da viagem: as de uma projeção política porque talvez tivessem preocupações com a visita do ponto de vista político; as de direita por um motivo, as de centro e as de esquerda por outro. Eu recebia todas essas notícias. Muitos amigos que temos aqui nos expressavam, por um lado, sua vontade de que se fizesse e, por outro, suas preocupações acerca da

maneira como fãmos ser tratados, como ia transcorrer tudo. Acredito que havia dúvidas em muitos, de um partido e de outro.

As circunstâncias eram difíceis, mas de qualquer maneira — fosse por um motivo ou por outro, até pelo destino — era preciso vir e vim.

Na realidade estou satisfeito. Sabia que o esforço ia ser muito grande, que haveria pouco tempo para dormir, comer e respirar no Brasil. Havia outros problemas como, por exemplo, muitos pedidos de entrevistas para a televisão, para a imprensa, queriam prioridades. Já havia um problema que se criou não há muito tempo porque uma importantíssima cadeia tinha me pedido uma entrevista aproximadamente cinco anos antes. Um dia chegou um jornalista — eu nem me lembrava daquela promessa de há tanto tempo —, pediu uma entrevista e respondi que sim. Depois de ter respondido afirmativamente todo mundo considerava que isso era um desastre e aconselhavam-me para suspendê-la, que ia me criar um grande problema e disse: Bem, então terei problemas, será o desastre, que aconteça o que acontecer, mas acabo de prometer uma entrevista a um jornalista. E simplesmente lhe concedi a entrevista e, claro, houve o desastre, não é?

Agora começaram a chegar os pedidos e disse: Vamos tentar ordenar as coisas de modo que não haja feridos nem queixas e que se possa desenvolver bem o programa. Agora vou conceder entrevistas a quatro redes de televisão.

Mal cheguei fizeram-me a primeira entrevista. Não tive tempo nem de beber água. Isso foi sob uma tremenda pressão porque depois da chegada tinha que correr para um ato oficial, despedir-me do Presidente anterior e, sob uma grande pressão, responder às perguntas que me fizeram. Essa foi a primeira entrevista.

No dia seguinte concedi mais duas entrevistas, uma de manhã e outra ao anoitecer. No segundo amanhecer — porque aqui as contas são feitas por amanheceres, não por dias —, concedi a quarta entrevista e hoje de manhã, ao amanhecer, concedi a quinta. Nem todas foram ao ar. Há uma entrevista de uma hora e quarenta minutos, no programa “Cara a Cara” com uma jornalista muito ágil, muito boa e ali nem sei quantas perguntas tive que responder. A de hoje de manhã passam amanhã. A do “Cara a Cara” passam no próximo domingo.

Chegou um momento em que concedia uma entrevista a quem me pedisse. Terminava uma atividade e havia um grupo de jornalistas,

que quebravam a disciplina, todas as ordens e reunia-me com eles ali e concedia-lhes uma entrevista. Chegava a outro lugar e havia outro grupo de jornalistas. Aí disse: Agora vou conceder entrevista a qualquer jornalista, para que não haja problemas.

Assim foi. Houve uma coletiva de imprensa muito longa, aproximadamente duas horas e meia. Não posso dizer que foi melhor do que a microentrevista que fizeram com Quayle. Dizem que o homem saiu furioso dali porque falou somente 20 ou 25 minutos e foi embora zangado. Quando foi minha vez tive muita paciência. Não fiquei zangado nem sequer uma vez e respondi perguntas durante duas horas e meia. Tive vantagens em relação a Quayle se não pela qualidade de minhas respostas, ao menos pelo tempo que estive respondendo.

Houve muitas reuniões. Não havia tempo para respirar, não havia tempo para comer. Ontem à tarde foi a única vez que consegui fazer alguma coisa: fui visitar Lula no seu bairro, cumprimentá-lo. Não queria que viesse visitar-me numa magnífica casa que temos e disse: Prefiro ir visitá-lo.

Se tivesse ganho as eleições teria que cumprimentá-lo lá em Brasília. O que menos podia fazer do que cumprimentá-lo ali em seu modesto bairro de São Bernardo? Foi muito agradável. Senti-me à vontade nesse almoço familiar. Imaginem o problema que coloquei para o Lula: conseguir almoço para cinco ou seis pessoas. Acho que tinha um amigo e conta: “Sem lhe dizer nada nem para quem era, disse: Tenho um aniversário aí e temos que organizar um almoço”. Tudo saiu bem, com comida típica daqui de São Paulo, do Brasil. Na realidade nos sentimos em família. Foi muito agradável.

Havia alguns vizinhos em frente da casa — 100 ou 150, não sei exatamente —, tivemos que ir ao terraço e de repente vimos uma coisa branca que vinha da retaguarda, pelo flanco esquerdo. Era um ovo. Não se sabe a quem atiraram, se a Lula ou a mim. Eu lamentei que não tivesse sido a mim, porque tenham certeza que o teria frito e comido na hora devido ao grande apetite que tinha. O triste é que o ovo caiu no chão. Estávamos não sei quanto tempo sem comer.

Dizem que o gordo do Panamá, a quem os ianques colocaram na Presidência, estava fazendo uma greve de fome porque não lhe dão dinheiro. Isso, além do mais, é insólito. Acho que fiz mais greve de fome do que o gordo Endara. Era a única maneira de aproveitar todo o tempo e por isso, realmente, senti-me muito bem na casa de Lula.

Depois viemos para cá: uma reunião com os partidos. Logo a seguir outra entrevista para a imprensa. Correndo a toda velocidade porque esta cidade é muito grande. Um banho de água fria para nos acordar e voltar para cá, onde na realidade recebo uma espécie de prêmio ao estar com vocês. Sinto-me numa grande liberdade e tenho a sensação de uma grande festa em família. Agradeço muito aos companheiros por não termos tornado isto uma repetição do que houve durante quatro dias.

Poderão imaginar as perguntas que me fizeram, todo tipo de perguntas. Eu queria que me fizessem perguntas e mais perguntas nas entrevistas de televisão, com os jornalistas, em cada uma das vezes em que me encontrei com eles. Até havia algum jornalista que aparecia com algum dos visitantes, porque além disso tive que ver muitos visitantes dos que estavam aqui. Conversei com muitos, lógico.

Recebi um excelente tratamento das autoridades e também de todos os convidados. Muitos amigos da África, da América Latina, alguns antigos presidentes e alguns novos presidentes. Quase se criou uma associação ou um clube de presidentes e ex-presidentes. Aí estava Alfonsín, da Argentina; Sanguinetti, do Uruguai e houve um avanço considerável. Anteriormente não acontecia isso, anteriormente nunca nos convidavam e já estou me tornando um veterano do clube de presidentes e ex-presidentes. Na verdade prefiro o papel de presidente e não o de ex-presidente. Aí digo: Bem, eu sou o decano. Porém não falo porque é preciso saber utilizar a discrição.

Sempre há discursos. Aconteceu no Equador e em outros lugares. Há um método. Um dos caudilhos, porque temos caudilhos também, fica de pé e assinala alguém para que fale e responda o brinde. Depois há outro ato e outro caudilho assinala outra pessoa. Isso ainda não foi protocolizado. Não se sabe quem responde os brindes. Às vezes nos sentimos com vontade de dizer três ou quatro coisas, mas não as dizemos, permanecemos de maneira modesta, apesar de ser o decano.

Agora aqui no Brasil também o Presidente que termina seu mandato disse umas palavras muito emotivas e ninguém falou nada. Aí eu disse a um ex-presidente: "Por que o senhor não diz algumas palavras?" Ele disse: "Realmente, não devo porque aqui está o novo Presidente e não sou eu quem deve dizer algumas palavras". Depois pediu a Felipe que dissesse algumas palavras. Não é por

nada, mas enganou-se, porque estávamos numa reunião de latino-americanos. Se alguém vai responder não deveria ser dos que representam os que foram os colonizadores.

Ali tive tempo de expressar alguma coisa porque às vezes as pessoas sentem vontade de dizer algumas verdades, não de falar nem de se exibir. Então disse para mim mesmo: Não, a discrição é muito melhor. Mas continuei a filosofar e descobri uma coisa muito interessante nestes encontros de sucessão de poder. Há alguma coisa nesse momento em que se vai transmitir o mandato, em que o homem que ostentava uma representação, uma grande autoridade e um grande poder, de repente, de um dia para o outro, vai para casa e não sei porquê, mas sempre, nesse momento, encontro-me com esses homens. Sempre há um momento de conversa, realmente agradável, humana. Não vou mencionar nomes nem circunstâncias. Esse é o momento em que eu me sinto mais solidário com eles e os compreendo e os trato melhor porque, além disso, como prática, trato melhor os homens quando deixam de ser presidentes. É o momento, realmente, em que considero merecem maior atenção, maior consideração. Há um certo trauma, em alguns mais do que em outros, mas em todos se verifica e já estou me tornando um especialista nessas questões de sucessão presidencial.

Tive muitíssimos contatos e nesses contatos houve uma coisa da qual gostei muito: a atitude dos trabalhadores mais humildes. Sempre eram eles os que me chamavam e manifestavam que queriam tirar uma fotografia comigo. Todos aqueles trabalhadores que serviam nas refeições, que atendiam os demais, que serviam o café, sempre procuravam um fotógrafo e pediam-me uma fotografia. Também os da segurança e os que cuidam dos edifícios pediam-me uma fotografia. Eu dizia: Estes homens não devem ser muito filósofos, estes homens talvez não façam muitas elaborações políticas, mas sem dúvida sabem quem é o amigo, sabem quem sente como eles. E sabem, talvez, não por raciocínios muito elaborados, mas por uma espécie de instinto que as pessoas têm. E essas coisas eu as vi em muitas ocasiões e em toda parte. Embora todo mundo me tratasse bem, chefes de delegações, funcionários, todos, sem exceção, observei muito essa atitude, esse jeito, nas pessoas mais humildes em toda a parte.

Nas coletivas de imprensa percebi uma confusão considerável e uma desinformação muito grande. Acho que é uma lição muito objetiva do poder dos meios de comunicação internacionais, das agên-

cias telegráficas, dos satélites e de todos os meios de que os Estados Unidos dispõe para suas campanhas e sua propaganda. É algo verdadeiramente notável.

Sou das pessoas que não se desanimam e gosto de lutar e até diria que quando as coisas ficam pior, eu gosto mais. Uma das primeiras notícias que recebi ao chegar a Brasília foi que aproximadamente 260 deputados da Assembléia Nacional ou do Congresso tinham redigido uma carta na qual pediam eleições diretas em Cuba, e não somente isso, mas que estivessem ali observadores internacionais, comissões dos Direitos Humanos e não sei quantas coisas mais. Foi a primeira coisa que encontrei e pensei: Bem, essa campanha dos direitos humanos teve bastante eco aqui levando em consideração que conseguem até uma maioria.

Claro que eu estava sereno, equânime. Posso responder em qualquer oportunidade, porque tenho muitas coisas para responder a um Congresso. Posso propor até quatro ou cinco leis de uma vez e inclusive dizer-lhes: Se vocês fazem isso, eu faço a outra coisa que vocês me pedem. Eu os teria colocado numa situação muito difícil, realmente terrível, porque são necessárias muitas coisas em qualquer lugar da América Latina, em qualquer país. Eu poderia começar a falar de índices de tudo: desnutrição, crianças que chegam apenas à segunda ou terceira série, índice de mortalidade infantil até um ano, entre um e cinco anos, desemprego, subemprego, doenças.

Eu posso lhes perguntar: Por que vocês não elaboram uma lei para solucionar essas coisas? E não faço, não lhes pergunto. Digo: Na realidade, nossa Assembléia Nacional em Cuba nunca pensaria em enviar uma mensagem ao governo do Brasil dizendo o que deve fazer. Acho que é uma intromissão, uma falta de respeito, de consideração, de tudo. O que se diria?

Se nós queremos e fazemos as contas do que é preciso fazer a partir de três ou quatro coisas, apenas isso, de tipo humano, em duas ou três áreas, obtemos a assinatura de todos os deputados da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba; não de 50% ou 55%, mas de todos. Porém, que mundo seria este então? Isto é para que vocês vejam o modo de agir. Claro que há alguns confusos. Aí eu pensava: Talvez nem isso lhes diga, para quê?

No dia seguinte a sucessão presidencial, o discurso do novo Presidente no Parlamento e ao chegar ali vi todas aquelas pessoas me aplaudindo. Estes são os de esquerda ou os que me enviaram a

carta pedindo as eleições? — perguntei-me. Depois uma longa fila de deputados para me cumprimentar. Havia pessoas de todas as posições: de esquerda e de direita. Apresentaram-me um como sendo o mais direita de todos os direita, que me cumprimentou afetuosamente e me disse que se alegrava de que estivesse ali e me falou nos termos mais amistosos. São estes os que assinaram? — pensei. Eram vários dos que assinaram. Vejam bem, aí fiquei sem vontade de lhes dizer qualquer coisa porque, afinal, o que vi ali me fez pensar: Como é o homem, como é o ser humano, o que lhe dizem, como reage, por que hoje atua de uma maneira e amanhã de outra? Claro, isso tudo foi muito bem arranjado, é essa a linha, os lemas lançados pelos Estados Unidos há dois anos aproximadamente. As campanhas pelo plebiscito e por eleições são os pontos que mais enfatizam neste momento. Nota-se a influência nisso, embora o comportamento dos homens, quando se encontram conosco, seja diferente.

Podem acreditar que esqueci aquilo. Preocupa-me mais o fato da confusão criada em muitos representantes da imprensa, em muitas pessoas, e, não somente aqui no Brasil, mas na Bolívia também, por exemplo.

Alguns vieram com algumas perguntinhas, as mesmas, porque vieram com o presidente do país e disseram: Por aí, por favor, alguns jornalistas querem fazer algumas perguntinhas. E ali ter que voltar a explicar todas as coisas. Nas perguntas de muitos jornalistas percebe-se a confusão e não as fazem de má fé, são confusões que se têm difundido. Sei isso também porque introduziram a confusão, inclusive, em amigos nossos ao martelar e voltar a martelar sobre os mesmos temas.

Perguntam sobre a Nicarágua; perguntas muito, muito repetidas sobre os problemas do Leste Europeu: quais as perspectivas agora para o socialismo a partir desses problemas, dos problemas da União Soviética, isso é muito útil; acerca da questão da *perestroika* e opiniões que tenhamos sobre isso tudo; o que vai acontecer com Cuba e como Cuba pode resistir, todo esse tipo de perguntas.

Sobre as eleições em Cuba voltam uma e outra vez e também sobre as eleições diretas. Deve levar-se em consideração que essas perguntas se fazem neste país onde se verificou uma grande batalha pelas eleições diretas num determinado momento. Essa foi a maneira de mudar a situação do país. Também perguntam sobre a

Revolução, o que vai acontecer depois que eu morrer e todas essas coisas.

Fizeram-me algumas perguntas engraçadas: se tinha medo da morte, o que vai acontecer, como é. Essas perguntas se repetiam. E quando haverá eleições em Cuba, já não diretas, mas de qualquer tipo.

Respondi, realmente, com uma grande paciência e com prazer. Em mais de uma ocasião disse a alguns jornalistas: Por que vocês não aprofundam em relação aos problemas? Por que não vão à essência dos problemas? Por que se deixam guiar por consignas? Por que se deixam arrastar por linhas traçadas pelo imperialismo, que o faz desta maneira e de outra?

Bem, imaginem depois do que aconteceu na Nicarágua! Como foi, o que fica do socialismo depois da derrota da Nicarágua, depois disto, depois do outro?

Ao processo da Nicarágua dão a categoria de um processo socialista e o colocam exatamente no mesmo plano que a Tchecoslováquia, a Bulgária ou que qualquer outro país.

Vi todo este tipo de problemas e pensava na grande necessidade que há de esclarecer, de dialogar, de debater e de discutir. O que posso dizer é que meus entrevistadores, como regra, ficavam sem contra-resposta ou ficavam com a boca aberta. Quantas coisas tive que dizer! Qualquer um poderia pensar que passei um mês pensando todas essas coisas. Mas não, muitas delas ocorreram-me na hora. Na realidade ninguém poderia ter imaginado tantas bobagens como ouvi nestes dias, e nem sempre bobagens, e muitas de boa fé.

Porém doía-me que pessoas inteligentes, pessoas preparadas, só vissem um ângulo, um pequeno ângulo e somente um aspecto do problema.

Acerca do fenômeno das eleições diretas nem se sabe as coisas que disse. Inclusive lhes perguntava: Mas as eleições diretas são as únicas que existem no mundo? Digam-me, são as únicas? É a única forma de democracia que existe ou que se admite como forma democrática?

Acontece que já não sabem nada.

Dizíamos: "Vocês sabem se em Cuba há eleições ou não? Vocês leram alguma vez a Constituição de Cuba?" "Não". "Vocês sabem que em Cuba existe uma constituição?" Ah, não! Eles não sabem que em Cuba há uma constituição. "Vocês não sabem que em Cuba há eleições cada dois anos e meio?" Ah, não! Não sabem. "Vocês

sabem como são escolhidos os candidatos em cada uma das mais de 10 000 circunscrições eleitorais do país?" "Não" "E vocês sabem que ali é o povo e não o Partido quem apresenta os candidatos?" "Não". É assim.

Tivemos a boa sorte de adotar esse método e não o de outros países socialistas. E como são? Não pode haver mais de oito nem menos de dois candidatos e quase sempre é preciso ir a segundo turno porque os dois que ficam em primeiro lugar necessitam o apoio da metade mais um.

E quem escolhe? Os vizinhos. A quem escolhem? Aos melhores. O Partido não pode intervir na candidatura de um delegado de circunscrição, e esse delegado de circunscrição é o que elege todos os poderes do Estado, constitui a Assembléia Municipal e também elege o Poder Provincial e a Assembléia Nacional do Poder Popular, e mais de 60% dos membros da Assembléia Nacional do Poder Popular são esses delegados indicados pelo povo e eleitos pelo povo. Pode haver algum que não seja delegado de circunscrição e seja eleito deputado nacional. Nós procuramos fazer com que os quadros fundamentais não participem nessa eleição de circunscrição, para que se faça de uma maneira espontânea e livre.

Pode candidatar-se ou pode ser eleito, porém mais de 60% são aqueles delegados de base, eleitos deputados pelos próprios delegados de circunscrição. Não é que haja um, dois, três e uma série de eleições indiretas, mas que os eleitos na base são os que depois constituem todos os poderes do Estado.

Então eu lhes pergunto: "Todos os chefes de Estado são eleitos por votação direta?" "Não, não sei". Eu digo: "Bom, o Rei de Espanha é chefe de Estado, é eleito por alguém através de votação direta?" Não, eles são descendentes dos Borbons, de não sei quantos séculos, que tiveram não sei que guerras dinásticas! Quase desde a época da rainha Isabel de Castilha, não por um direito democrático, mas por um direito genético. São os gens transmitidos desde a rainha Isabel a Católica. Eu lhes disse: "Ninguém vai à Espanha e nenhum Parlamento decide enviar um telegrama à Espanha para que elejam o Rei por voto direto ou o Chefe de Estado". Essa instituição existe há 500 anos, muito mais tempo desde que eu fui eleito Presidente pela primeira vez.

Tenho ocupado vários cargos. No início eu não tinha nenhum e pensei que podia ficar sem nenhum, até que realmente surgiram grandes problemas, tudo estava paralisado e me exigiram ser

Primeiro-ministro. Eu não queria ser Presidente, por acaso não gosto do título. Ninguém me chama de Presidente nem nada parecido, todos me chamam de Fidel e esse nome agora ninguém me pode tirar, não é? Porque eu sou vizinho dos cidadãos e isso não o entendem. Acham que eu sou um senhor todo-poderoso que está lá cima, que vive numa urna de cristal, afastado do mundo, um deus lá no Olimpo.

Eu fui Primeiro-ministro durante muito tempo, havia um outro Presidente e foi a nova Constituição a que me fez Presidente, porque estabeleceram o cargo de Presidente do Conselho de Estado que é, por sua vez, chefe de Governo. Em nosso país não há sequer um regime presidencialista, é uma presidência colegiada, bem como há uma direção colegiada do Partido. Eu não posso decretar sozinho um indulto, e todos os presidentes, em todas partes, têm essa faculdade. É preciso reunir o Conselho de Estado e pedir a opinião de cada um dos membros do Conselho de Estado e pedir a opinião de cada um dos membros do Conselho de Estado para indultar alguém. Não posso nomear um embaixador, é o Conselho de Estado que designa o embaixador; não posso nomear um ministro. Senhores: eu não posso nomear um ministro! É o Conselho de Estado que designa os ministros através de um decreto com a participação de todos. Isto não significa que eu não tenha autoridade nem influência ou que não tenha peso na vida do país.

Dizem: "É o senhor que faz?" O que faço é falar, não dou ordens, falo e convengo as pessoas daquilo que deve ser feito, e posso persuadir, mas não faço decretos, nem faço coisas nem nomeio sozinho alguém. Senhores: eu não designo nem embaixadores, nem chefes de departamentos, nem chefes de direções do Estado. Tudo isso tem seu mecanismo, sua fórmula. Tudo isso tem uma política de quadros, se estuda e se considera o curriculum de cada pessoa.

No mundo os governos passam o tempo todo assinando decretos, nomeando gente. Em nosso país, inclusive as funções do Estado estão muito descentralizadas.

Então continuo perguntando — não é que eu faça perguntas a todos, eu pergunto uma coisa a um e a outro, outra —, eu lhes digo: "Quantos chefes de governo da Europa são eleitos por voto direto?" Digo: "Felipe não é eleito por voto direto, nem o Primeiro-ministro da Itália, nem o Primeiro-ministro da RFA, nem a Primeira-ministra da Inglaterra ou da Grécia". Menciono todos e nenhum é eleito por voto direto, a votação é feita pelos parlamentares, mais ou menos, no Parlamento. Às vezes reúne-se uma

coalizão e designam um primeiro-ministro, cujo partido não tem a maioria dos votos no Parlamento.

E como são eleitos os deputados? Por listas, senhores. Todo mundo conhece o truque: um partido apresenta 12 candidatos e elege um, dois, três e quatro como os primeiros da lista e esses são os que são eleitos. Em Cuba a população elege os delegados e eles elegem todos os poderes. Nos países mencionados, o povo não participa sequer da eleição direta dos deputados. Bom, está bem, até parece melhor, para que não haja uma guerra entre cada um dos aspirantes de um mesmo partido. Não é que eu critique isso, mas não é um sistema de eleição direta.

Por que não escrevem a eles? Por que não dizem a essa gente toda que devem ser eleitos por voto direto? E por que não escrevem ao Primeiro-ministro do Japão? E por que não pedem aos Estados Unidos que faça outra forma de eleição? Ali, na realidade, vota 48% dos eleitores, o resto considera aquilo um lixo tão grande que nem vota. Lá há um só partido, porque não há nada mais parecido no mundo que o Partido Republicano e o Partido Democrata, e mais nada. É a mesma coisa, a alternância é assim: um partido burguês por outro partido burguês, um partido imperialista por outro partido imperialista. Eles alternam e são eleitos os presidentes dos Estados Unidos com 25% ou 26% dos votos, e depois o cidadão, durante quatro anos, não volta a saber para que serve o voto, nem volta a participar durante quatro anos na vida do país.

Em nosso país o delegado de circunscrição tem que se reunir sistematicamente com os eleitores e prestar contas e explicar. O povo de Cuba participa, como nenhum país no mundo, dos problemas nacionais e das atividades e decisões do governo. Nós participamos de todos os congressos dos operários, discutindo com eles toda a política; de todos os congressos das mulheres; de todos os congressos dos Comitês de Defesa da Revolução; de todos os congressos dos estudantes de nível médio e de nível universitário; de todos os congressos dos camponeses, das massas organizadas do país e praticamente não há política em nosso país que não seja discutida com cada uma dessas organizações. Isso não acontece em nenhum lugar do mundo. E lá estão a direção do Partido e do Governo discutindo cada um dos problemas fundamentais com todas essas instituições.

Falam dos anos no poder e eu lhes digo: E por quanto tempo o Felipe pode ser eleito? E por quanto tempo a Thatcher pode ser

eleita? E por quanto tempo o Kohl pode ser eleito? E por quanto tempo e quantas vezes pode ser eleito o Primeiro-ministro do Japão? Um período, dois períodos. Há alguns deles que dizem eufóricos: “Vamos ficar 30 anos”.

E se o Felipe tivesse a saúde do Matusalém e vivesse 500 anos sem cometer erros? Pode ser eleito até 80 vezes. Pode ser Primeiro-ministro durante 320 anos. E ninguém vai lá para perguntar: “Felipe, por quanto tempo você vai ficar? Quantas vezes pode ser eleito?”

Então a Thatcher, o do Japão, o da Espanha, podem ser eleitos 80 vezes e eu não posso. Por que protestam? E se eu sou eleito e reeleito, por que protestam? Eu não tenho cometido erros tão graves. Porque se, ao final de contas, nós, como dirigentes da Revolução Cubana tivéssemos cometido grandes erros, não estaríamos ali; não estaria a Revolução, não nós, mas não estaria a Revolução, e nós seguramente estaríamos mortos.

É que por acaso o mais fácil na história deste mundo é fazer uma revolução a 90 milhas dos Estados Unidos e resistir mais de 30 anos o bloqueio imperialista, a hostilidade, a calúnia, a guerra contra nós, a permanente ameaça que nos obrigou a investir tantas energias e a fazer tantos sacrifícios? Teríamos podido resistir? Quem ia salvar o socialismo em Cuba, os tanques soviéticos? Os soviéticos estavam lá, bem longe, não poderiam chegar a Cuba. Os tanques que chegam rápido são os ianques, entendem? Isso nos ajudou muito.

Em vez de dizer: que desgraça ter vivido tão perto dos Estados Unidos, posso dizer: que sorte ter vivido tão longe da fronteira da União Soviética, pois nunca pensamos que eles vinham salvar nossa Revolução se nos afastávamos das massas e do povo e começávamos a cometer todo tipo de erro. Mas, além disso, que sorte, porque não vale a pena salvar uma revolução que não seja capaz de defender-se a si própria. Para que serve uma revolução que precisa ser salva constantemente?

Essas têm sido nossas concepções. Obrigaram-nos a trabalhar duro, e a manter como um princípio elementar da Revolução a estreita ligação com as massas e a estreita unidade do povo. Do contrário não poderíamos ter feito o que fizemos.

Houve uma jornalista de uma agência internacional que falou no assunto e disse: “O senhor falou que quando uma pessoa visita um país é preferível ir embora um minuto antes e não um minuto

depois e o senhor leva muito tempo em Cuba”. Eu lhe respondi: “Mas você esquece de que em Cuba eu não sou visitante, moro ali, nasci ali e penso morrer ali”. Que tem que ver o que eu disse?

Mas voltando sempre à mesma idéia, lhe disse: “Olhe, companheirinha, a culpa não é minha, a culpa é dos ianques, que há 30 anos tentam me matar e não têm conseguido fazê-lo”. Poderia parecer que o melhor é que os ianques tivessem tido sucesso nessa tentativa. “Eles levam 30 anos procurando esmagar a Revolução e não o conseguiram, e eu luto contra eles ao lado do povo. E é o povo quem me colocou lá e me deu essa tarefa e quando quiser me dar outra, cumprirei com prazer. Tomara que isso não acontecesse agora, porque os momentos que se aproximam são difíceis e são realmente, dos que mais gostamos. Agora, o revolucionário não deserta e, como disse Mella², o descanso dos revolucionários é o túmulo. Isso não pode significar de maneira nenhuma, de maneira nenhuma que tenha que ter o mesmo cargo nem algo parecido”.

Bom, que posso dizer a vocês... Penso que todos nós estamos contribuindo mais do que nunca e trabalhando realmente mais do que nunca, com o acúmulo de experiências que agora temos. Acredito que somos úteis e que as tarefas que desempenhamos podemos desempenhá-las perfeitamente, porque o país tem sido obrigado a viver tempos difíceis e deve viver um tempo ainda mais difícil. Mas acho que eu seria o primeiro — quando percebesse que sou inútil e que causo danos pelo que faço —, eu seria o primeiro em pedir e exigir a meus companheiros que me liberem de toda responsabilidade que eu não possa cumprir. Mas da qual nunca me liberarei é da responsabilidade de ser soldado da Revolução. E — como eu disse a uma das entrevistadoras — enquanto palpito o meu coração, funcione o meu cérebro e possa mexer um dedo, estarei lutando pela Revolução e serei soldado da Revolução; mesmo que seja numa cadeira de rodas, sinto-me capaz de combater.

Todos esses temas foram analisados, discutidos. Perguntaram sobre a *perestroika* e sobre o desastre dos países socialistas, que tive que explicar e voltar a explicar.

Eu disse: Senhores, o que nos criticam? Antes nos acusavam de ser satélite da União Soviética, todos os dias: “São satélites, são satélites, esses malditos são uns satélites” e agora nos acusam:

² Julio Antonio Mella (1903-1929). Fundador do primeiro Partido Comunista de Cuba. Foi assassinado no México por ordem do tirano Gerardo Machado, que respondia aos interesses do imperialismo ianque.

“Estes malditos não fazem o que a União Soviética faz, em vez de fazer exatamente igual o que faz a União Soviética”.

Então eu me pergunto: Mas que dia vamos ser livres, que dia vamos ser um país soberano, independente; que dia vamos fazer o que tenhamos vontade de fazer, como povo, como nação e como Partido? Ah, os ianques passaram mais de 25 anos dizendo que eles iam melhorar suas relações conosco, que acabaria o bloqueio, etc., quando nós rompêsemos nossos vínculos com a URSS. E nós soubemos estar mais de 25 anos, quase 30 anos, sem fazer jamais uma concessão deste tipo. Mas agora os ianques nos exigem e dizem que nos bloqueiam e mantêm o bloqueio e continuarão fazendo horrores conosco até que façamos o mesmo tipo de mudança que está fazendo a União Soviética.

A História se encarregou de demonstrar qual foi sempre o verdadeiro espírito de nossa Revolução e a política de princípio que algumas vezes nos levou, inclusive, a situações de tensão nas relações entre a URSS e Cuba. Todo mundo se lembra daquela Crise de Outubro — os que não tinham nascido não, mas os outros sim — e da famosa história dos mísseis. Porque toda essa teimosia dos Estados Unidos contra Cuba quase provoca uma guerra mundial. Os soviéticos chegaram a um acordo com os ianques sem nos consultar, disseram que iam retirar os mísseis. “São seus, podem levá-los se quiserem”. Não queríamos ficar com eles pela força. “Não, deve ser com inspeção”. Nisso as duas potências tinham chegado a um acordo. Nós dissemos: “Este país não será inspecionado por ninguém, sabem? Este país não será inspecionado por ninguém!” Tiveram que inspecionar os barcos em alto-mar.

Começaram os aviõzinhos em vôos rasantes, porque nos ianques surgiu um oportunismo enorme, infinito. Quando viram aquela situação pensaram que iam nos desmoralizar, começaram a voar em vôos rasantes e nós dissemos aos soviéticos: “A tal hora, em tal dia, começamos a disparar contra todos esses aviões”, e acabaram os vôos rasantes em nosso país.

Eu afirmo a vocês que se naquele momento não tomamos a decisão de disparar, não se poderia nem jogar beisebol nem basquetebol em Cuba, porque os aviões passavam a 20 ou 30 metros, desmoralizando. Não perguntamos a ninguém e lhes dissemos: Vamos fazer isto e pronto, como fizemos anteriormente, durante a crise, quando ainda estavam lá os mísseis e começaram a voar em vôos rasantes, antes deste momento que mencionei agora e disse:

“Isto é uma tolice, um dia vêm em vôo rasante e destroem tudo num ataque de surpresa”, e dissemos: “Vamos disparar” e num amanhecer abrimos fogo contra todo o avião que passou por ali. Não tínhamos os foguetes de altura, os aviões levantaram vôo. Um soviético entusiasmou-se e carregou o botão de um foguete terra-ar e abateu um U-2 que voava a uns 20 000 metros de altura. Esse foi o momento da crise.

Mas nós não admitimos aquela política incerta, fraca, de permitir que os aviões voassem sobre o território nacional. Em nosso país sempre temos governado sem permitir que ninguém nos governe, o qual não exclui a lealdade com que sempre defendemos os países socialistas e os interesses dos países socialistas, e que nos levou a pagar um alto preço, muito alto, como aconteceu com os problemas da Tchecoslováquia em 1968. Não quisemos deixá-los sozinhos, fizemos uma análise muito crítica, como eu acredito que nunca se fez e se alguém lê o que nós dissemos em 1968, verá que em nossas advertências estavam os germens de todos os problemas que tiveram depois.

Recebemos mais de um presente, recebemos o da Tchecoslováquia, recebemos o do Afeganistão. E não se trata de ajudar ou não um país, e eles o estavam ajudando, mas há formas de ajudar que são inaceitáveis porque chocam com a soberania de um país.

Nós ajudamos os angolanos, estivemos lá 14 anos ajudando-os na luta contra a África do Sul, contra o *apartheid*. Resistimos, fomos firmes nesses 14 anos; mais de 300 000 compatriotas nossos estiveram lá, o qual é também uma prova do espírito internacionalista de nosso povo. E esses 14 anos foram de sacrifício, de luta e afinal alcançou-se a vitória. Garantiu-se a independência de Angola, garantiu-se a independência da Namíbia, deu-se um passo importante na grande luta contra o *apartheid*, que em nossa opinião iniciou um processo irreversível para seu desaparecimento.

Sim, fomos solidários, inclusive à custa de preços políticos muito altos, quando cometeram erros graves, para não nos colocar ao lado dos ianques contra eles. Chegamos até esse ponto.

Não assistimos às Olimpíadas, quando era o único contato que nós tínhamos com os Estados Unidos. Um dia decidem não ir, todos decidem não ir, e nós, para não quebrar a coesão do grupo, dissemos então: Não vamos.

Não tinha transcorrido muito tempo e por não ter ido, perdemos a sede dos Jogos Pan-americanos que se realizaram em Indianapolis. Depois, em outra batalha, voltaram a conceder-nos a sede. Chegou o momento das Olimpíadas em Seúl, e eu pergunto a eles numa reunião de todos os dirigentes: E vocês que vão fazer? Defendi fortemente a idéia de advertir que se não se compartilhavam os jogos, não iriam a Seúl. Disseram: "Sim, vamos apoiar isso", mas todos diziam: "De qualquer maneira vamos". Se de qualquer maneira vamos, que tipo de maneira de apoiar é essa?

Então não foram a Los Angeles, uma cidade do império, e foram à capital da colônia, onde há muitos milhares de soldados ianques, armas nucleares, um governo super-repressivo e todo mundo direitinho para Seúl. Nós dissemos: Não! Se por solidariedade com os países socialistas não fomos a Los Angeles, por solidariedade com a República Democrática da Coreia não vamos a Seúl. Praticamente fomos o único país que não foi a Seúl, mas seguimos nossa política de princípios.

Nós temos dito a alguns jornalistas: na URSS surgiram problemas que não aconteceram jamais em Cuba. Os fenômenos do stalinismo jamais aconteceram em nosso país, jamais! As "limpezas" não aconteceram jamais em nosso país; mesmo com algumas pessoas que cometeram crimes muito graves nós fomos generosos, sempre que foi possível ser generoso.

Em nosso país nunca houve um desaparecido, um torturado, um assassinado. Não importa o que digam, com seu descaramento e sua falta de vergonha habitual os meios de informação do imperialismo, e os elementos contra-revolucionários que estiveram na cadeia e saíram de nosso país em perfeito estado de saúde. Os presos mais saudáveis do mundo são os contra-revolucionários que saíram das prisões de Cuba.

Quando ocorreu o problema de Playa Girón, a invasão mercenária veio em barcos dos Estados Unidos para invadir nosso país. Que teria ocorrido se de Cuba saísse uma expedição de norte-americanos para invadir a Flórida? Que teriam feito com eles? Quantos anos teriam ficado presos? Quantos teriam fuzilado?

E nos combates de Girón, onde nossas forças tiveram mais de 100 mortos e centenas de feridos, nos combates que ocorreram ali sem interrupção, como prova da educação de nosso povo e da política de princípio de nosso povo — eram milhares de milicianos —, capturaram 1 200 prisioneiros e nenhum deles foi assassinado.

Por aí não há guerra onde o soldado não dispare em determinado momento, quando depara com o inimigo e cai em suas mãos. Nenhum dos 1 200 prisioneiros recebeu um golpe de culatra! Nenhum deles poderia dizer: recebemos um golpe de culatra. Mil e duzentos mercenários: não estiveram presos nem dois anos. Fomos nós os que procuramos uma solução: "Bom, paguem-nos uma indenização e enviamos todos para lá". Pagaram uma indenização em alimentos para crianças e em medicamentos e nós enviamos os 1 200 "heróis" para lá, enchemos aquilo de "heróis". Desde então todos são chefes, generais, marechais e não se sabe quantos problemas há entre eles.

Eu digo aqui que apesar de todas essas calúnias, acredito que vocês, se conhecem o nosso povo, compreenderiam que nosso povo seria incapaz de tolerar essas coisas, que nosso povo foi educado para repudiar toda forma de maltrato e tortura aos prisioneiros, ainda que seja o pior bandido. Esse ódio surgiu em nossa própria luta contra as torturas e os crimes, temos mantido essa linha com mão firme e posso garantir a vocês, segundo o que sei da história passada e da presente, que na História não existe um só caso de conduta como a mantida por nossa Revolução nesse campo.

Isso não nos libera de todas as campanhas que fazem e dos esforços para nos impor condenações em Genebra. O que eles procuram é a impunidade da contra-revolução.

Se nós não tivemos os fenômenos do stalinismo, por que temos que aplicar medidas sobre fenômenos que não existiram? Nós não tivemos coletivização forçosa, porque a reforma agrária se fez de outra maneira, diferente de todos os demais países socialistas. Aos camponeses que tinham parcelas de terras, lhes demos a propriedade. Os grandes latifúndios e as grandes plantações foram mantidas como empresas estatais, propriedade de todo o povo. Foram modernizadas, mecanizadas. Se ainda temos 70 000 camponeses independentes, eu pergunto por que temos que inventar agora o camponês independente; sabemos seu resultado do ponto de vista econômico, é realmente pouco, comparado com as cooperativas de produção agropecuárias.

O camponês mais atendido e mais considerado no mundo é o cubano. Há 30 anos têm a propriedade de suas terras, os que são proprietários, e nenhum camponês em Cuba paga impostos. Se algum camponês perde sua colheita por causa da seca, das pragas, dos

furacões, sua dívida é perdoada, recebe ajuda, não paga nem um centavo de impostos. Essa foi e é a política com os camponeses.

Nós nunca forçamos um camponês a ingressar numa cooperativa ou numa granja. Às vezes o camponês fica velho, seus filhos são professores, médicos, quer outras coisas e já não pode trabalhar, então compramos sua terra e lhe damos um subsídio. Em nosso país a cooperativização tem sido totalmente voluntária. Entre os membros das cooperativas e os camponeses há um 20% da terra. Os camponeses que estão nas cooperativas têm 12% e os camponeses individuais têm 8%. Quando é preciso fazer um grande canal e os camponeses individuais estão em meio do caminho, é uma tragédia pelas voltas que tem que dar, e os sistemas de irrigação e a mecanização se tornam difíceis.

Nós temos mecanizado a maior parte do corte da cana. Antes trabalhavam nisso 350 000 cortadores de cana, os *macheteros*, era um trabalho muito duro e nós temos reduzido, temos liberado do trabalho do corte da cana quase 300 000 *macheteros*. Isso é muito importante e se conseguiu graças às plantações em grande escala, ao emprego das máquinas, ao emprego dos aviões. A produtividade na agricultura está ligada à aplicação da técnica, da ciência, das máquinas.

Nós fizemos duas reformas agrárias. Fizemos a primeira e o máximo de terra era de 400 hectares. Depois fizemos outra, que era de 65 e dissemos aos camponeses: Não haverá mais reforma agrária, agora a evolução deve ser feita por outras vias. Se vocês querem ficar mil anos com o pedaço de terra, podem ficar mil anos com ele.

Nós nunca forçamos um camponês a ingressar numa cooperativa ou numa empresa do Estado. Por acaso vamos enlouquecer agora e começar a repartir a terra das empresas do Estado ou das cooperativas, que estão dando excelentes resultados? Seria realmente uma loucura.

Eu dizia: se na URSS decidem — por qualquer razão histórica — fazer um tipo determinado de mudança, por que nós temos que fazê-lo exatamente igual? O método eleitoral deles foi diferente do nosso, o que eu expliquei aqui. Por que temos que fazê-lo agora de outro modo? Como nós apoiávamos e simpatizávamos com qualquer coisa que se fizesse para aperfeiçoar o socialismo, jamais estivemos contra. Somos muito conscientes dos grandes problemas que tem tido o socialismo como sistema novo que surge pela primeira vez na história.

Essa é a posição mantida por nós. Quando Gorbachev esteve em Havana no mês de abril de 1989, eu expressei publicamente minha opinião na Assembléia Nacional sobre o que devia ser feito com os países socialistas que quisessem construir o capitalismo. Eu disse que se qualquer país socialista queria construir o capitalismo, era preciso respeitar o direito desse país socialista a construir o capitalismo e não interferi-lo, da mesma maneira que pedíamos e exigíamos o direito de qualquer país capitalista a construir o socialismo. Penso que é a análise que se deve fazer.

Conversei muito com Gorbachev sobre isso. Ele disse que estava muito interessado no que eu tinha dito. Não falamos muito mais sobre este tema bastante delicado porque já o tínhamos feito publicamente. E estou plenamente de acordo com o respeito da União Soviética ao direito destes países a fazer todas as mudanças que quiserem. Não tenho dúvidas nesse sentido, embora não gostemos disso.

Ora, o que está acontecendo nos países do Leste é o desmantelamento do socialismo. O que todos nós queremos é o aperfeiçoamento e não a desapareição do socialismo, que é o que está acontecendo. Marcham a passos exagerados, em geral, alguns mais rápido que outros, para o desmantelamento do socialismo, para a economia de mercado, a propriedade privada, a privatização das empresas. E o que é isso? Isso é socialismo? Desde quando isso é socialismo? E eles não se ocultam para dizê-lo, eles não o negam.

Observem o que estão fazendo. Agora vários deles fizeram a pior canalhice. A Polônia e a Tchecoslováquia co-auspiciaram a moção dos Estados Unidos em Genebra contra Cuba, uma batalha que vínhamos travando durante anos e anos e sempre a ganhávamos, apesar de que o voto era público. E quando o voto é público a desgraça cai sobre nós, porque todo mundo anda pedindo um crédito ao Banco Mundial, ao banco tal, ao Fundo Monetário Internacional, a condição de nação mais favorecida, etc. Quando as votações são secretas nas Nações Unidas, sempre temos muitos votos; quando são públicas surgem pressões terríveis dos Estados Unidos, verdadeiramente terríveis.

Que puderam obter? Não uma acusação, mas uma moção muito suave, moderada. Contudo, no fundo eles queriam ter um número de votos em favor dessa moção. Contaram com o co-auspício da Polônia e da Tchecoslováquia e com o voto, porque eram da comissão, da Hungria e da Bulgária.

Foi uma traição repugnante. E lhes dissemos, não nos calamos. Eu já disse e continuarei dizendo pelo menos durante 10 anos, em toda parte, agora mais livre: acabou-se a solidariedade, ganhou-se a liberdade. Dizendo o que eu sei, acho que vão receber o prêmio que merecem pela sua conduta.

Tudo isso para obter créditos no Banco Mundial, para que o FMI autorize empréstimos, para receber dos Estados Unidos a condição de nação mais favorecida.

Num momento difícil, num momento em que nos querem impor uma estação de televisão violando todas as leis internacionais, introduzir toda sua porcaria no país, introduzir essa Babilônia, como eu dizia ontem aos cristãos, quando nos ameaçam com agressões, estes países com os quais fomos solidários durante tantos anos, se colocam ao lado dos Estados Unidos, encorajando-os, dando-lhes argumentos, apoio. Por isso eu disse: O sangue que se derramar defendendo a Cuba, cairá também sobre eles se um dia o imperialismo nos agredir.

Estes riscos não se devem subestimar.

Como já disse, eu tenho conversado com muitos dirigentes. Por exemplo, Carlos Andrés Pérez e Felipe González vieram conversar comigo. Eles têm tido contatos com os ianques. Os ianques lhes disseram abertamente que era preciso submeter Cuba. Eles estão muito preocupados com isso. Têm a grande preocupação de que depois de todas as barbaridades cometidas no Panamá e de outras coisas que fizeram, invadam nosso país.

Eles têm suas posições, nós temos as nossas. Falaram-me muito francamente sobre tudo isso. Falaram que era preciso evitar isso, que precisavam de nossa ajuda para procurar evitá-lo. Eles nos disseram: "Nós sabemos que vocês vão resistir, não temos nenhuma dúvida. Os ianques sabem que isto lhes custa 250 000 mortos, mas isso vai significar grandes perdas para Cuba. A filosofia não pode ser a resistência, a estratégia não pode ser a de Sagunto e Numância", e nos pediram que elaborássemos uma outra estratégia. Mas nossa estratégia é a estratégia da resistência, a estratégia da luta e não pode ser outra. Se você concede a ponta de um dedo, então pedem o dedo, a mão, o braço, tudo.

Que bem nós conhecemos os ianques! Se nós tivéssemos cedido uma só vez às exigências imperialistas, a Revolução Cubana não existiria. O que tem freado os imperialistas é o heroísmo de nosso

povo, o preço que eles sabem têm que pagar por uma agressão contra nosso povo. Eles são calculistas, muito calculistas.

Um jornalista espanhol perguntava-me sobre isso. Eu lhe perguntei de que parte da Espanha ele provinha. Era de Astúrias, um povo que lutou, combateu. E quantos espanhóis morreram na defesa de Zaragoza, tão famosa? Quantos morreram na batalha de Bailén e quantos morreram nos demais combates? Quantos morreram quando as tropas de Napoleão ocuparam toda Espanha? E o exército de Napoleão era o mais poderoso naquela época.

E os espanhóis se lembraram de Sagunto e Numância?

E quando os soviéticos foram invadidos pelos fascistas, quantas vidas custou aquela agressão? Vinte milhões de mortos! Os soviéticos se lembraram de Sagunto e de Numância? Ou iam deixar que os nazistas penetrassem até Vladivostok e se apoderassem daquele país e do mundo?

Nenhum latino-americano, nem Bolívar depois do terremoto que destruiu Caracas, lembrou-se de Sagunto ou de Numância. Nem os vietnamitas perante a agressão ianque, com 500 000 homens, milhares de aviões e de barcos, se renderam nem filosofaram nesse momento, mas lutaram. Por isso são independentes.

Os ianques sabem o preço que teriam que pagar por uma agressão contra Cuba. Isso os detém, porque os aplausos são fáceis quando fazem aventuras militares sem glória e enviam divisões e esquadras para apoderar-se de Granada ou do Panamá. As coisas mudam quando começam a chegar os féretros com os cadáveres dos invasores mortos. Então cessa a alegria, a festa. Vem o choro, vêm as lágrimas.

Nós estamos seguros, porque durante muitos anos estivemos preparando todo nosso povo para a defesa do país. Todo o país está organizado. Em todos os cantos, homens e mulheres, até as crianças, sabem onde devem ir, onde estão os refúgios, o que devem fazer, que se deve fazer com a economia nesse caso, porque nós defendemos o país com o povo armado.

Uma das coisas que eu dizia a uma das jornalistas era: "Olhe, nós não temos apenas o voto; temos as armas, os fuzis" e lhe explicava esse argumento para esclarecer suas confusões: "Bom, eu gostaria de ver se há alguma coisa mais democrática que a nossa. Se os outros querem, por que não nos imitam?"

Estas são as coisas nas quais se deve pensar. Nós temos todo um povo organizado e preparado para defender-se: homens, mulheres, trabalhadores, camponeses, estudantes e isso é o que garante a existência da Revolução Cubana.

Temos planos para caso de bloqueio total, numa situação onde não pudesse entrar um projétil, nada. Agora estamos estudando — a partir dos problemas surgidos no Leste europeu e da atitude de um grupo de países — o que fazer, mas sobretudo, que fazer se surgirem problemas sérios na URSS, se surgirem conflitos sérios dentro da URSS, se surgirem fenômenos de desintegração da URSS, e apesar dos esforços, apesar da sua vontade de cumprir todos os acordos com Cuba, não pudesse fazê-lo. Porque devemos dizer que os soviéticos estão cumprindo estritamente todos os acordos com Cuba. Os soviéticos votaram a favor de Cuba na Comissão de Genebra. Ucrânia votou a favor de Cuba, que é outro dos votos da União Soviética, porque tem dois lugares na Comissão.

Apesar disso podem surgir problemas realmente e temos que analisar essa possibilidade de maneira realista e fria: que fazer. Que áreas continuar desenvolvendo; que fazer com o desenvolvimento social, que teria que deter-se durante quatro ou cinco anos. Felizmente, temos avançado tanto que podemos dar-nos o luxo de deter durante quatro ou cinco anos até a construção de moradias, mas os planos de produção de alimentos não se deteriam, os planos de desenvolvimento da indústria farmacêutica e de biotecnologia — que estão apresentando um enorme êxito — não se deteriam. Os resultados da explosão científica que se está produzindo em nosso país, os aplicaríamos imediatamente, com prioridade; também não se deteriam outros planos que ajudariam a melhorar as condições econômicas.

Assim, estamos preparando o povo, organizando o povo e tomando todas as providências necessárias para enfrentar qualquer destas eventualidades, tanto de tipo econômico quanto militar.

Não quero falar muito sobre os argumentos que mencionei aos jornalistas no que diz respeito à situação da América Latina. É um desastre total! Os índices são assustadores, não é preciso dizer mais; às vezes é 30% e 40% entre desempregados ou subempregados; 65% de mortalidade infantil no primeiro ano de vida; cerca de 85% entre 1 e 5 anos. Falo sobre os índices e digo: Cuba tem 11,1 para cada 1 000 no primeiro ano e antes de dois ou três anos estaremos em menos de 10.

Os índices de saúde em Cuba são melhores que os dos Estados Unidos, os índices de educação são melhores, a esperança de vida excede já os 75 anos e vai ser maior quando se contabilize o trabalho do médico da família e uma série de avanços extraordinários que estamos estabelecendo na Medicina. Novos medicamentos que se descobriram e que se está começando a aplicar. Não tardará muito o dia em que a esperança de vida de nosso país será de mais de 80 anos.

A situação que a mulher tem hoje em nosso país é diferente. Quando triunfou a Revolução, só havia 190 000 mulheres trabalhando, quase sempre em bares, em lojas ou como empregadas no serviço doméstico; 100 000 prostitutas, entre prostitutas diretas e indiretas, isso é o que havia em nosso país. E que há hoje? Em poucos anos nós solucionamos o problema da prostituição, deixou de ser uma fonte de emprego e de vida para a mulher. Hoje há 1 400 000 mulheres trabalhando. Mas o importante não é isso, é que 58% da força técnica do país são mulheres, cinquenta e oito por cento da força técnica, 55% das estudantes universitárias, 61% das estudantes pré-universitárias, que é a procedência das que vão depois para a universidade. Essa força técnica continua aumentando, impondo-se. Muitas mulheres são diretoras de centros científicos, de hospitais; adquirem, por sua própria capacidade e seu próprio valor, uma influência muito maior. Na Federação de Mulheres Cubanas estão organizadas mais de 85% das mulheres de mais de 15 anos. É uma mudança realmente impressionante.

Continuamos lutando porque faltam muitas coisas por solucionar e há problemas ainda mais sofisticados, por exemplo, tudo o que se relaciona com o papel da mulher na família, como compartilhar o trabalho do lar, que já foi contemplado no Código da Família, tudo isso tem modificado a situação da mulher. Em que lugar da América Latina existe essa situação?

A escolarização das crianças de nível primário é de 98%; das crianças com idade para o nível secundário é de 90%, e mais de 80% dos adolescentes e jovens com idade para o nível pré-universitário e para as escolas tecnológicas.

No país há cerca de 300 000 professores e havia cerca de 26 000 quando triunfou a Revolução. Hoje temos um professor para cada trinta e tantos cidadãos, não para cada trinta e tantas crianças. No fim do ano teremos quase 40 000 médicos; quando triunfou a Revolução havia 6 000; quase todos estavam na capital; 3 000 foram

embora e ficaram 3 000. Agora teremos quase 40 000. Criamos instituições que são totalmente novas. Há 300 000 estudantes nas universidades, dos quais 120 000 são alunos de cursos regulares diurnos. Cerca de 200 000 são professores, enfermeiras, trabalhadores em geral que estão estudando, que já não precisam de um emprego. Cada jovem formado na universidade já sabe, antes de terminar os estudos, onde vai trabalhar.

As carreiras de enfermagem e de professor de ensino primário têm agora nível universitário, avanços realmente extraordinários que vão significar melhoria na Educação de nosso país.

Em nosso país não se conhece a desnutrição, e na América Latina há 50% de desnutridos. O número de mães que morrem no parto em cada 100 000 é de 26, que em 10 000 são 2,6. Seria preciso analisar essa cifra no resto da América Latina. A Revolução, com seus programas de Saúde, tem salvado mais de 300 000 crianças desde 1959. Na América Latina morrem 700 000 cada ano e que poderiam se salvar se tivessem os níveis de Saúde e os índices que tem Cuba.

Então, é preciso esmagar Cuba, é preciso caluniar Cuba. Levá-la à Comissão de Genebra por violações dos direitos humanos. E o império que tem provocado essa miséria, o império que provoca essas mortes de 700 000 crianças não é condenado por ninguém, embora seja o equivalente ao lançamento de sete bombas como as de Hiroshima e Nagasaki cada ano sobre as crianças. E falo dos que morrem, não dos que ficam com retardo mental, não dos que ficam depois subdesenvolvidos, não dos que depois vão sofrer todo o tipo de doenças, independentemente do estado social.

Essas são as coisas que estamos vendo diante de nós. Converteram-nos em índios novamente! Eu o dizia ontem na entrega do prêmio a Villas Boas: "Sim, precisamos de muitos Villas Boas, porque novamente estamos nos tornando índios deste hemisfério".

Calculei quanto nos roubavam e fiz uma conta curiosa, embora tenha pedido a colaboração de um historiador para comprová-la. Calculava quanto ouro tiraram os espanhóis, os europeus e os portugueses em três séculos de colonização e acho que não me engano se digo que agora cada ano estão tirando mais ouro do que tiraram todas as metrópoles em três séculos. Porque uma tonelada de ouro vale aproximadamente 10 milhões de dólares, e sem contar a fuga de capitais, etc., a América Latina está exportando capital líquido por cerca de 30 bilhões de dólares, equivalente a 3 000 toneladas de

ouro! Como agora os índios somos mais e trabalhamos em muitas coisas, estamos lhes entregando — este hemisfério, cujos problemas vocês conhecem — 3 000 toneladas de ouro. Então, pode-se comparar o saque de que fomos vítimas com o saque que nos fazem agora?

Essa é a realidade de nosso hemisfério. Disso não se fala, não se pergunta e temos uma dívida de bilhões. Somos maus porque pedimos que se esqueça essa dívida. Saqueiam-nos, temos o intercâmbio desigual, bloqueiam nosso comércio; o abismo entre nós é cada vez maior, e disso não se fala; dos que padecem de fome, dos que sofrem, dos que morrem, não se fala. Do outro lado, o que realmente se pode ver é terrível.

Estive falando com a prefeita de São Paulo e sofria, porque ela me explicava os problemas que tinha e são insolúveis. Ela diz: "Há uma área de 3 milhões de habitantes sem um hospital". "Qual o déficit de leitos? Todas as crianças freqüentam a escola?" "Não, tenho 300 000 crianças sem escolas". Aqui, nesta cidade cheia de indústrias, a mais industrializada da América Latina. "Outros problemas?" "A habitação". Dói na alma — como nós dizemos — conhecer esses dados todos.

Nós temos solucionado muitos problemas com muito menos recursos, é a verdade. Nosso problema não é saber quantas crianças estão sem escolas, mas quantas escolas especiais necessitamos para as crianças com problemas de retardo no desenvolvimento psíquico ou retardo mental, ou problemas visuais ou auditivos, ou problemas de comportamento, porque estes transtornos surgem também até por problemas fisiológicos. São garotos muito inteligentes, mas são irritáveis, precisam de escolas especiais.

Sabem quanto Cuba precisa em escolas especiais, para uma população de um pouco mais de 10 milhões? Oitenta e cinco mil capacidades! Já temos 55 000 e estamos trabalhando num programa de dois ou três anos mais para contar com as 85 000 capacidades. Seremos o primeiro país onde todas as crianças com necessidades deste tipo recebam assistência. Temos escolas para inválidos, pessoas que não têm pés ou que não têm mãos, que antes recebiam aulas em suas casas.

Atualmente construímos escolas muito caras, mas construímos para crianças amblíopes, crianças com defeitos graves na visão, onde a escola é um hospital que oferece a assistência necessária. Ou

para crianças cegas, ou para crianças surdas. Temos avançado muito neste campo.

Cento e quarenta mil mães trabalhadoras têm acesso às creches e continuamos construindo creches. Por que a mulher tem podido incorporar-se ao trabalho? Por que pode ser 58% da força técnica do país? Porque temos as creches, porque temos os semi-internatos; mais de meio milhão de crianças vivem em semi-internatos, no ensino primário ou secundário, o que possibilita às mães — que ainda têm uma carga muito grande na atenção à família — incorporar-se ao trabalho. Temos cerca de meio milhão de bolsistas, o que também permite às mães dedicar-se mais ao trabalho.

Criou-se uma série de instituições de Educação, de um tipo ou de outro, ou de Saúde.

O médico de família representa uma grande tranquilidade para qualquer mãe. Se uma pessoa tem a mãe vivendo na comunidade, se tem o pai ou algum familiar, sabe que o médico está junto deles. Essa é a instituição do médico de família.

Fomos resolvendo esse tipo de problemas que eu menciono, os quais ainda não foram solucionados na América Latina. Então por que nos acoçam? Em vez de nos assaltar, como nos assaltam, como castigo pela luta e pela obra revolucionária que fez nosso povo, por que, simplesmente, não se perguntam isto: Como é possível que Cuba, em 30 anos, tenha podido fazer o que a América Latina não fez em 200 anos? Essa é a pergunta que se deve fazer.

Por que não nos aprofundamos nos verdadeiros conceitos da participação do povo, da democracia, da verdadeira democracia em todos os sentidos: do poder para o povo, não o direito de aparecer num colégio eleitoral cada quatro anos. Muito bem, ótimo, necessário, mas está muito longe de significar o poder para o povo. Seria preciso ver nesta luta, também, como estão repartidos os recursos e se todos temos não só um sistema, mas os mesmos recursos, numa disputa eleitoral.

Por que não nos deixam criar? Por que não esperam 100 anos, se o desejam, para nos condenar, para ver finalmente o que vai dizer a História? E por que nos vão condenar, quando estamos cumprindo um papel que o destino nos designou? Porque nós não esperávamos ser aqueles que levantam as bandeiras do socialismo; não queríamos, nem aspirávamos a isso, pareceria uma loucura. Agora ficamos com as bandeiras, e não estamos dispostos a renunciar a essas bandeiras. Estamos dispostos a lutar.

Há alguns que pensavam que a Revolução ia desmoronar-se como um castelo de cartas. Se por aí fizeram revoluções como castelos de cartas, a cubana não foi feita assim, a cubana é de aço e foi autóctona, ninguém nos trouxe, nós a trouxemos e a defendemos nós. Está escrita com sacrifícios, está escrita com sangue.

Esperemos para ver se realmente se cai o castelo, se nos desmoronamos. Esperemos para ver como nós resistimos a ofensiva ianque, suas ameaças, a idéia de que é preciso nos esmagar, nos submeter, esperemos! Ainda falta muito tempo pela frente, para que sejam outros os que julguem.

O triste é que transmitem suas mentiras e seu veneno às massas, a muita gente, inclusive a muita gente boa. É por isso que digo que temos que refletir, pensar, meditar em todas estas coisas. Pensar com nossas próprias cabeças, e pensar nas realidades históricas deste mundo onde vivemos. Até quando vamos continuar assim?

Sim, nos falamos com entusiasmo da abertura democrática. Dizemos: Ótimo! Nós somos os mais felizes, e em todos esses países onde houve abertura democrática, fomos os mais solidários com eles em sua luta. Mas, infelizmente, a abertura democrática está no ar. Em que base se apóia? Onde vão levar estes problemas sociais, esta Dívida, estas inflações incontroláveis? Expulsam o capital de nossas próprias sociedades, as pessoas trocam o dinheiro em divisas, e se se paga juros altos para evitar sua troca em divisas e que as levem, então investem o dinheiro em especulação financeira e não na produção.

Como podemos nós suportar esta situação de exportadores líquidos de capital para o mundo capitalista desenvolvido? Como podemos suportá-la? Quanto tempo mais? Quanto tempo mais vamos continuar entregando as 3 000 toneladas de ouro todos os anos? Onde vamos parar? E crescendo cada vez mais e mais, com uma dívida social — como dizem os brasileiros — cada vez maior. Que futuro tem essa democracia que está no ar? Como vamos continuar acreditando nessas histórias e não ver que se nossos problemas não têm solução, vamos ter todo o tipo de evoluções, num sentido ou em outro, nos próximos três ou quatro anos? Isto é o que não se suporta e não se pode suportar?

Pensamos nestas questões muito seriamente. E quando defendemos nosso país, temos a sensação de que estamos defendendo também nossos povos irmãos da América Latina. Se aquela trincheira caísse, seria uma tragédia para os povos da América

Latina. Porque Martí o disse há muito tempo, há 95 anos e Martí foi um dos mais grandes pensadores deste hemisfério, um dos mais grandes profetas e visionários. No dia anterior à sua morte, escrevendo uma carta a um amigo mexicano, disse: "Em silêncio teve que ser e tudo o que fiz até agora e farei, será para impedir, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se estendam, como uma força mais, sobre os povos da América". Quer dizer, uma Cuba nas mãos dos Estados Unidos teria sido essa força mais.

Se em Cuba a Revolução fosse derrotada, desapareceria a independência de nosso país. Revolução, independência e soberania são coisas inseparáveis em Cuba. Não puderam conquistar no século passado; pensavam que ia cair como uma fruta madura, como o disseram uma vez. Puderam ficar com Porto Rico, agora querem anexá-lo. Nós nos salvamos de ser um Porto Rico, porque lutamos e lutamos durante muito tempo. O destino não nos levou a essa fatalidade. Somos um país independente, revolucionário, com uma obra feita que nosso povo está disposto a defender.

Os nicaraguenses não tiveram tempo para fazer essa obra, com a guerra suja, com o bloqueio econômico, com os sofrimentos que o imperialismo impôs ao povo, levou este a uma situação de desespero. Fizeram com que acreditassem que obteriam a paz só se os Estados Unidos quissem, que a economia ia se recuperar se isso acontecia; e aos sandinistas, em 10 anos, não os deixaram fazer uma obra revolucionária.

Nosso povo tem uma obra revolucionária para defender, mas além disso tem que defender sua soberania, sua independência, e está disposto a fazê-lo.

Desculpem se falei demais, mas antes de terminar queria dizer-lhes uma coisa: acreditem em Cuba, confiem em Cuba, Cuba não lhes desiludirá, Cuba não lhes desiludirá! Nosso povo defenderá sua Revolução a qualquer preço e resistirá qualquer problema: econômicos ou militares. E não nos deixaremos levar por sentimentos fatalistas, não haverá holocausto. É impossível o holocausto num povo que luta neste mundo de hoje e que defende idéias justas, que defende causas nobres. E haverá menos ainda se temos milhões de irmãos com a mesma cultura, sofremos os mesmos problemas, temos os mesmos sentimentos e falamos a mesma lín-

gua. Por isso lhes digo, e sei que me entendem, que nosso povo não somente será capaz de resistir, mas também de vencer.

Pátria ou Morte!

Venceremos!

Entrevista realizada no dia 23 de março de 1990 e transmitida pelos canais de televisão, Rádio Rebelde e Rádio Havana-Cuba para informar sobre a viagem ao Brasil

JULIO GARCIA (Mediador) — Como todo nosso povo sabe, o Comandante-em-chefe Fidel Castro acaba de realizar uma viagem de seis dias ao Brasil a qual foi acompanhada com grande atenção em nosso país e que teve uma grande repercussão internacional.

Durante estes dias, nosso povo tomou conhecimento de aspectos fundamentais desta viagem. Não obstante, levando em consideração a importância desta visita, a conjuntura em que se realiza, o interesse de nosso povo por conhecer de maneira direta suas impressões e apreciações, o companheiro Fidel considerou que seria útil seu comparecimento para responder às perguntas de um painel com representantes da imprensa que o acompanharam na viagem. Eles são: a companheira Susana Lee, do jornal Granma; Pedro Martínez Pires, da Rádio Havana-Cuba; Alberto D. Pérez, da Rádio Rebelde e Francisco Villanueva, dos Serviços Informativos da Televisão Cubana.

No estúdio encontram-se também dirigentes do Partido, do Estado, integrantes da delegação cubana que foi ao Brasil, convidados especiais do Comandante-em-chefe a esta visita, jornalistas que participaram também da viagem e diretores de nossa imprensa.

Para começar, os membros do painel e o mediador temos uma proposta, Comandante: antes de começarmos com as perguntas, que podem estar dirigidas a aspectos mais específicos, gostaríamos que o senhor nos desse uma visão geral sobre a viagem.

FIDEL CASTRO — Falou-se disso, de que eu desse uma apreciação geral e depois discuti com vocês aqui que seria melhor, talvez, que eu dissesse umas breves palavras iniciais e que depois vocês fizessem as perguntas.

Na realidade, teria muitas coisas que contar e muitas histórias, e gostaria de contar algumas delas, mas espero que ao longo desta conversa surjam esses temas.

Acho que o mais importante é assinalar que esta visita acontece num momento muito especial: depois do desmoronamento do campo socialista, depois das eleições da Nicarágua, e quando o imperialismo e os reacionários no mundo vêem Cuba agora como seu inimigo. Cuba é o inimigo e desencadearam uma campanha feroz contra nosso país, utilizando seus enormes recursos e seus meios massivos de comunicação.

Neste caso era muito importante travar esta batalha, num dos países mais importantes de nosso hemisfério e, poderíamos dizer também, num dos países mais importantes do Terceiro Mundo. Enfrentar toda essa campanha, todo esse debate sobre os mais variados e diversos temas, foi o que nós fizemos.

Vocês foram testemunhas excepcionais porque estiveram ali. Pode-se dizer que as atividades foram muitas e sem descanso, já que em nossa chegada à residência de nosso embaixador, as câmaras estavam ali esperando para a primeira entrevista, depois de sete horas e meia de viagem aproximadamente. Era um grande trabalho. Havia que improvisar lugares, procurar onde colocar as câmaras. Às vezes havia falhas nas câmaras, nos microfones. Porém, o trabalho foi sendo realizado nessas condições.

Tive muitas reuniões em diversos lugares. Aquela primeira entrevista realizou-se em meio a uma grande pressão, porque faltava pouco tempo para um jantar que oferecia o presidente Sarney — eu não tinha estado pela tarde, ainda não tinha chegado quando as delegações foram cumprimentá-lo, de maneira que a única oportunidade que tinha para cumprimentá-lo e despedir-me dele era essa — e aí as perguntas tiveram que ser respondidas quase sem tempo. Assim aconteceram muitas das entrevistas, entre uma atividade e outra.

Em alguns lugares, como São Paulo, o calor era realmente impressionante. Em quase todas as reuniões em que participamos, coletivas de imprensa, encontros com distintos setores, havia muito calor, quase insuportável, como poucas vezes vira; transpirávamos. Ao menos aqui, neste interrogatório, vamos ter um clima bastante suportável.

Não vou dizer mais. Dou-lhes a palavra.

MEDIADOR — Começemos então pela companheira Susana Lee.

SUSANA LEE (Jornal Granma) — Comandante, uma das coisas que mais chamou a atenção dos que tivemos a possibilidade de participar foi, precisamente, as entrevistas coletivas de imprensa e as entrevistas concedidas às principais redes de televisão e disso o que mais chamou nossa atenção foi a desinformação em relação a Cuba. O senhor poderia nos falar um pouco sobre esta desinformação refletida nas perguntas que se reiteravam?

FIDEL CASTRO — Trata-se de algo que não sei se devo chamar desinformação. O que há é um dilúvio de informação imperialista, de caráter negativo sobre Cuba, ao mesmo tempo que uma omissão total do que é Cuba, das conquistas de Cuba.

Esses fenômenos se refletiam muitas vezes nas conversas com os próprios jornalistas.

É preciso dizer que algumas das perguntas eram feitas por jornalistas interessados, jornalistas que estão contra a Revolução e jornalistas das agências internacionais. Nem todos com atitude negativa, claro. Inclusive, lá há muitos amigos com falta de informação. Alguns estão confusos.

Não se trata de que se ignore Cuba. Todo mundo sabe que Cuba existe e no fundo existe muita admiração por Cuba em muitas pessoas e isso se percebe. Digamos que em todos os setores sociais sabem que é o país pequeno que trava sua batalha contra o grande império. Porém, desse país não há suficiente informação quanto às suas instituições, seu processo político.

Na Venezuela também encontramos esses fenômenos. Na Venezuela foram 30 anos de propaganda hostil. Porém, ali havia uma geração de novos jornalistas que entrou em contato comigo e conversamos muito. Perseguiam-me por toda parte e não tive outra opção que conversar muito com eles e isso foi transmitido por todos os meios de comunicação.

O principal problema que existe agora são as confusões sobre o socialismo em geral, porque este é o pior momento do socialismo, o de maior crise do socialismo, de maiores dúvidas.

É preciso levar em consideração esta circunstância especial e eu dizia no início: nós fizemos a viagem depois do desmoronamento do campo socialista. Inclusive depois dos resultados negativos das eleições na Nicarágua.

Há uma preocupação muito grande entre todas as forças políticas, entre pessoas de esquerda, que se perguntam qual o destino, que vai acontecer agora e qual o futuro do socialismo.

Não é só desinformação sobre Cuba, mas sim grandes dúvidas em relação a tudo isso que aconteceu e acerca das possibilidades e alternativas. Mas na realidade foi necessário falar muito.

É curioso que a essência dos problemas reais e terríveis de nosso hemisfério não se analisem profundamente. Eu diria que há uma certa superficialidade na análise das coisas, que é a superficialidade surgida da argumentação imperialista e do simplismo do imperialismo. De modo que o imperialismo consegue muitas vezes afastar as mentes da grande tragédia, mas quando essa tragédia lhes é assinalada, isto constitui um verdadeiro impacto. É como se, tendo conhecimento dela, não a tivessem presente; ou como se de repente a vissem em toda sua dimensão.

Os argumentos também são muito interessantes. Há determinados argumentos que, ao lhes ser apresentados, fazem com que fiquem boquiabertos. Nunca tinham visto esse ângulo do problema nem uma análise da questão a partir desse ângulo. Desse modo o impacto é grande, indubitavelmente grande, quando ficam frente aos argumentos. Isso eu comprovei em todos os contatos. Estou me referindo à imprensa e aos entrevistadores, a todos. Encontravam-se pela primeira vez frente a argumentos novos e, nas realidades de nosso hemisfério, os argumentos novos têm uma força incomparável. É preciso somente expressá-los. De repente, ficam como boquiabertos perante simples raciocínios que nunca são feitos ou expressos.

Isso estava muito claro, mas serviu para debater, para discutir, para argumentar e nesse sentido pareceu-me excelente.

MODERADOR — Vamos dar a palavra a Pedro Martínez Pires.

PEDRO MARTINEZ PIRES (Rádio Havana-Cuba) — Comandante, as agências diziam que o senhor ia estar somente algumas horas em Brasília, porém esteve seis dias no Brasil. Foi o único chefe de Estado entrevistado por cinco redes de televisão. Esteve em três importantes cidades do Brasil. Foi também o primeiro estadista recebido pelo novo presidente Fernando Collor de Mello e durante a visita o senhor disse várias vezes que esta não era uma visita comercial, mas fundamentalmente política, amistosa; isto é, com um sentido de integração. Porém, acho que é importante que o senhor fale sobre o futuro das relações cubano-brasileiras. Durante o período de Sarney in-

crementou-se notavelmente o intercâmbio, multiplicou-se por mais de vinte. No ano passado vieram mais de 10 000 turistas brasileiros a Cuba, os próprios jornalistas da Rede Globo e outras cadeias insistiam na necessidade da cooperação no ramo do açúcar, queixavam-se da burocracia porque não havia tabacos cubanos, etc. Como o senhor vê o futuro das relações cubano-brasileiras?

FIDEL CASTRO — Você se referiu a três ou quatro aspectos. Lembrou-me primeiramente a quantidade de entrevistas.

Das redes nacionais, quatro tinham pedido entrevistas. Inclusive tivemos que trabalhar com muito cuidado porque uma vez já aconteceu um problema, dado que existia um velho pedido da Globo há não sei quantos anos. Eu nem me lembrava. Não sei se havia alguém que se lembrasse e, de repente, num desses eventos internacionais que se realizam aqui — acho que foi de cinema ou alguma coisa dessas — aparece um jornalista jovem e insiste muito para que lhe conceda uma entrevista — acho que era para Manchete ou alguma dessas redes — e insistiu tanto que eu disse: “Sim, concedo a entrevista.” Nem me lembrava do outro assunto, mas depois vem à tona que uma vez tinham-me pedido uma entrevista e que uma das redes tinha uma certa prioridade. Aí eu disse: “E agora o que faço, vou romper o compromisso que fiz?” “Isso é um desastre” — diziam-me — “porque aquela é a rede que tem mais força.” Falei: “Não tenho mais remédio do que cumprir o prometido.” Concedi a entrevista e, efetivamente, isso provocou contrariedades, aborrecimentos naquela rede que a tinha pedido antes.

Desta vez fomos muito cuidadosos e esta rede, a que tinha pedido antes, voltou a pedir uma entrevista. Queria uma entrevista exclusiva. Logo a seguir mandei dizer que sim, que íamos lhe dar prioridade. Era quase uma espécie de justiça histórica e uma retificação daquela situação, mas as outras todas também pediram entrevistas.

Como sei a maneira em que acontecem as coisas, sempre em qualquer lugar há um jornalista e pergunta, pensei: É melhor cumprirmos primeiramente com o compromisso da Globo e disse: “Ao chegarmos, o primeiro dia, no primeiro instante, a Globo”. Já cumpria o compromisso fundamental e ficava resolvida aquela velha questão. Era para a imprensa, a rádio e a televisão da Globo, que é uma rede de informação descomunal, e então fiquei pronto para todas as demais, que eram entrevistas exclusivas, algumas com um tempo muito maior, claro, e foram mais três num dia e meio praticamente. Além disso, mais uma, bastante extensa, em São Paulo,

para uma rede aparentemente local mas que se vê praticamente em todo o país. De modo que foram cinco entrevistas de televisão, isso sem contar os contatos com os jornalistas.

Lógico, esclareci, sim, que a visita não tinha um caráter estritamente comercial. Não valeria a pena fazer uma viagem por razões estritamente comerciais. O aspecto econômico tem importância em todas nossas atividades, não se deve subestimar; mas a viagem era eminentemente política, não econômica. Falamos disso.

As perspectivas das relações com o Brasil são amplas e, como você diz, o comércio aumentou muito a partir de novos produtos que o país está exportando e de uma política que temos seguido: dissemos aos brasileiros que tudo o que eles nos comprem, sobretudo em medicamentos, vacinas, etc., nós compramos deles em produtos brasileiros. É uma troca sem troca, uma troca na base do compromisso que nós próprios fizemos. Dissemos: Não se preocupem com as divisas porque nós não vamos lhes custar nem uma única divisa. Tudo o que vocês nos comprem, vamos colocá-lo numa conta especial e nas mesmas quantidades compraremos produtos do Brasil.

Além disso, isto interessa aos comerciantes, a muitos industriais. E o país que tem que controlar sua balança de pagamentos vê nisto a vantagem de que nós não lhe estamos tirando divisas para ir gastá-las em outro lugar.

O Brasil alcançou um desenvolvimento industrial relativamente alto, importante ao longo dos anos. Sem dúvidas, é o país mais industrializado da América Latina e há muitos produtos de interesse no Brasil que, além do mais, é produtor de alimentos; de soja, por exemplo, em quantidades importantes, que é uma matéria-prima fundamental para as rações e exporta outros produtos agrícolas. Tem uma indústria petroquímica bastante desenvolvida. Possui uma indústria siderúrgica bem desenvolvida, produz aproximadamente 20 ou 21 milhões de toneladas de aço.

Nós importamos de tudo porque nossas produções não são suficientes. Importamos pneus, por exemplo, ou diferentes matérias-primas. E estamos estudando pormenorizadamente tudo o que se pode comprar no Brasil. Produzem até buldozeres, que nós também já estamos fazendo, mas sempre importamos algumas quantidades, equipamentos de transporte, máquinas, motores, etc.

A lista de produtos que se pode adquirir no Brasil é ampla e são produtos de boa qualidade, não vou mencionar um por um. Nós

compramos até a vaca leiteira mecânica, que é uma vaca para produzir leite a partir da soja. Está no Centro de Pesquisas para a Indústria de Alimentos. Temos outra em Santiago de Cuba e a deslocamos para Camagüey para utilizá-la na alimentação dos bezerros. Inclusive doamos uma dessas vacas leiteiras mecânicas, que produz 2 000 litros diários, à República Popular Democrática da Coreia.

Quer dizer que é um mercado amplo e podem se estabelecer cooperações amplas entre os dois países, intercâmbios amplos.

Você disse que vieram 10 000 turistas brasileiros a Cuba no ano passado. Pode haver muitos intercâmbios de tipo cultural, e na entrevista com Roberto Marinho, nosso embaixador assinou com ele — e eu também assinei, para não ficar como testemunha muda ali — um acordo de intercâmbio de programas.

Eles têm alguns filmes científicos muito interessantes, alguns programas — com os quais sempre se aprende alguma coisa — por exemplo, da agricultura. Utilizam a televisão como um meio de divulgação de técnicas agrícolas. E há programas científicos, programas culturais, distintos tipos de programações em que podemos intercambiar e foi assinado um convênio.

Além disso, estas coisas de que estou falando estão associadas à idéia da integração. Acho que não se pode continuar falando de integração em abstrato, é preciso concretizar os programas de integração. Algo que disse aos brasileiros é que nós podemos aceitar investimentos mistos de empresários brasileiros em determinados ramos em que eles tivessem a tecnologia, em que existisse o mercado; que aceitávamos o princípio das empresas mistas de investimentos. Ao mesmo tempo estávamos dispostos a investir ali quando tivéssemos uma tecnologia e pudéssemos abrir um mercado e que estávamos dispostos, também, a dividir as vantagens dessas tecnologias com os industriais brasileiros. De modo que estávamos dispostos a investir nesse país e, ao mesmo tempo, a aceitar investimentos aqui. Este é um verdadeiro processo de integração.

Durante a viagem ao Brasil reparei numa coisa, e por isso falei nestes termos. Compreendia que o país que está melhor preparado na América Latina para a integração é Cuba. Disse: As barreiras alfandegárias não é preciso nem eliminá-las. Se for necessário eliminar barreiras alfandegárias, as eliminamos, mas não é necessário fazê-lo porque não existem essas barreiras. Disse: Se for necessário eliminar fronteiras políticas também as eliminamos. Acho que é preciso falar nestes termos ou então a questão da integração não

deixa de ser um simples *slogan*. Disse que nenhum país da América Latina está melhor preparado do que nós. As multinacionais não têm aqui nenhuma força, não existem as multinacionais em nosso país, não dominam nossa economia, não estabelecem condições. Por sermos um Estado que possui todos seus recursos naturais, sua indústria, sua economia, podemos fazer qualquer tipo de operações econômicas, empresas mistas, intercâmbios de tecnologia.

De maneira que compreendo no Brasil algo que pairava no ar: Uma economia socialista poderá se integrar com a economia de países capitalistas? E compreendo com uma clareza total que sim, que é possível e que nós podemos privilegiar distintos tipos de investimentos, que eles podem ter investimentos aqui e nós lá seguindo os mercados, as conveniências, etc., dividir as possibilidades.

Claro, há campos nos quais nós podemos contribuir muito. Estamos avançando no campo da Medicina a um ritmo impressionante. Também a um ritmo impressionante no campo da biotecnologia e da indústria farmacêutica. E nesse campo são tantas as necessidades que a América Latina tem, que as possibilidades são realmente incríveis. Os dados estatísticos mostram situações que são realmente incríveis.

Este é somente um campo, mas há muitos outros. As inteligências cubanas estão se expandindo, nossos centros de pesquisas estão se expandindo. Eu lhes explicava como há uma espécie de explosão científica em nosso país, às vezes com uma certa ingenuidade, como dizia um jornalista, acredito que no jornal *Trabajadores* ou num órgão de imprensa. Às vezes nós contamos as coisas muito rápido e as publicamos muito rápido e há quem, utilizando nossas publicações, registrou patentes concebidas em Cuba, a partir de informações fornecidas livremente. Parecia que era necessário publicar logo qualquer coisa e tenho expressado que é preciso um certo controle e que se tenha consciência de que cada uma destas inovações, muitas delas pesquisas científicas, são recursos importantes do país, que investiu muito nos centros de pesquisas e na formação de milhares de pesquisadores e técnicos.

Há uma explosão em muitos campos, não somente no campo que mencionei anteriormente, e isso se transforma em enormes recursos para o país, talvez, no futuro, um dos recursos mais importantes para o país.

Acredito que não há um único campo no qual não possamos fazer contribuições através de nossos centros de pesquisas, inde-

pendentemente de nossa experiência social, que é realmente única. Oxalá se possa falar um pouco mais à frente de alguns destes problemas, da experiência social de Cuba, que é reconhecida e admitida. Ao menos nos setores mais informados é reconhecida a experiência social de Cuba e a experiência social de Cuba interessa muito.

De modo que o campo é amplo e acredito que no Brasil existem as condições para esse desenvolvimento. Existem também em outros países, em maior ou menor medida.

Por exemplo, surgiu a epidemia de Dengue na Venezuela e solicitaram nossa colaboração, nossa experiência. Rapidamente enviamos nossos melhores especialistas, tanto em relação ao diagnóstico do Dengue Hemorrágico e todas suas características, o que deve ser feito e o que não deve, como na batalha contra o vetor.

Anteriormente também ocorrera no Equador. Quando surgiu ali a epidemia, também nos pediram ajuda e ganhou-se a batalha.

Telefonaram-nos da Colômbia; o ministro da Saúde queria vir. "Amanhã pode estar aqui com toda sua delegação e com muito prazer transmitiremos toda a experiência", e assim fizemos.

Todo mundo já vai imediatamente procurar uma experiência em alguma coisa. E quantas vidas significa isso? Quantas vidas podem ter salvo ou podem se salvar através de contribuições dessa natureza?

Também a Organização Pan-americana da Saúde, quando surgem problemas, diz: Perguntem aos cubanos, falem com os cubanos, que tiveram tal ou tal experiência.

Eu chamo a isso experiência social, uma parte da enorme experiência social acumulada por nosso país, na qual somos os campeões olímpicos do hemisfério e do Terceiro Mundo: um país que pode contribuir muito nesse campo, a todo aquele que queira fazer alguma coisa para resolver alguns problemas sociais.

SUSANA LEE — O senhor incluiu na delegação os companheiros Conchita Campa e Gustavo Sierra, que fazem parte do grupo que descobriu a vacina antimeningocócica e visitou no Rio a Fundação "Oswaldo Cruz". Publicou-se realmente pouco aqui.

O senhor poderia nos falar um pouco acerca dessa visita na qual esteve falando com os cientistas? Acho que ali é feito o controle da qualidade de nossa vacina.

FIDEL CASTRO — Susana, das visitas de São Paulo e Rio publicou-se muito pouco, porque realmente estávamos incomu-

nicáveis. Eu tentava me comunicar pelo telefone e não podia, quase nunca; nem as comunicações telefônicas. Em São Paulo e no Rio de Janeiro estávamos isolados.

O material filmado que as pessoas pediram não se enviou. Era preciso dar uma volta pela Argentina e acho que nós chegaríamos antes do que o material. Uma queixa do povo foi essa, queria saber mais; não se trata de que eu me oferecesse para este comparecimento, mas de que muitos se queixavam e desejavam mais informação sobre a viagem. Por isso todos concordamos para fazer a divulgação da viagem e desta conversa com os jornalistas.

Essa fundação é uma instituição brasileira muito importante, de um destacado grupo de cientistas. A primeira coisa que fizemos ao chegar ao Rio de Janeiro foi visitar essa instituição. Havia muito interesse por parte de todos os cientistas, os técnicos, os trabalhadores, muito afetuosa, muito cordiais, estavam por todas partes. Levaram-nos a alguns laboratórios, explicaram-nos as técnicas que utilizavam no controle da qualidade das vacinas, suas pesquisas, seus trabalhos e, no final, num pequeno teatro, reuniram-se um pouco mais de cem funcionários e cientistas.

PEDRO MARTINEZ PIRES — Comandante, eram mais. O que acontece é que saíam porque não cabiam todos, de maneira que entravam por grupos durante um tempo.

FIDEL CASTRO — Ah! Eu não sabia que se tratava de uma rotatividade.

Falei com eles e expliquei-lhes de maneira geral nosso trabalho no campo da Medicina porque era o mais próximo daquela instituição. O que temos feito de maneira geral na Medicina e o que estamos fazendo.

Depois lhes expliquei, também de modo geral, o que estamos fazendo no campo científico e as perspectivas que se abrem. Falei com eles sobre o centro de transplante nervoso, das pesquisas que estamos fazendo com o Fator de Crescimento Nervoso e a partir disso da possibilidade de solucionar grandes problemas, que vão do Parkinson até acidentes cerebrais e medulas seccionadas. De nossa esperança de encontrar solução a esses problemas, através da combinação das pesquisas em todos esses campos e, especialmente, dos êxitos que já estamos obtendo e que devemos obter se ganharmos a batalha de produzir por engenharia genética — através das pesquisas com o Fator de Crescimento Nervoso em ratos — o Fator de Crescimento Nervoso Humano, isto é, a capacidade da célula

nervosa humana para produzir filamentos. O esforço se tem encaminhado na procura do Fator de Crescimento Nervoso Humano, para poder utilizá-lo.

Falei-lhes da Retinite pigmentar, também como coisas novas. Lembrei-lhes a famosa doença do Vitiligo, os tratamentos que estamos utilizando. Há muitas coisas novas na Medicina. Expliquei-lhes o Fator de Crescimento Epidérmico e como o estamos utilizando. Não me lembro se falei sobre o que estamos fazendo quanto a esteróides e precursores de esteróides.

Falei-lhes do medicamento que estamos testando com grande sucesso contra o colesterol e que não produz efeitos colaterais, da *estreptoquinasa* e outros produtos. Disse-lhes que frequentemente saía alguma coisa nova e que agora íamos desenvolver a toda a velocidade um instituto para o processamento da síntese química ou um instituto químico para a indústria farmacêutica. Temos toda a equipe organizada, vamos começar a construção, mas já estamos trabalhando nisso, para procurar a combinação da síntese química com a biotecnologia. Dei-lhes uma explicação sintética, rápida de tudo isso e a impressão que tive é que realmente estavam admirados com os trabalhos que estamos realizando em nosso país. Estavam muito satisfeitos, aplaudiram muito depois de eu terminar aquela breve exposição. Via-se aí um enorme campo de colaboração possível entre nossos dois países.

Era necessário começar a partir dos dados conhecidos sobre a situação sanitária na América Latina. Falei nisso mais de uma vez, e são dados terríveis. A mortalidade infantil é de 65 para cada 1 000 nascidos vivos no primeiro ano. É seis vezes a de Cuba. Em alguns países é menor e em outros maior. A mortalidade entre 0 e 5 anos está em 85 e a de Cuba em 13,5 ou algo assim.

Somente no campo da saúde os problemas são muito grandes na América Latina. A desnutrição da população que não recebe uma quantidade suficiente de calorias e proteínas é de 45%. A perspectiva média de vida é muito menor em toda a América Latina do que em Cuba e só alguns países se aproximam mais.

Expliquei nessa instituição a concepção do médico de família, como começou, quantos temos e tudo que se tem descoberto, tudo que se está desenvolvendo em relação a isso. É uma coisa verdadeiramente impressionante, que não é possível sonhar em nenhum outro país da América Latina. Quando explico o número que já temos, quando falo do médico na creche, na fábrica, na escola, na

comunidade, do número de médicos com que ficamos ao início, os que temos, os novos programas e o que têm descoberto na medicina social que praticam, o conhecimento que o médico tem da família, do meio ambiente do paciente, conhecimento que não tem nenhum hospital nem policlínico, é algo tão novo, tão ambicioso no campo da Medicina e tão prometedora que, realmente, produz assombro.

Expliquei-lhes que teremos uma mortalidade infantil inferior a 10 em cada 1 000 em dois ou três anos mais em condições normais, claro. Todos os programas que estamos fazendo como o programa de detecção precoce das malformações congênitas são únicos. Isso nenhum outro país do mundo tem, nem desenvolvido nem subdesenvolvido.

Falamos também de muitas outras pesquisas que fazemos com o Sistema Ultramicroanalítico, as pesquisas universais da AIDS, numa proporção que não tem nenhum outro país, nem desenvolvido nem subdesenvolvido.

Expliquei os testes de alergia massiva. Nenhum país do mundo os tem, nem desenvolvido nem subdesenvolvido. Falei da alergia por alimento e de outro tipo. Todos esses programas permitem dizer à mãe: Não faça isso, evite isto e aquilo para que a alergia não se torne doença. Os países não possuem isso, Cuba, sim e cada vez tem mais programas desse tipo. Quando se computar tudo isso nas perspectivas de vida, vocês vão ver que estaremos entre os primeiros do mundo.

Em relação aos *círculos de abuelos*, ainda temos batalhas para vencer. Eu diria que a batalha contra o sedentarismo deve ser maior; que a campanha contra o hábito de fumar deve ser maior.

Hoje apareceu um artigo no jornal *Granma* e eu estive lendo, dizia: Esse assassino que mata um de cada três cubanos que morrem, e falava das doenças cardíacas e do que ainda podemos fazer nesse sentido; mas especialmente quando dominarmos os problemas do colesterol.

O que nós estamos fazendo quanto à detecção precoce do câncer de útero e agora o que estamos fazendo com os programas de câncer de mama que iniciamos, ninguém faz de maneira generalizada. Temos tantas coisas nesses campos que nós, naturalmente, não nos comparamos com os países do Terceiro Mundo, mas com os países desenvolvidos. Temos programas que muitos, muitos desses países ainda não têm neste momento e não nos alcançam,

iremos à frente deles, isso já é objetivo, é inevitável. Comparo nos-
 sos índices com os dos Estados Unidos e os nossos são melhores.

Quando analisamos os problemas de Educação são exatamente
 iguais, a catástrofe: comparamos o número de analfabetos que tem
 hoje a América Latina com os de Cuba. Cuba tem hoje uma cobere-
 tura escolar de mais de 95% entre o ensino primário, secundário e
 nível médio, incluindo os cursos técnicos e pré-universitários.

Se você analisa cada um de nossos programas e vai à creche o
 que encontra é uma creche moderna das que fazemos atualmente e
 a experiência acumulada é enorme. Quanto às escolas especiais,
 nem em sonhos na América Latina, nem sequer em sonhos; elas
 não existem. Porém nós temos uma enorme capacidade nesse tipo
 de escolas. Cuba tem também um grande número de crianças na
 pré-escola, na escola primária e secundária.

Os distintos tipos de instituições educacionais que o país tem, o
 número de professores, esse nível de preparação, esse *per capita*
 ninguém tem. Ninguém no mundo, não nos vamos comparar com os
 latino-americanos. Os docentes latino-americanos sempre estão
 num conflito, numa batalha; via de regra têm salários muito baixos,
 muitas vezes são 50 ou 60 dólares o salário dos professores o que
 faz com que de maneira constante tenham brigas, greves, pleitos.
 Todas essas coisas se refletem quando eles vêm aqui, a encontros
 como o de Pedagogia'90, por exemplo. Os meios materiais não exis-
 tem, as escolas e as salas de aula adequadas não existem, os livros
 não existem, os laboratórios não existem.

A pirâmide escolar é um desastre na América Latina. Há muitos
 alunos na primeira e segunda séries e muitos que não passam da se-
 gunda série. Aqui praticamente qualquer criança que entra na
 primeira série termina a sexta e vai para a escola secundária. A
 pirâmide mudou tanto, tanto, que em nosso país, para cada
 100 crianças no ensino primário, há mais ou menos cento e vinte
 jovens no nível médio e aproximadamente 31 no nível universitário,
 e, antes, era ao contrário, até 80% no primário e não chegavam a
 15% ou 20% no nível médio.

Nós alcançamos avanços tão colossais e um clima tão diferente
 na Educação e temos uma possibilidade tão real de aperfeiçoá-lo,
 que parece um sonho na América Latina quando se fala nessas
 coisas. Tive a oportunidade de dizê-lo.

PEDRO MARTINEZ PIRES — *Comandante — eu volto ao
 tema das relações cubano-brasileiras — o presidente Collor de Mello,*

em seu discurso no Congresso, falou do Brasil como um gigante econômico e um pigmeu social. Disse que havia 27 milhões de crianças sem escolas e lembro-me que numa de suas intervenções o senhor ofereceu ao Brasil a experiência cubana no campo da Educação. Collor de Mello disse que não era suficiente erradicar ou lutar contra o analfabetismo, mas que seria necessário fazer uma revolução educacional no Brasil.

FIDEL CASTRO — Sim, nós tivemos algumas dificuldades com o discurso que ele pronunciou, porque se se fala lentamente o Português entende-se, mas num discurso rápido..., além disso ouvia-se muito mal através dos equipamentos de áudio. A voz do Presidente se sobrepunha quando estava falando e nós só captávamos algumas partes. Ali não houve tradução escrita. Agora é que consegui ler mais dados sobre o plano econômico. Essa cifra não consegui percebê-la bem. Bem, se disse 27 milhões... Eu ouvi falar de tantos milhões de crianças sem escolas, que achava essa cifra demasiado elevada no Brasil. Tinha uma certa resistência a aceitar esses dados, são muito altos.

São Paulo — não falo de uma vila — é uma cidade industrial gigantesca, uma cidade que, em conjunto, contando os diversos municípios que já estão unidos, tem 18 milhões de habitantes. Bem, falando com a prefeita de São Paulo me disse: “Tenho 300 000 crianças sem escola em São Paulo. Há uma área de três milhões de habitantes sem um único hospital”. Isso para mim foi muito duro, realmente. Ali se vê riqueza, indústrias, muitas nacionais e multinacionais. Porém me disse que São Paulo é a cidade mais rica, o estado mais rico.

Para termos uma idéia, o estado de São Paulo tem um Produto Interno Bruto superior ao da Argentina, só o estado de São Paulo. O Brasil já tem um Produto Interno Bruto de mais de 300 bilhões de dólares. Vi dois dados: um dado de 354 bilhões e outro de 400 ou 420 bilhões. Por conhecer os dados anteriores, sou da opinião de que o Produto Interno Bruto deve estar ao redor de 350 bilhões. Somente São Paulo tem uma grande parte que é superior ao da Argentina. Ela me explicava suas preocupações. Eu perguntei quais seus principais problemas. Falou também do problema do transporte.

Aquilo é uma agonia pelo tamanho da cidade. Nesse sentido poderia se filosofar sobre o que é o capitalismo no Terceiro Mundo e sobre o que é o capitalismo na América Latina: é um caos, não há

solução para os problemas. O problema é que há dois capitalismo: o capitalismo das antigas metrópoles — eu falei disso — que saquearam e ainda saqueiam as colônias, e o capitalismo no Terceiro Mundo, que ali se pode ver muito bem.

O fenômeno das cidades é incrível, porque as cidades cresceram de maneira espontânea, refletindo a situação social de cada país e sem nenhum programa, embora os governos façam esforços para reordenar o crescimento da cidade.

Conversei com Quércia durante todo o trajeto do aeroporto até o Memorial, e Quércia tem um bom apoio, uma boa aceitação popular, realiza esforços ali. Ele foi um dos primeiros governadores que recebemos, um dos primeiros que me convidou e um dos que mais insistiu para que visitasse São Paulo. Estive lhe perguntando sobre os programas que tinha. Tem uma série de programas e entre eles um de habitação. Tem o projeto de construir 250 000 casas aproximadamente. O estado tem 34 milhões de habitantes. É 3,4 vezes a população de Cuba e ele tenta fazer alguma coisa pela habitação, para resolver alguns dos problemas da habitação.

Falou-me também do programa que tem para ajudar as crianças abandonadas. Esse é outro aspecto terrível.

Ele está fazendo algumas coisas em algumas instituições para ajudar. Explicou-me que está fazendo algumas coisas na área da saúde. Falamos muito porque quando ele esteve aqui viu e gostou muito da instituição do médico de família. Pedi para ver o que tinha feito ali e assim poder avaliar o funcionamento, mas isso tinha que ser na hora — devido ao vasto programa —, o mesmo dia que íamos para o Rio. Não conseguimos ver porque nessa cidade utiliza-se muito tempo para as pessoas se deslocarem de um ponto para outro. Porém eu tinha muito interesse em conhecer a versão do médico de família que ele estava fazendo em alguns bairros humildes.

Contou-me que estava tentando promover desenvolvimentos industriais em distintos municípios do interior.

Ele foi um grande defensor da descentralização das funções, dirigiu durante um tempo uma instituição dos municípios, que são milhares, e tentou descentralizar as funções do Estado. Ali, em um município, você pode encontrar hospitais federais ou locais, hospitais do Estado ou privados. Várias instituições estão implicadas nesse processo. Ele esteve me explicando os esforços que faz e que são bem recebidos pela população naquele estado riquíssimo.

Não mencionei a instituição das crianças abandonadas. Há números, mas eu não gosto de dá-los. Porém, na América Latina há aproximadamente 30 milhões de crianças abandonadas, trinta milhões! São crianças que crescem sozinhas a partir dos quatro ou cinco anos. Muitas dedicam-se a distintas atividades. São levadas a produzir nas chamadas atividades informais. Imaginem a tragédia para um hemisfério que tem 30 milhões de crianças abandonadas. Em Cuba não temos nenhuma. Se você compara a situação em alguns países e em outros, não encontra aqui nenhuma criança abandonada, nenhum mendigo, nem pessoas dormindo na rua. Essas coisas não se conhecem aqui.

Neste campo os problemas também são sérios. Acho que o país tem vinte e tanto por cento de analfabetismo. Mas não é só o Brasil. Todos os países latino-americanos, via de regra, o têm. Alguns mais e outros menos. Há dois ou três países que têm uma melhor situação educacional. Há também o índice de mortalidade infantil de 20 — se se pode confiar nas estatísticas — a cem aproximadamente. A média geral é, como já disse, de 65% e de 85%.

Quando um destes temas vem à tona, digo: Nós solucionamos em 30 anos o que a América Latina não solucionou em 200. Mas a questão é que isto não tem solução. Pelo contrário, a situação piora, aumenta a proporção de pobres, aumentam os problemas. As cidades se desenvolvem sozinhas. Acontece que um grupo de pessoas instala um bairro insalubre num morro, outro grupo o instala em outro lugar e assim surgem quantidades enormes desses tipos de bairros construídos espontaneamente pelas pessoas. São bairros que não têm ruas nem os distintos serviços. Às vezes instalam água. Sempre é um problema o fato de levar-lhes a água, a eletricidade. Verificou-se um crescimento gigantesco das cidades de modo que acho que nelas a vida tem que ser muito dura.

Há pessoas que utilizam três e quatro horas todos os dias para se deslocarem. Há grandes ruas e avenidas, grandes edifícios. Em São Paulo construíram um metrô. Acredito que são 15 quilômetros de leste a oeste e outros 15 de norte a sul — a prefeitura me explicava o problema que têm com o transporte — porém naquelas cidades ocupa-se quase todo o tempo na locomoção de um extremo ao outro. Isso é um gasto grande de energia e de tempo. Há construções bonitas, uma arquitetura bonita. O Memorial da América Latina é uma obra interessante tanto do ponto de vista ar-

quitetônico quanto na intenção de trabalhar pela integração dos latino-americanos.

Se você viaja ao Rio encontra o mesmo problema: todos os morros estão cheios de casas. Não houve planejamento, não houve uma concepção do desenvolvimento da cidade. É muito difícil solucionar o problema dessas cidades, quando já têm muitos obstáculos pelo meio. Não tenho uma idéia muito precisa, mas tenho a impressão de que em São Paulo quase todas as principais avenidas são circulares, de modo que é preciso dar muitas voltas. O Governador se desloca de helicóptero porque não há tempo, realmente, de fazê-lo por terra nessa cidade de São Paulo.

O capitalismo, como sistema, é um desastre. Não solucionou um único problema em 200 anos. Isso é evidente e os problemas se tornam cada vez mais agudos em vez de se solucionar. Por isso digo que nós solucionamos num período de 30 anos e antes de 30 anos. Acontece que nós, na solução de problemas sociais, estamos mais avançados que os países desenvolvidos, porque os desenvolvidos também não os solucionaram totalmente. Nos Estados Unidos fizeram um recenseamento e verificaram que há alguns milhões de pessoas na rua, sem casa, desses que morrem de frio.

Estive lendo um artigo de um jornalista francês — conhecido por Claude Julien, numa revista francesa — e falando dos países socialistas da Europa diz: Estes países vão passar do socialismo real ao capitalismo real. Agora vão ver o que são as leis do capitalismo, que são de ferro, o desemprego, isto e aquilo. Porém — expressa —, isto também acontece em outros países muito ricos: na Inglaterra morreram de frio 400 crianças em 1989. Se um avião grande, cheio de crianças, cai, produz uma comoção; mas como estas crianças morreram assim, ninguém sabe. Dizia que na França o número de casais pobres aumentava. Está falando dos países capitalistas desenvolvidos. Quando menciona os do Terceiro Mundo e os da América Latina suas reflexões são dramáticas. Dizia que agora esses países que eram socialistas vão conhecer os fenômenos dos preços; que na Polônia o preço do pão tinha aumentado em 38%, o presunto 100%, a eletricidade 400% e o carvão 600%. Esses são aumentos reais, que já se produziram. Que estavam cheios de ilusões e que agora vão conhecer todos esses fenômenos.

É interessante, não é um defensor do socialismo nem do comunismo, mas dizia: Eles têm estas ilusões ao sair do socialismo real; agora vão ver o que é o capitalismo real. Inclusive, fazia um apelo a

Europa para que levasse em consideração estes fatores e para que não imperasse só a lei de ferro do lucro e dos juros. Fazia uma crítica ao capitalismo — porque se esquece isto — e dizia que, depois, não fica nada de democracia.

Quer dizer, o capitalismo não solucionou todos os problemas sociais, mas aquele é um mundo que tem muito mais recursos, tira muitos recursos do resto do mundo. Se uma pessoa é socialista, procura informação e analisa o que acontece no Terceiro Mundo e na América Latina, que está mais perto, compreende que o capitalismo não solucionou nenhum dos problemas, pelo contrário os multiplicou, pois agora com a Dívida Externa, a Dívida Interna e tudo isso, o intercâmbio é cada vez mais desigual, na realidade, um desastre.

FRANCISCO VILLANUEVA (Serviços Informativos da Televisão Cubana) — Comandante, eu gostaria de retomar o tema que Susana mencionou no início do programa, sobre a desinformação na imprensa. Isto se manifestou muito no encontro do senhor com Felipe González e Carlos Andrés Pérez. O senhor poderia falar sobre alguns dos temas que foram tratados?

FIDEL CASTRO — O que é que você sabe sobre isso?

FRANCISCO VILLANUEVA — As especulações que foram veiculadas na imprensa estrangeira.

FIDEL CASTRO — Eu não tinha tempo de ler as declarações, mas alguém me contou que Felipe tinha feito algumas. Por acaso você as leu?

FRANCISCO VILLANUEVA — Li as de Carlos Andrés.

FIDEL CASTRO — E sobre o que falou?

FRANCISCO VILLANUEVA — Carlos Andrés disse que havia sido um bom encontro, proveitoso; mas não falou sobre nenhum tema... De Felipe não vi nada, mas sim o trabalho que fizeram os jornalistas.

FIDEL CASTRO — Felipe falou de que a estratégia não podia ser a da resistência. Falou de Sagunto e Numância, esse tipo de coisas. Digo: Bem, Felipe conversou, mais ou menos, com os jornalistas sobre o tema.

Eu participei de muitas entrevistas importantes. Poderia dizer que uma das mais reveladoras foi a entrevista com Carlos Andrés Pérez e com Felipe González. Eles, do Uruguai e do Chile, quando se comentava que ia visitar o Brasil, tinham comunicado que queriam se reunir comigo. Eu lhes respondi que sim. Sabia que estavam

preocupados com a situação de Cuba nas novas circunstâncias, mais ou menos as preocupações que tinham e, claro, no dia seguinte, ao terminarem as cerimônias, nos reunimos. Desta vez a reunião foi na embaixada da Espanha. Supunha-se que íamos almoçar, mas não. Eles tinham falado primeiro de uma reunião à noite esse dia, que participássemos de um jantar. Tínhamos dito que sim. Mas era muito difícil reunir ali um grupo de visitantes. Por isso eles mudaram de idéia e pensaram organizar um almoço comigo na embaixada da Espanha. Realmente não havia tempo dentro daquele espaço estreito. Uma refeição dura duas horas e eu disse que não havia tempo para almoçar, que eu me reunia com eles com muito prazer.

Penso que seria bom falar sobre o principal da reunião.

O mais revelador de tudo é que eles estavam profundamente preocupados por nosso país, porque eles, de seus contatos com funcionários ianques, têm a impressão de que os ianques vão lançar um arto golpe militar contra Cuba. Essa é a impressão que eles têm, estão quase convencidos e extremamente preocupados por isso. Eles têm direito a sabê-lo pelo tipo de contatos que têm. Eles sabem como nós pensamos a esse respeito. Então diziam: "Nós queremos ajudá-los, mas é preciso que vocês nos ajudem para podermos ajudar vocês".

Eles foram muito respeitosos na conversa, realmente muito respeitosos, não esboçaram nenhuma fórmula. Na minha opinião, falaram com sinceridade, tanto Carlos Andrés quanto Felipe. Inclusive, Felipe, mais veemente, dizia que a estratégia não pode ser a estratégia da resistência, que Cuba precisava de uma estratégia que não fosse a da resistência, que os ianques sabiam o que lhes custaria uma invasão a Cuba, que eles próprios tinham dito que lhes custaria não menos de 250 000 mortos. Eu pensei: Será para começar. Não quis alardear, estava muito tranqüilo. Escutei com muita atenção tudo o que quiseram dizer, com muito respeito. Não tive nenhuma reação, digamos, de irritação pela essência do que estavam dizendo, simplesmente os escutava.

Felipe falava de Sagunto e de Numância, duas famosas cidades espanholas que resistiram heroicamente contra os romanos, aproximadamente 100 anos antes da Era Cristã. Mais de uma vez se falou disso, Martí falou disso. Tem sido objeto de reflexão e de admiração das gerações posteriores e o orgulho da própria Espanha. Então eles calculavam que poderiam morrer 250 000 ianques, mas

que morreriam milhões de cubanos. Que eles estavam totalmente seguros de que nós resistiríamos e de que nós estávamos dispostos a morrer junto com o povo. Tudo isso era o centro da preocupação. Eu digo: que revelador, é importante, pois eles têm que partir de uma base para dizer estas coisas.

Não penso como eles, eles o sabem. Eu lhes disse: Depois disto, tudo o que o senhor está me dizendo, eu vou contar aos meus companheiros, independentemente do que eu penso sobre isso.

Está claro. Eles, por delicadeza, não esboçavam nenhuma fórmula concreta, mas diziam: "Pensem nisso". Mas se a fórmula não era a da resistência, a fórmula era a das concessões, não há outra, não há alternativa: ou se resiste ou se faz concessões.

Penso que os que na História têm procurado sobreviver fazendo concessões, nunca têm sobrevivido. A História ensina isso. E se esta Revolução está aqui e existe há 31 anos, é porque jamais se fez concessões.

Estou seguro de que o único caminho da sobrevivência dos processos revolucionários é a resistência. Essa é minha convicção mais profunda. A concessão é o caminho de hoje fazer uma, amanhã outra e depois de amanhã, outra. Isso é uma ilusão. São duas filosofias.

Agradei por suas preocupações. Disse-lhes que essas preocupações me pareciam sinceras, não uma invenção para nos pressionar, mas que eram preocupações sinceras as que eles expressavam.

Agora há duas posições: ou o Zanjón ou Baraguá. Aqui não há outra alternativa para a Revolução Cubana, nem houve no passado. Aqui somente há duas posições, que são irreconciliáveis, a do Zanjón e a de Baraguá. Aprendemos isso na História de Cuba há muito tempo, numa das páginas mais gloriosas, e se Cuba foi independente alguma vez, se não a engoliram os Estados Unidos, foi por seu espírito heróico e seu espírito de luta.

Sem a guerra dos 10 anos, sem a guerra de 1895, Cuba terminaria como Porto Rico; quase termina como Porto Rico nas mãos dos Estados Unidos. Foi o heroísmo desta nação e o respeito que inspirou ao imperialismo o que impediu que eles se apoderassem abertamente de Cuba e tivessem que estabelecer uma república de ficção, uma neocolônia que, porém, tinha seu escudo, sua bandeira e seu hino, e não se converteu numa colônia como Hawai ou numa colônia como Porto Rico, porque permitiram à nação cubana de-

terminadas formas de independência. Mas por quê? Pelo heroísmo e pela luta deste povo durante 30 anos, sozinha; não como aconteceu com o resto da América Latina, que eram exércitos inteiros que se apoiavam uns aos outros, recebiam muitas armas, e também as produziam, todos juntos contra a Espanha invadida por Napoleão, e depois todos juntos contra a Espanha da restauração que enviou exércitos a esse enorme território.

Os exércitos espanhóis tinham que atravessar esse imenso espaço. Este hemisfério é tão grande que uma pessoa gasta oito horas e meia para voar de Brasília a Havana ou do Rio de Janeiro-Havana e quase o mesmo tempo numa viagem Madri-Havana num avião que voa a 900 km por hora e distâncias tão grandes como essa tinham que atravessar os exércitos espanhóis. Esse mesmo avião atravessa Cuba por sua parte mais estreita em quatro minutos e, talvez, em dez minutos por sua parte mais larga. Cuba, um país pequeno, teve que lutar sozinha quando tinha sua população de apenas um milhão de habitantes. Estava em minoria entre espanhóis, soldados espanhóis e voluntários³.

Sem Baraguá não teria acontecido a independência. Marti foi quem compreendeu melhor a importância de Baraguá. Sem essa linha de luta não teria existido a Revolução Cubana, diante das dificuldades, dos reveses, de 10 de março, da falta total de armas, de recursos, de tudo, até de forças políticas, pois foi necessário organizá-las, criá-las. Nem depois de Moncada nem depois do "Granma". Nós teríamos encontrado pretextos quando ficamos sozinhos com mais dois nos canaviais no início e com alguns durante muito tempo se não houvéssemos tido uma convicção profunda, um espírito de luta, essa fé absoluta no caminho da vitória, no caminho da luta. Sem a intransigência revolucionária, sem a firmeza revolucionária não existiria a Revolução Cubana e o que freia o império é isso. E que saibam que teriam 250 000 baixas para começar e depois outras 250 000 mais.

Um jornalista espanhol, na coletiva de imprensa, perguntou-me sobre isto e eu lhe disse, lembrando-me da Espanha, caramba! A Espanha invadida por Napoleão, o exército mais poderoso da Europa, que destruiu exércitos imperiais, exércitos russos, exércitos austríacos, exércitos prussianos, que destruiu tudo e depois invadiu a Espanha. A guerra da Espanha foi iniciada pelos camponeses. As

³ Cubanos que se alistavam no exército espanhol durante a Guerra de Independência de Cuba, no séc. XIX.

pessoas humildes do povo foram as que iniciaram a resistência contra Napoleão. Eu me lembrava de tudo isso enquanto o espanhol falava. Sei que era asturiano porque lhe perguntei de que parte da Espanha era. Perguntei-lhe: Quantos espanhóis morreram no cerco e na defesa de Zaragoza? Vocês não se lembraram nem de Sagunto nem de Numância. Quantos morreram na batalha de Bailén e quantos morreram em todas as batalhas pela independência da Espanha contra Napoleão? Ninguém se lembrou naquele momento nem de Sagunto nem de Numância. Anteriormente, disto não falei, a Espanha lutou durante 700 anos contra os árabes. Então não se lembraram nem de Sagunto nem de Numância.

Lembrei-lhe mais uma coisa: Quando os nazistas invadiram a União Soviética, ninguém se lembrou nem de Sagunto nem de Numância: resistiram para que não chegassem até Vladivostok. O custo foi muito elevado, mas salvaram a independência de seu país, sua terra, salvaram o mundo do fascismo.

Falei: Quando o Vietnã foi atacado por meio milhão de soldados ianques, milhares de aviões, helicópteros, frotas completas e porta-aviões, eles resistiram. Ninguém se lembrou de Sagunto e de Numância, mas da pátria e da resistência e saíram vitoriosos. Por isso existe hoje um Vietnã independente.

Para mim, tudo isso está muito claro. Nós não podemos fazer a mínima concessão ao imperialismo, nem a faremos jamais e nosso caminho é o caminho da resistência. É a única forma de poder detê-los.

Estou tranquilo apesar de todos estes augúrios, isto multiplica a força com que nós devemos seguir preparando nosso povo. Um povo de 10 milhões, organizado, preparado, armado, é uma força invencível. E é o que eu lhes dizia: "Nós não somente somos capazes de resistir, mas de vencer uma agressão dessa natureza". Nós não estamos pensando em um holocausto, estamos pensando na resistência e também na vitória. E penso que isso é o único que freia estes senhores, o tigre, essa convicção e essa certeza. Bom, essa informação me foi transmitida por Felipe, quando disse que aqueles sabem o que lhes custaria. Quem sabe seus cálculos estejam errados.

Este é um tema importante, porque a questão do povo armado foi um dos argumentos que eu utilizei muitas vezes. Quando se falava do sistema eleitoral, como está organizado, como é nossa Constituição, como estão organizadas nossas eleições e tudo isso,

eu lhes disse: "Mas há mais uma coisa, nós temos um povo armado. Não somente temos o voto, mas também as armas: o povo tem as armas". Eu dei muita ênfase a este tipo de discussão sobre os sistemas eleitorais e da eleição direta, que no Brasil tem muita força porque na luta deles contra os governos militares insistiram muito nas eleições diretas que era a via que eles tinham elaborado frente a um sistema eleitoral organizado pelos militares.

Explicava-lhes como são eleitos aqui os candidatos, que o Partido não intervinha nas candidaturas para delegados nas circunscrições eleitorais, que devia haver como máximo oito e como mínimo dois candidatos, que quem fosse eleito deveria ter a metade mais um e que esses delegados eram os que elegiam depois todos os poderes do Estado: o poder municipal, o poder provincial, o poder nacional e que pelo menos 60% dos deputados da Assembléia Nacional eram delegados daqueles surgidos na base. Isso não se sabe. Eu perguntava: "Vocês sabem que em Cuba há uma Constituição?" Não sabem. "Vocês sabem que existe um sistema eleitoral e que consiste nisto?" Eu expressei alguns raciocínios sobre estes problemas: qual sistema poderia ser melhor, mais tranquilo, mais reflexivo; os fatores que influenciavam nesse concurso de popularidade em que se tornam muitas vezes as eleições diretas.

Quando eles perguntavam se nós teríamos a maioria, eu dizia: "Você acha que tem algum sentido que eu responda essa pergunta? Eu me limito aos fatos. Veja bem, se em Cuba não houvesse um processo revolucionário baseado na vinculação estreita com o povo, nosso país não teria resistido por mais de 30 anos o império mais poderoso da Terra, que o tem bloqueado, ameaçado constantemente, fustigado durante tanto tempo. Você acha que é possível?" É aí que eu utilizava o argumento das armas, que as pessoas não só têm o voto. Como se poderia defender um país como Cuba, tão pequeno, ao lado desse império, sem uma forte união e uma identificação total entre a Revolução e o povo? Estes são argumentos muito fortes.

Enquanto falava disto, fazia alguns raciocínios sobre direito constitucional e sistemas eleitorais. Dizia: Bem, vocês têm a Europa rica e democrática como modelo de democracia, e, na Europa, quase nenhum chefe de Estado é eleito por votação direta, com exceção da França, e mencionei os distintos países.

Mencionei a Espanha. Falei: O Rei da Espanha, o chefe do Estado espanhol, não foi eleito por votação direta. O chefe de Estado

da Alemanha Federal não foi eleito por votação direta, nem o da Itália. Bem, expliquei-lhes que, com exceção da França, em geral não havia o mecanismo da eleição direta.

Falei da Suécia, da Holanda e de outros países. Falei, inclusive, das monarquias que existem nesses países e fazem parte do sistema estatal.

Depois expliquei-lhes que nenhum chefe de governo na Europa é eleito por votação direta e dei o exemplo de Felipe ou do Primeiro-ministro da França, ou da Inglaterra, ou da Áustria, ou da Grécia, ou da Itália, ou da Alemanha Federal e nenhum é eleito por votação direta. São eleitos por votação parlamentar, quem obtenha a maioria parlamentar. Se nenhum obtém a maioria, reúnem-se três ou quatro partidos, formam uma maioria artificial, inclusive uma maioria mecânica e formam um governo.

Nem os chefes de governo nem os chefes de Estado são eleitos por votação direta na Europa, por que então insistem em dizer isso a Cuba? Tentam impugnar o método de Cuba e ninguém diz uma palavra disto tudo. Falo de outros países: por exemplo o Japão, onde nem o chefe de Estado nem de governo são eleitos por votação direta.

Disse-lhes como nos Estados Unidos os presidentes eram eleitos com 25% dos votos; que a maioria dos norte-americanos considerava suas eleições tão inconsistentes, que mais de 50% não votava — nas eleições em Cuba votava 97% das pessoas — e que nos Estados Unidos é eleito um presidente, com mais poder do que um imperador romano, por 25% dos cidadãos com direito ao voto. Expliquei tudo isso.

Disse também: no caso da monarquia, o sistema não é democrático, mas genético. Isso falando como eu falo, às vezes de brincadeira; ou nem sempre de brincadeira, mas dizendo as coisas com um certo humor.

Digo isto porque ao expressar estas idéias, que são apenas um raciocínio acerca de métodos institucionais, armou-se uma grande confusão lá na Espanha.

Disse que alguns reis foram eleitos há 500 anos. Disse tudo isso com humor, sem nenhuma intenção, claro, de ofender as autoridades espanholas, nem de questionar a legalidade das instituições espanholas, nem o governo da Espanha, nem Felipe González ou algo parecido. Não tinha essa intenção, mas não sei o que terão

publicado lá do que eu disse, sei que houve uma grande confusão na Espanha devido aos raciocínios que utilizei.

Na Inglaterra não sei se isso foi veiculado, ou na Grécia, Itália, Suécia, Holanda ou Dinamarca, não sei; mas na Espanha sempre se cria uma grande confusão e acontece que trato as coisas da Espanha com bastante familiaridade. Eu tomo algumas liberdades em relação à Espanha que não tomo com os outros países quando vou utilizar algum argumento e sinto-me no dever de esclarecer que não havia a mínima intenção de ferir nem muito menos ofender o Rei da Espanha nem o Primeiro-ministro da Espanha, mas simplesmente utilizei como exemplo o caso espanhol e muitos outros. Não se trata de que eu estivesse questionando suas instituições, estava simplesmente explicando às pessoas ali presentes como eram e, além disso, demonstrando que não era justo que enquanto se aceitavam diversas formas institucionais, se tornassem eco das campanhas imperialistas contra Cuba, utilizando este tipo de argumento para contestar Cuba.

ALBERTO D. PEREZ (Rádio Rebelde) — Comandante, vou me referir ao discurso que o senhor pronunciou no Memorial da América Latina, onde foi entregue um prêmio a um indigenista muito famoso do Brasil, Orlando Villas Boas.

O senhor dizia que os chefes de Estado da Europa se reuniam, que os chefes de Estado dos países africanos se reuniam periodicamente, mas que, os presidentes da América Latina não se reuniam para discutir problemas concretos e graves do continente. Precisamente nesse discurso o senhor colocou o exemplo do ouro, um dos exemplos que demonstra de maneira gráfica o que significa a exploração imperial em nosso continente.

O senhor considera que será possível, em um futuro próximo, algum tipo de coesão, de reunião entre os presidentes latino-americanos para tentar tirar este subcontinente deste marasmo econômico e social em que se encontra?

FIDEL CASTRO — Essa é uma grande verdade. Os dirigentes da Europa se reúnem cada dois meses. Aqueles países estiveram em guerra durante séculos e hoje não concebem sua economia nem sua vida sem a integração. Em 1992 literalmente desaparecerão as fronteiras do ponto de vista econômico. Os capitais, os homens e as mercadorias se deslocarão de um lugar para outro sem nenhum obstáculo como faz um caminhão de cerveja entre Matanzas e Ha-

vana ou outro de pedras que vem de Alacranes para as construções aqui. De modo que na Europa se integram e se unem.

Na África reúnem-se todos os dirigentes, no mínimo, duas vezes por ano, independentemente de uma série de reuniões mais locais, por exemplo, países da Linha da Frente, etc.

Os da América Latina, historicamente, não se reuniram nunca, salvo quando foram convocados pelos Estados Unidos. Reuniram-se pela última vez por ocasião dos tratados Torrijos-Carter: um sinal e todo mundo vai para Washington. Agora fizeram um sinal com o dedo mínimo, porque parece que, na opinião deles, não era de tanta importância uma reunião na Costa Rica, e foram muitos.

Há uma série de países importantes e de líderes importantes, conhecidos, que têm capacidade para convocar, mas os países latino-americanos são incapazes de se reunir, eu diria — e isso foi o que disse ali no Memorial —, por um hábito de obediência, por um hábito de submissão: os ianques não querem e não queremos ferilos. Nem sequer em momentos cruciais, como em 1985, por ocasião da terrível crise da Dívida Externa. Os problemas econômicos pioraram — não melhoraram, pioraram —, existe a necessidade da Nova Ordem Econômica e a necessidade de superar a maneira bárbara e brutal de saque da qual somos vítimas. Isso tudo deveria convocar a todos para nos unirmos, mas isso não acontece.

Os Estados Unidos, os credores e o Clube de Paris discutem com cada país. Eles discutem contra cada país latino-americano e um por um destes países tem que ir até eles para discutir e ceder, ceder e ceder. Não tiveram nem o instinto gregário de se reunir para defender esses interesses que são fundamentais. Ainda não tivemos a oportunidade de ver isso.

Ocorreu uma coisa: eu diria que se organizou uma espécie de clube de presidentes que inclui também a ex-presidentes. Isto é o novo, o que vi no Equador, no México, na Venezuela e agora no Brasil: muitas reuniões, microrreuniões e reuniões bilaterais. Em um jantar ou almoço reúnem-se alguns, é assim. Foi se criando um clube.

Por exemplo, visitei Sarney — já disse antes — em um jantar de despedida onde todos foram convidados. Vi latino-americanos, vi europeus, ali cumprimentei Felipe pela primeira vez, ali estavam José Eduardo dos Santos, Nino, Aristides Pereira, todos os dirigentes africanos de Língua Portuguesa. Ali conversei com Alan García, esteve muito bem. Foi uma conversa agradável. Ele estava

firme. Alguns dias antes ele tinha feito uma crítica a esse cavalheiro que se candidata para presidente no Peru, que diz todo tipo de barbaridades, coisas esquizofrênicas. Disse-lhe que tinha lido as declarações. Enfim, conversei comigo e o achei firme. Ele diz que isto é como um pêndulo — foi a imagem que utilizou —, um pêndulo que vem e vai. Referia-se a todos estes fenômenos de neoliberalismo e a toda esta catástrofe atual e falava do pêndulo que ia e que depois viria.

Realmente gostei muito dessa imagem de Alan García e gostei ainda mais do fato de me ter dito que esperava que nós resistíssemos, e nos estimulava a resistir. Não sei se sou indiscreto, mas gostei muito daquelas palavras. Disse: “É preciso resistir”. Está dizendo exatamente o que nós pensamos.

Isto foi no clube de presidentes e ex-presidentes. Há alguns novos que entraram agora. Inclusive aconteceu algo engraçado: eu me confundi com um deles porque tinha um nome parecido com o outro, disse o nome dele — não quero mencionar personalidades, não quero que ninguém se sinta ferido —; a questão é que me confundi porque são novos, não os conheço. Aí eu lhe disse: “Como foi a viagem por tal e tal lugar?” Ele me respondeu: “Não, eu venho de tal parte”. “Caramba, desculpe-me, é que eu me confundi!” Depois contei a uma personalidade muito importante do mesmo país o que me tinha acontecido e disse-me: “Não se preocupe, há pouco aconteceu pior, foi confundido com um iaque e lhe disseram horrores”. “Felizmente meu caso não foi tão grave”, disse.

Ali havia ex-presidentes. Estava Alfonsín sentado diante de mim no jantar. Estava Sanguinetti e alguns recém-saídos ou recém-chegados. Também outros que vão sair proximamente, mas já recebem uma consideração especial porque são convidados. Parece-me muito justo, muito agradável. É algo novo que surgiu entre os latino-americanos: um clube de presidentes e ex-presidentes que conversam socialmente muito bem. Esse é o avanço mais importante que tivemos, é novo, realmente é uma situação nova que tivemos; mas ainda não é suficiente.

Há todos estes processos de abertura democrática que tornaram possíveis nossos contatos com esses dirigentes políticos, que tornaram possível essa nova situação e é um avanço. Mas uma pessoa reflete, medita, vê os problemas, a abertura democrática é débil, precisa de uma base econômica, de uma solidez econômica e ninguém é capaz de dizer para onde evoluirão as tendências nos

próximos anos, num sentido ou em outro dado que a situação é muito crítica, e o que hoje se chama dívida social — uma terminologia nova — é o que os governos deixaram de fazer pelo povo. Calcula-se que muitos bilhões deveriam ter sido aplicados na Saúde, na Educação, na habitação e em outras atividades, mas não se aplicaram. Fala-se de uma dívida social de 300 bilhões, mas as massas já estão no limite mínimo do que podem suportar.

Os governos se desgastam a uma velocidade enorme em poucos meses, diante das situações objetivas que surgem. Então temos uma abertura democrática em meio de um pântano insondável de problemas econômicos e sociais.

Hoje nem sequer se pode falar de uma estabilidade e não se vê em nenhuma parte a solução destes problemas.

Quando falávamos da Dívida, eu dizia aos dirigentes, a todo mundo: “É preciso solucionar estes problemas ou surgirão explosões sociais, não se sabe o que vai acontecer”. As palavras foram bastante proféticas e ainda não suficientemente proféticas pelos problemas que têm surgido em diversos lugares. E não há solução. O triste, o duro é que a gente não vê solução. Então os povos têm esperança numa abertura, porém, no fundo disso não há soluções.

No encontro no Memorial, quando Villas Boas recebia um grande prêmio por seus 50 anos dedicados ao estudo das populações e dos problemas indígenas, eu disse que nós seremos os novos índios. Falei do V Centerário que estava se celebrando. Disse que havia gente que queria nos descobrir de novo, que queria nos conquistar, nos escravizar e nos colonizar, que queria nos violar, como os conquistadores.

Eu não podia imaginar — já o disse outras vezes — que dentro de 500 anos nossos descendentes realmente fossem aplaudir e fazer uma apologia dos fatos.

Vou lhes confirmar uma idéia que tenho em relação com todos estes problemas. Eu digo: “Somos os novos índios, e precisamos de muitos Villas Boas para nos compreender, para nos defender”. Porque ali é preciso dar um grande prêmio a um homem que, simulando ser analfabeto, conseguiu participar de uma expedição e fazer todos esses estudos durante 50 anos para descobrir o que quase não existe, que é a população indígena, que em muitos lugares foi exterminada e em outros sobreviveu como no México, no Peru, no Equador e na Bolívia. Foram saqueados durante séculos e

eu mantinha essa idéia: "Somos os novos índios e necessitamos defensores".

Mencionei um exemplo, realmente fiz cálculos, foi nesse momento que concebi a imagem. Eu digo: antes levavam o ouro. Quanto ouro levavam? Recordava o dado de que a América Latina tornou-se exportadora líquida de capital, em uma quantia de 30 bilhões de dólares por ano e calculei o valor atual do ouro, não quando a onça valia 35 dólares, quando os norte-americanos tinham o padrão ouro, mas agora. O preço do ouro aumenta e diminui, mas em cifra redonda eu calculei em aproximadamente 10 milhões de dólares a tonelada. Eu pergunto: A quanto ouro equivalem 30 bilhões de dólares? A 3 000 toneladas de ouro. Se eu calculo o que tiraram, a extração líquida de capital entre 1982 e 1990, são mais de 200 bilhões de dólares. Foram retiradas 20 000 toneladas de ouro nesta década que termina.

Não sei se alguém alguma vez calculou isso, mas convidei alguns historiadores a calcular quanto ouro os colonizadores tiraram deste hemisfério, portugueses, espanhóis, ingleses, todos, e duvido que cheguem a 3 000 toneladas nos 300 anos.

Eu digo: agora, cada ano, tiram mais do que nos tiraram durante três séculos. Agora os índios somos mais e produzimos mais ouro. E esse ouro foi o capital que financiou o desenvolvimento destes países da Europa, financiou as antigas metrópoles, os escravos trabalhando para produzir ouro ou para produzir algodão, café ou alguma destas coisas. Esta é a realidade histórica.

Esse argumento despertou muito interesse. Agora seria preciso que os pesquisadores fizessem os cálculos exatos. Por aí há dados que podem dizer quanto ouro levaram os colonizadores em três séculos. Hoje o levam em um ano.

E não conto a fuga de capital. Se eu conto a fuga de capital, seria preciso acrescentar aproximadamente 2 000 toneladas de ouro por ano. Nisto não conto o que nos roubam no intercâmbio, porque então seria preciso acrescentar outros milhões de toneladas de ouro.

Quanto o mundo capitalista desenvolvido está tirando da América Latina? Não é a URSS, não é a China; é a Europa, são os Estados Unidos, são os grandes países capitalistas desenvolvidos os que estão extraindo essa fortuna.

Estamos pior que os índios, porque na época dos índios não havia analfabetismo, eles tinham sua cultura, não havia essa dife-

rença, não existia o mendigo nessa época, a criança abandonada, todas essas desigualdades, todas essas tragédias não existiam, estas coisas que os novos índios estamos suportando.

Foi a idéia que defendi, falar sério sobre a integração, nos reunir de verdade, trabalhar.

Quiseram que eu falasse ali. Eu não sabia que íamos ter um ato no Memorial, um lugar muito bonito, realmente. Então, como esse Memorial se fez como símbolo e sob a idéia inspiradora da integração, como Quércia é um homem muito preocupado por isso, quando ele veio me falou do Memorial, convidou-me para a inauguração do Memorial. Ele queria convidar um grupo de personalidades políticas. Quércia tem uma idéia muito clara disto tudo.

Mas agora essa vontade política de união ainda não se vê e os Estados Unidos têm uma influência demolidora. Considerando que cada um destes países está discutindo com os Estados Unidos, com o Banco Mundial, com o Fundo Monetário Internacional, a posição é muito fraca. Quem ousa se atirar na empresa perigosa de enfrentá-los?

Estas realidades existem. O que eu estou dizendo são realidades, não é que eu seja pessimista. Às vezes, as coisas melhoram quando pioram e então surgem as mudanças. Não se pode predizer o que vai acontecer.

Ora, eu sim posso dizer o seguinte, minha opinião: o momento de maior crise do socialismo e das idéias socialistas está coincidindo com a maior catástrofe econômica e social da América Latina. Estes dois elementos estão coincidindo: por um lado, a crise das idéias socialistas, como consequência do desastre na Europa e o desmoronamento do campo socialista, e por outro, com o momento de maior crise econômica e social da América Latina, e sem vias de solução. Isso se vê claro, os dois grandes contrastes, duas situações que provocam desorientação, confusão, interrogações.

Eu, sem nenhuma hesitação, defendi o socialismo. Eu disse: é impossível solucionar esta situação sem programas. As cidades não podem continuar crescendo dessa forma, até se converter em cidades de 30 ou 40 milhões de habitantes. Isso é insuportável, isso o homem não pode tolerar nem psíquica nem fisicamente. A miséria não pode continuar se acumulando dessa maneira.

Eu lhes disse: é preciso programar o desenvolvimento. É nesse momento que Cuba dá mostras do que tem feito em condições tão difíceis e em tão pouco tempo. E é impressionante se consideramos

que tudo isso foi feito sob o bloqueio dos Estados Unidos e muitas vezes dispendo de tecnologias obsoletas.

Quando se analisam os programas, inclusive os programas econômicos e as perspectivas que se abrem para Cuba, eu dizia aos industriais que era preciso o privilégio de programar e a capacidade de dar uma resposta rápida e imediata a problemas novos, a possibilidades novas, a situações novas. Eu lhes digo: isso caracteriza o capitalismo, que é capaz de dar uma resposta rápida a determinados problemas ou a determinadas possibilidades. As vezes o plano se torna a camisa de forças, e se alguma coisa surgisse em maio, é preciso esperar o próximo ano para solucioná-lo no plano do outro ano. Esse tem sido o estilo. Ou se surgisse alguma coisa em 1987, é preciso esperar 1991. Eu digo: é preciso combinar o privilégio de poder programar o desenvolvimento com a possibilidade de resposta rápida a problemas novos, a possibilidades novas, a situações novas. Eu lhes dizia: é o que nós estamos fazendo.

Eu lhes dizia que inclusive em algumas destas pesquisas não esperamos 24 horas, muitas vezes nem 24 horas entre o momento em que temos o resultado de uma pesquisa importante, quer dizer, alguma coisa de muita relevância, e a decisão de começar a construir uma central piloto. Ao mesmo tempo, a decisão de analisar, a partir de determinadas premissas, quanto custaria uma central já em escala comercial. Mas assim, sem perder 24 horas, essa é a maneira de fazê-lo.

O melhor plano precisa ser mudado quando é necessário, porque o que é bom em janeiro, muitas vezes já não é bom em junho, porque passou o tempo e surgiram coisas novas.

Lembro-me da epidemia do Dengue — que foi em 1981 — nós quisemos comprar aparelhos de pulverização na Hungria, realmente era preciso esperar o próximo quinquênio para obter esses aparelhos. Tivemos que trazê-los por via aérea do Japão ou de não sei onde, porque eles não tinham capacidade de resposta diante dessa situação.

É preciso criar essa capacidade de resposta, e nós procuramos criar essa capacidade de resposta e esses conceitos: a combinação do plano e a possibilidade de planificar com a capacidade de resposta rápida a problemas e situações novas ou a novas possibilidades.

A que velocidade estamos desenvolvendo a vacina antimeningocócica? A que velocidade estamos desenvolvendo o Fator

de Crescimento Epidérmico? A que velocidade estamos desenvolvendo a vacina contra a hepatite tipo B? Vocês pensam que isso estava em algum plano? Isso é com grande urgência e assim por diante em muitas coisas.

Basta dizer que depois do processo de retificação, tudo o mais importante que está se fazendo neste quinquênio não estava no plano 1986-90. Este potencial hidráulico ressuscitado, todos esses planos de sistemas engenheiros do arroz, todos os planos da cana, os programas de produção de alimentos não estavam naquele plano. Quase tudo o que está se fazendo é novo, todos estes programas de habitação, estes programas de creches. Muitos programas econômicos importantes e estratégicos não estavam no plano. Era a rotina.

Eu diria que o plano do próximo quinquênio está pré-determinado pela quantidade de coisas que estamos desenvolvendo atualmente em várias áreas, mas com estes conceitos.

Ora, o capitalismo não soluciona os problemas da América Latina e tenho defendido o socialismo com firmeza, com uma profunda convicção, honradamente, como cabe à experiência vivida em nosso país: o que era nosso país e o que hoje é nosso país.

Compreendemos melhor do que nunca que os modelos de sociedades desenvolvidas pelo capitalismo avançado e industrializado não são os modelos de nossos países. Que a Índia e a China não podem seguir esse modelo do transporte individual, do automóvel para cada família; sabe-se lá o nível de poluição que adquiriria a atmosfera. E esta gente apresenta sua mercadoria, seu modelo de sociedade, como o mais perfeito que já existiu no mundo, e esse modelo de sociedade não pode ser aplicado ao resto do mundo. Seria uma loucura colossal aplicá-lo.

No Brasil vêem-se muitos automóveis. Mas agora a agricultura brasileira tem um problema duplo: tem que alimentar a população e tem que alimentar os automóveis, porque os automóveis consomem álcool e o álcool sai da cana. É preciso dedicar milhões de hectares à produção de cana, para produzir álcool para alimentar os automóveis, com os problemas que têm nossos países. Eles tiveram que fazê-lo, não tiveram outra alternativa, porque já tinham desenvolvido uma economia na qual a indústria mecânica e a indústria automobilística desempenhavam um papel importante e são uma das fontes principais de emprego.

De repente, surge a crise do petróleo. Aumenta o preço do produto e eles não têm outra alternativa que começar a produzir álcool, porque do contrário parava a indústria automobilística. O país ficava sem recursos e teria que utilizar o álcool no abastecimento dos automóveis, e todos esses motores estão adaptados para trabalhar com álcool, não podem trabalhar com gasolina. Foram-se acumulando milhões de automóveis que é preciso alimentar.

Os modelos de sociedades desenvolvidos pelo capitalismo não se ajustam às realidades e isso provoca todos estes problemas e todas estas situações desastrosas que mencionávamos.

Sem hesitação nenhuma e com profunda convicção eu defendi o socialismo como o método, o caminho. Muitos perguntavam: "E estes problemas? E que vai acontecer? E quais as perspectivas?" Eu dizia: "A mesma coisa que aconteceu na luta contra o feudalismo e as monarquias absolutas: houve avanços e houve retrocessos".

Falei sobre a Revolução Francesa, das idéias da Revolução Francesa. Quando surgiu a burguesia, quando surgiram estas idéias liberais, burguesas, tão em moda neste momento no campo econômico e até no campo político. Eu digo: Quando Napoleão já não foi o portador das idéias revolucionárias, mas o invasor de toda a Europa e é derrotado, surge uma grande onda reacionária com a Santa Aliança e os monarcas absolutos voltaram ao poder. Porém, as idéias da Revolução Francesa continuaram abrindo caminho até hoje.

Eu digo: As idéias do socialismo são as mais justas do mundo e essas idéias irão abrindo caminho. Terão avanços, terão retrocessos, mas no fim serão as idéias predominantes no interior de uma humanidade que queira ser humana de verdade, de um homem que queira ser solidário e não uma fera. E essa sociedade de feras não tem futuro.

Estes são os tipos de problemas sobre os quais devemos refletir, pensar, fazer com que as pessoas raciocinem, porque não é difícil fazê-las compreender a partir do que vivem e vêem todos os dias.

Digo que as idéias vão ganhar força e vão ganhar força a partir das condições objetivas que está vivendo o hemisfério. Esta é uma coisa que se vive quando se faz uma viagem como a que nós fizemos.

PEDRO MARTINEZ PIRES — Comandante, nessa viagem também estive Dan Quayle, o vice-presidente dos Estados Unidos e, precisamente, chamou a atenção quando entrou na sede do Con-

gresso, à cerimônia de sucessão presidencial, exatamente atrás do senhor, sem os aplausos seus, e deu uma conferência de imprensa muito breve no dia seguinte, de 25 minutos na qual, segundo a própria AP, houve problemas de transmissão elétrica e também de áudio, mas ele disse que o que lhe havia chocado na cerimônia foi ver um participante em uniforme.

FIDEL CASTRO — Sim, e o terno que ele usa o que é? Um uniforme de dândi.

Eu realmente visto esta roupa que tenho usado toda minha vida, é o mais econômico, e não tenho que estar mudando de modelo todos os dias, nem a roupa. Tomara que ele usasse a mesma roupa! Este uniforme é a roupa que eu usava na Sierra Maestra, a mesma roupa desde que desembarquei do "Granma", é a mesma que uso e não é um uniforme de mentecapto. Tudo isso são bobagens e simplismos. "Castro é o único que usa uniforme", como se eu fosse um militarão ou um militarista. Quando me convidam a todos estes lugares, é porque estão os civis. Não foram os militares os que me convidaram, foram os civis, e esta é minha roupa.

Aí estivemos conversando e encontrei todo o tipo de personagens, alguns são novos democratas, como o Presidente do Paraguai. Estive brincando com ele. Acho que depois ele disse alguma coisa por aí, que me tinha dito que comprasse um terno, porque eu lhe disse: "Bom, e essa democracia que o senhor propõe é séria, como é isso?" E acrescentei: "Bom, é por que eu vejo vocês tão tímidos com Cuba? Vocês têm medo de que alguém possa repreendê-los?"

Assim começamos falando de maneira normal e no fim terminamos conversando muito, sobre a barragem de Itaipú, a eletricidade que produz, a percentagem de eletricidade que dedicam a isso, ao desenvolvimento do país, o uso que dão a essa eletricidade, tudo isso. De agricultura, de cana, de soja, porque eles produzem soja; de desenvolvimento, de Educação, de Saúde, falamos de muitas coisas. Eu próprio promovi esses temas e fiz muitas perguntas. Falei até da *saccharina*, o que era a *saccharina*, como produzíamos a *saccharina*; do mel protéico, o que podia se obter da cana. Enfim, conversamos sobre muitas coisas.

No almoço sentaram ao meu lado um chefe militar, o ministro da Aviação, conversamos ali de coisas interessantes: sobre a indústria aérea, sobre diversos temas. À esquerda estava o novo ministro do Trabalho, também conversamos muito sobre a Previdência So-

cial, os orçamentos, etc. No fim, quando já íamos embora, não me lembro como surgiu a questão da roupa. Então ele caminhava na frente e eu lhe digo "General!" E ele voltou a cabeça. Eu disse: O senhor não usa uniforme, mas responde imediatamente quando o chamam de General". Se eu ouço aí que dizem General, eu não volto a cabeça. Mas bom, a roupa se leva por fora ou por dentro.

Quayle, engraçado, que ia dizer o cara? Somente bobagens. Porque eu vou continuar usando esta roupa enquanto tiver roupa e fizer viagens, não vou mudá-la. Como vou mudar agora de roupa e usar um terno colorido para ser simpático e para que a próxima vez Quayle diga: "Havia um cara com barba". Quando não seja o terno será a barba: a verdadeira razão são as idéias e os símbolos que há por trás da luta de cada qual.

Há uma história simpática. Nós temos travado uma batalha contra os ianques, uma batalha vitoriosa brasileiro-cubana contra os ianques. Quayle trazia uma caravana enorme, como se houvesse alguém interessado em fazer mal a este sujeito, isso é desnecessário.

Se eu tomo algumas medidas de segurança, a História me dará a razão, devido à quantidade de planos que a CIA e os Estados Unidos têm feito para me eliminar. Acho que ninguém quer eliminar este senhor. Mais ainda, se passa por aí ninguém o conhece. Ele podia ir em um táxi, realmente, à tomada de posse e ninguém fica sabendo. Pensam que é mais um turista. Claro está, ficam sabendo porque há uma multidão de gente com ele.

No momento da chegada ao Congresso, no discurso presidencial, havia gente do povo. Brasília é uma cidade que não é São Paulo, não há grandes multidões, é uma cidade administrativa, avenidas largas, e o público cumprimenta afetosamente, os que estavam de um lado e de outro e se supunha que eram fundamentalmente dos partidos dos que tinham ganho as eleições, não que estivessem ali os de esquerda. Nós vamos pela avenida — já há várias vias funcionando em uma mão única —, eu vou pela esquerda e, de repente, os ianques aparecem pela direita, com uma multidão de carros e de coisas. Então nós não somente tínhamos a preferência, porque iam concedê-la aos chefes de Estado, mas era preciso virar à esquerda e nos estávamos mais perto da rua por onde teria que entrar. Nós tínhamos a vantagem e eles empurrando para entrar, mas os motociclistas brasileiros que estavam conosco, a segurança brasileira e o nosso pessoal interpuseram-se e atravessaram um carro na frente deles e estavam dispostos a não deixá-los passar,

realmente. Entre cubanos e brasileiros, os da segurança brasileira, os da segurança cubana e os motociclistas, um pessoal excelente, impediram a passagem do senhor Quayle e então entrou nossa caravana. Essa é uma das histórias que aconteceram por acaso, ninguém tinha intenções de amargar a vida do senhor Quayle, mas ele chegou ali com sua prepotência de sempre e então toparam com os cubanos e os brasileiros.

Depois tirei fotografias com aqueles brasileiros, porque o pessoal da segurança que nos atendeu, os motociclistas e essa gente toda, são pessoas excelentes. Tirei fotografias com eles ali e antes de sair do Rio de Janeiro, agradei e os cumprimentei dizendo: "Ganhamos juntos uma batalha contra os ianques neste assunto". Foi assim como estou lhes contando. E depois estava por ali o personagem ianque sem grande atenção. É assim, não é nada do outro mundo: a superficialidade ianque e as poucas simpatias que têm em qualquer parte. É assim.

Em todos esses lugares, no Itamarati e em toda parte, tive a satisfação de ser cumprimentado por muitos dirigentes africanos, embaixadores e quando lhes pergunto, eram de países como o Gabão, a Costa do Marfim, muitos embaixadores que não são dos países com os quais temos tido mais relações; contudo, chegavam e me cumprimentavam. Todos os empregados, os que serviam ali a comida, a bebida, todos, imediatamente pediam para tirar fotografias. O pessoal da segurança, das instalações, todos pediam para tirar fotografias. E eu pensava: o povo, as massas têm um grande instinto. Com certeza esta gente não tem filosofado muito sobre todos estes problemas, mas o instinto lhes diz que quem está ali é um amigo, esse que leva o uniforme verde-oliva que tanto incomoda ao senhor Quayle. Pois terá que usar óculos escuros a próxima vez que tope comigo por aí. Mas o povo, sim, sabe distinguir o amigo, iam com muita confiança me pedir que tirasse uma fotografia com eles. Essa é a história.

FRANCISCO VILLANUEVA — Comandante, na minha opinião, um dos encontros mais interessantes da sua visita foi, precisamente, o contato com os cristãos. Que impressões pessoais tem o senhor desse encontro?

FIDEL CASTRO — Os encontros foram muitos e muito bons, mas os dois mais impressionantes foram o encontro com os cristãos e o encontro com os intelectuais, verdadeiramente impressionantes.

Esses foram em São Paulo. Por aí devem estar os filmes, talvez a televisão mostre algum destes acontecimentos.

Os cristãos são uma força impressionante, como força popular, força revolucionária.

Nesse local fazia um calor que deveria ser mais ou menos parecido ao do inferno. Era uma grande sala com cerca de 1 600 pessoas. Os aparelhos de ar condicionado não funcionavam, nem podíamos nos queixar, porque acho que os donos de aquele lugar não cobraram nada por todas as reuniões que fizemos ali. É uma grande instalação de exibições, com vários locais. Desde que a pessoa chega e entra, vê uma força extraordinária naquela gente, em seus cantos, em seus lemas, em suas convicções.

A Igreja no Brasil desempenha um papel histórico importante, tem apoio popular, porque é uma Igreja que optou pelos pobres.

Não quero dizer que toda a alta hierarquia tenha as mesmas opiniões, mas há um grupo de bispos indiscutivelmente muito progressista, muito comprometido com os pobres, defensores dos pobres, muito consciente da situação do país, que tem dirigido o Episcopado brasileiro durante anos.

Visitei também — estando em Brasília — a direção do Episcopado e conversei com eles, de um modo amistoso, amável, e em São Paulo foi a reunião com as comunidades de base. Mas não eram só católicos, eram cristãos de todas as denominações, que estão muito unidos. Poderia se falar de um encontro ecumênico. Havia centenas de sacerdotes que trabalham com as comunidades de base, centenas de delegados, dirigentes, quadros. É a representação desse grande movimento na base.

E ali na base está organizado todo mundo: estão organizados os vizinhos, estão organizadas as mulheres, estão organizados os consumidores, estão organizados os negros, está organizada toda a população. É um movimento de uma grande força, e eu diria que é um movimento de grande conteúdo revolucionário. É preciso ver e sentir. Percebê-lo ali.

Eles fizeram diversas perguntas, como é lógico, todo o tipo de perguntas. Entre elas houve uma das mais interessantes e também uma das mais complexas: Por que não há crentes no Partido, por que não podem ingressar no Partido?

Eu já havia falado sobre o tema com Frei Betto naquela entrevista que ele me fez. Para eles é muito difícil entender, pois eles se consideram revolucionários, e são revolucionários e se simpatizam

com o socialismo. Então, a pergunta que se fazem é como ou quando vão ingressar. Todos eles leram o livro de Frei Betto.

Eu lhes contei a história real de nosso país, as relações com a Igreja Católica — não vou dizer com as demais igrejas, embora houve seitas com as quais tivemos determinados problemas, as Testemunhas de Jeová. Não tive outro remédio que falar com muita franqueza sobre a história da Igreja Católica, da hierarquia católica em Cuba. Isso foi publicado, não é preciso repeti-lo.

Eu lhes disse textualmente: “Se lá tivéssemos pessoas como vocês, já estariam no Partido”. Porque são pessoas revolucionárias e penso que são dignas de militar no Partido.

Eu disse que isto não era um dogma, que isto se devia a uma circunstância histórica, decorrente do conflito entre a hierarquia da Igreja Católica e a Revolução, no momento em que a Igreja, simplesmente, se pôs ao lado da contra-revolução e do imperialismo entrando em conflito com a Revolução. Esse conflito — como eu disse outras vezes — pôde ser atenuado graças à ação de um núncio, monsenhor Zacchi, que fez um grande trabalho.

Acho também que aqueles conflitos foram atenuados graças à sabedoria da Revolução, ao cuidado com que a Revolução sempre tratou a religião e as crenças religiosas, à política de ser antes indulgentes. Assim foram presos dois sacerdotes que vieram com os mercenários de Girón, receberam um bom trato e quando foi possível, saíram junto com os mercenários.

Em outras ocasiões, por atividades contra-revolucionárias, alguns sacerdotes foram sancionados. Estiveram presos o mínimo de tempo. Nunca se maltratou nenhum sacerdote, a Revolução teve sempre muito cuidado em não assumir um espírito anti-religioso. Era preferível ser tolerantes e que a Revolução não aparecesse com um espírito anti-religioso, porque o imperialismo utilizaria isso, o qual ajudaria os interesses das forças reacionárias na América Latina e em outros lugares. Assim, a Revolução se caracterizou por ter um cuidado especial no trato dos problemas religiosos.

Mais tarde, surge na América a Teologia da Libertação, surgem fortes tendências dentro da Igreja latino-americana em favor dos pobres e em favor das mudanças, mas nada disso aconteceu em nosso país. Antes, segundo minha opinião — e devo dizê-lo com toda franqueza —, a hierarquia aqui se considerava mais igreja daqueles que estavam em Miami, onde tinham ido parar os latifundiários, os grandes proprietários de imóveis, toda aquela gente

rica que foram os únicos que receberam fundamentalmente instrução religiosa em Cuba. Considerava-se mais igreja daqueles que estavam em Miami, do que daqueles que ficaram aqui. Não houve realmente uma evolução nesta — não vou dizer igreja porque igreja inclui os fiéis — direção da Igreja Católica em Cuba.

Inclusive, quando faziam reuniões, não convidavam o pessoal da Teologia da Libertação, não queriam ter nenhuma relação com eles. E, na minha opinião, o que fez foi manter-se à espreita durante todos estes anos.

Este é um tema do qual talvez devêssemos falar em outro momento, mas ali não teve outra alternativa que dizer a verdade, e como esta situação criava um problema de consciência entre a obediência, a militância no Partido e a disciplina que a Igreja podia exigir aos crentes.

Penso, porém, que este é um problema que deve ser solucionado, porque, sem dúvida, surge uma contradição: há muitos cristãos que são revolucionários e católicos que são revolucionários; cristãos e católicos que realizam diversas atividades, que também fazem parte das Milícias de Tropas Territoriais e estão dispostos a defender o país, estão dispostos a dar sua vida pela Pátria. Acho que estes campos devem delimitar-se em um determinado momento, quem são todos aqueles crentes que estão com a Revolução e estão dispostos a morrer por sua Pátria, que são patriotas, que são dignos, que não estão dispostos a fazer o jogo da contra-revolução, que não estão dispostos a fazer o jogo dos Estados Unidos e que exigem seu direito de ser militantes do partido da Revolução, do partido do socialismo, do partido do comunismo, sem que nós tenhamos absolutamente nada que contestar em relação às suas crenças religiosas. Isto é, essas já são questões filosóficas nas quais deve respeitar-se o critério, as idéias de cada pessoa.

Trabalhamos nas coisas deste mundo, desta terra, desta luta e deste momento. Isto deve ser o que define, porque, na minha opinião, trata-se de aproveitar a não-militância dos crentes no Partido da Revolução, para separar Cuba das forças cristãs de esquerda em outros países; utiliza-se para procurar dividir internamente, porque conhecemos as intenções imperialistas de utilizar a hierarquia católica em nosso país contra a Revolução. Nós as conhecemos! E acho que isto tem que ser esclarecido. A partir daí, é preciso que adotemos uma política no que diz respeito à situação dos crentes e do Partido.

Penso que este é um problema que deve ser analisado e há decisões que devem ser tomadas do ponto de vista revolucionário, porque este é um momento de definições, e de grandes definições, e nós temos que ser sábios, temos que ser revolucionários, temos que ser corajosos, saber qual o trato que devem receber os crentes que se decidem pela Pátria, os crentes que se decidem pela Revolução, os crentes que se decidem pela filosofia de Baraguá e não pela do Pacto de Zanjón. Este tema foi analisado.

Que gente tão admirável aquela que se reuniu conosco lá, que progressista, que patriótica, que revolucionária. Oxalá essa gente estivesse aqui! Eu seria o primeiro em propor que ingressassem no Partido. Eu disse: de qualquer maneira nós temos padres e freiras. Falava em linguagem figurada sobre nossos trabalhadores nos hospitais, porque lá falei de todas essas coisas; das pessoas *consagradas*⁴ que trabalham aqui com os que sofrem de AIDS, com gente que sofre de doenças contagiosas; dos que trabalham com aleijados, com crianças aleijadas desde o nascimento ou por doenças. E nós temos milhares de pessoas *consagradas*, que posso chamar de padres e freiras.

Já falei outras vezes das freiras que fazem este trabalho. Com muito respeito eu disse que para mim são modelo de comunistas, disse mais de uma vez. Mas os nossos 2 000 professores que foram à Nicarágua para dar aulas nas montanhas, em sua maioria mulheres, vivendo em condições muito difíceis, onde na mesma casa estava o camponês, sua numerosa família, o cavalo, a vaca — se tinham vaca — e o professor, que gente generosa toda essa nossa gente que foi para lá, 2 000. Quando pedimos a ajuda dos professores, ofereceram-se 30 000 para ir. Quando assassinaram a alguns, ofereceram-se 100 000 e tenho a certeza de que os 100 000 estavam dispostos a ir.

Nossos milhares de médicos que vão pelo mundo, nossos internacionalistas que sempre estiveram dispostos a cumprir missões, que são senão missionários? É difícil que qualquer igreja tenha gente mais generosa, mais altruísta, mais desinteressada.

Por isso eu sempre gostei muito das freiras, sempre senti uma grande admiração por elas. E eu dizia aos cristãos: nós temos milhares de padres e freiras no Partido e não temos crentes.

Queria que vocês soubessem que nível de compreensão tinham para os problemas de Cuba, que nível de comunicação, que nível de

⁴ Pessoal que trabalha voluntariamente, segundo as necessidades, muito além do expediente de trabalho.

concordância com os argumentos que utilizávamos, que reações. E penso que o sucesso foi ter falado com honestidade, responder diretamente as perguntas. Ter dito a eles a verdade sem hesitar. Eles viram a honradez e a franqueza com que falei. Aqueles cristãos ficaram muito impressionados.

Os cristãos me falaram de vários problemas, disseram-me: Um dos grandes problemas que temos aqui é a questão indígena. Estão muito sensibilizados com isso.

Falaram-me também do problema da discriminação racial, falaram disso com muita força e um jovem negro fez uma pergunta sobre isso. Disseram-me que mais de 50% da população brasileira tem raízes africanas. O jovem que falou ali mencionou 70%. Explicam que é muito difícil poder ocupar cargos de responsabilidade nas instituições, falam de uma ausência nesse sentido, dizem que é um problema muito sério. Eu realmente não o sabia, quando fui ao Brasil desconhecia o nível destas preocupações, mas os membros da Igreja da Teologia da Libertação explicaram-me que esse era um problema muito sério no Brasil.

E falaram-me do problema das mulheres. Dizem que esse é também um problema muito sério. Como acabávamos de realizar o Congresso da Federação de Mulheres Cubanas, falei com eles e expliquei alguns dados do congresso: a luta das mulheres, a participação da mulher, os avanços objetivos, o curso inexorável desses avanços, que nada pode deter, que é todo um processo baseado, precisamente, no valor e no papel da mulher em nossa sociedade, na capacidade adquirida pela mulher em nossa sociedade. E quando lhes disse que 58% da força técnica do país eram mulheres, ficaram admirados.

Depois lhes expliquei que 55% dos estudantes universitários e 61% dos pré-universitários — que são os que vão preencher as vagas na universidade — eram mulheres, que esse movimento avançava.

Depois lhes expliquei tudo o que a sociedade tem feito com relação às creches, às escolas especiais, aos semi-internatos, aos internatos. Falei de todos esses fatores que tinham contribuído para criar o mínimo de condições possíveis e eu digo a vocês que aquelas pessoas escutavam o que eu dizia sobre isso como se lhes estivessem falando, realmente, de outro mundo.

Na minha opinião, todas essas coisas que para nós são conhecidas foram muito interessantes para eles. Foram muito afetuosos, muito solidários.

Esse mesmo fenômeno aconteceu também com os intelectuais. Era uma reunião de 300 pessoas, em uma sala muito pequena, e tivemos que voltar à sala onde estavam os cristãos, improvisar, mudar os intelectuais porque não cabiam e reuniram-se por volta de 700 ou 800. Fizeram um ato realmente muito bonito e com uma atitude de comunicação muito ampla.

Os cristãos e os intelectuais reagiam com muito vigor quando eu lhes dizia que podiam confiar em Cuba, que Cuba lutaria, que Cuba resistiria acontecesse o que acontecesse, que enfrentaria as agressões militares se elas surgiam, que enfrentaria os problemas econômicos e que nós não estávamos preparados para resistir, mas para vencer.

Quando eu lhes falava da vontade de nosso povo de lutar, havia uma explosão de aplausos e de apoio. Isso aconteceu em toda parte, porque era como se as pessoas quisessem que Cuba resistisse, que Cuba lutasse, como se soubessem que Cuba pode estar passando por uma prova difícil. Eles sabem que nós levantamos as bandeiras de uma causa justa, muito justa, e, então, isso os comove realmente.

Nesta crise de idéias, nesta crise de prestígio para o socialismo, eles vêem uma esperança em Cuba. É um país pequeno que enfrenta aos Estados Unidos, que resiste e luta.

Nossa mensagem sobre a disposição de lutar, cada vez que se mencionava, era o que recebia o apoio mais unânime.

Não sei se você quer saber mais alguma coisa sobre isto. Poderíamos falar de muitas coisas.

Aquelas pessoas estiveram cerca de dois ou três horas à espera em meio daquele calor, e cantando, dizendo lemas, tanto eles como os intelectuais de São Paulo.

SUSANA LEE — Comandante, durante sua visita a São Paulo, o senhor visitou Lula. Eu conversei depois com ele e estava muito contente por sua visita ao Brasil. Disse que era como uma reciclagem para os socialistas brasileiros, porque o senhor os ajudava — agora que o senhor falou da batalha das idéias — nesta nova disposição e neste novo debate pelo socialismo. Qual é sua opinião sobre o encontro com Lula? Talvez poderíamos estender a pergunta incluindo os dirigentes políticos com quem o senhor conversou.

FIDEL CASTRO.— Estou contente de que você tenha lembrado isso porque, realmente, falei com muitas personalidades e não pude mencionar todas.

Falei com muitos dirigentes, com quase todos os presidentes latino-americanos. Com Virgilio Barco tive uma reunião muito interessante que durou mais de uma hora. Ele sempre assiste a estas atividades, interessou-se por fazer contatos, e sempre conversamos com muito respeito e com muita amizade.

Falei com quase todos os dirigentes políticos. Mencionei Alan Garcia, cumprimentei a Menem, já falei do encontro com Carlos Andrés Pérez, também cumprimentei Patricio Aylwin. Conversei com ele em um grupinho, as pessoas iam entrando, foi uma conversa breve e agradável. Claro que eu não falei nada sobre as relações, não posso fazê-lo por um sentido elementar da dignidade, mas foi afável e a atitude de quase todos estes chefes foi similar.

Entrevistei-me com dirigentes brasileiros. Em primeiro lugar, entrevistei-me com Ulysses Guimarães, que é uma das personalidades mais notáveis da política brasileira nos últimos anos. Um homem de muita experiência, muito talentoso, de muitos conhecimentos. Com Arraes, que é governador de Pernambuco. Ele perguntou-me também se eu ia visitar Pernambuco e eu disse que teria que ser na próxima viagem.

Falei também com o senador Hadad. Tive uma reunião com João Amazonas, com diversos dirigentes políticos que estavam lá em Brasília, mas Brizola não estava em Brasília, estava no Rio de Janeiro e Lula não estava em Brasília, estava em São Paulo.

Nesta viagem todos concordavam com a visita: o governo, os partidos, dirigentes, empresários interessados. Os partidos de oposição também não fizeram nenhuma objeção, achavam que era uma boa idéia. Tinham algumas inquietudes sobre como iam me tratar, se eu ia receber todas as atenções, algumas inquietudes desse tipo, mas gostavam da idéia de que eu fizesse a visita.

Os membros da Igreja dos Pobres também a queriam, os da Teologia da Libertação, enfim, muitos amigos intelectuais que temos.

Neste sentido a visita não fazia mal a ninguém, não lesava ninguém, embora sempre se discutia a quem beneficiaria mais, ou menos.

Ali não fiz o que se costuma fazer: ter uma residência em um lugar e convidar os amigos para visitar-me. Eu mudei essa regra.

Gostaria mais de visitar Lula em sua casa, em seu bairro operário e fiquei muito contente de fazê-lo, porque tive que viajar cerca de 50 quilômetros.

Permitam-me lhes dizer que São Paulo tem o tamanho da província de La Habana. A cidade começa e não acaba nunca: 50 quilômetros da casa onde eu estava até a casa de Lula, no bairro de São Bernardo. Lá transita-se por grandes avenidas, vêem-se muitas fábricas de diversos tipos e quando chegamos havia algumas pessoas, embora Lula tivesse feito tudo com a maior discrição — uma casinha modesta ali, com uma varanda —, entramos, subimos, íamos almoçar com ele. Esse dia foi familiar, tranquilo, tínhamos uma hora e meia ou duas horas. Lula não falou a ninguém sobre minha visita como medida de segurança, iniciativa dele. Mandou preparar em um restaurante vários pratos típicos brasileiros, um pouco de charque com farinha de mandioca, um tipo de agrião, não sei se aqui temos, porque são umas folhas maiores, muito gostosas. Vi dois ou três legumes muito interessantes. Assim prepararam as comidas típicas que estavam lá, em umas estufas com álcool havia quatro ou cinco pratos típicos, e eu digo-lhe: Como fizeste, Lula, com esta visita aqui e este grupo? Não éramos muitos, mas entre um grupo de dirigentes brasileiros e os que iam comigo, éramos mais ou menos 10 ou 15, arruinávamos a qualquer pessoa. Então ele contou-me como arranjou tudo para que ninguém soubesse para quem tinha organizado o almoço, vinhos e outras coisas.

Estávamos ali e saímos ao terraço. Na rua havia um grupo de mais ou menos cem pessoas, as quais cumprimentamos. Elas estavam muito contentes. De repente, vejo um traço branco que vem de trás, pela esquerda e cai por ali, perto do grupo de pessoas. Era um ovo. Não sei a quem o atiraram, se a Lula ou a mim; passou muito longe de nós, caiu perto do grupo que estava lá. Deve ter sido um vizinho que estava aborrecido com todo o movimento e com toda a agitação política, mas eu disse, com a fome que tinha, que se apanhava esse ovo o fritava nesse momento, porque na realidade nós levávamos dois dias sem tempo para tomar o café da manhã, sem tempo para almoçar, e tínhamos muita fome. Deixamos passar o ovo, aquele ovo quebrou-se. Esse tipo de coisas aconteceu lá.

PEDRO MARTINEZ PIRES — *Graças ao ovo foi que se soube a notícia da visita a Lula, porque isso sim informaram: o ovo.*

FIDEL CASTRO — Houve um ovo. Foi fenomenal, eu nunca tinha visto um ovo passar voando daquele jeito. Bem, eu brinquei muitíssimo com aquele ovo.

A visita foi muito boa, muito agradável, muito familiar. Lula estava muito contente. Depois eu o convidei, porque havia uma reunião com os dirigentes políticos no famoso local de reuniões e disse-lhe: "Vem conosco". E pelo caminho me foi contando muitas coisas das diversas indústrias, de tudo: onde tinha trabalhado, quantos operários tinha cada uma delas, quantos se reuniam, o número total de indústrias de São Paulo — e há cerca de 20 000 indústrias, entre grandes e pequenas, de todo o tipo, mas algumas com 17 000 operários e outras com 30 000 —, onde tinha trabalhado ele quando começou e assim explicou-me muitas coisas, porque durante 50 quilômetros há quase uma hora de viagem para chegar e pude conversar com ele sobre vários temas.

Eu perguntei sua opinião sobre as medidas econômicas. Isso é muito interessante, porque ele me disse que tinha dado a seus especialistas a tarefa de estudar todo o plano em seu conjunto. Expressou seu temor de que pudesse se produzir alguma recessão. Ele me explicava que o congelamento dos salários tinha acontecido em 28 de fevereiro e o dos preços em 12 de março, e que nos últimos dias tinham aumentado muito os preços e algumas das coisas, mas falou com muita imparcialidade e não em uma posição preconcebida, mas analisando. Propôs às pessoas analisar as medidas. Isso é o que fizeram os dirigentes políticos de esquerda. Não adotaram uma posição imediata sobre a questão, mas estão estudando todo o conjunto de medidas e submetendo-as à análise de economistas e de especialistas.

A outra pessoa que visitei foi Brizola. Fiz a mesma coisa: disse que não queria que fossem me ver no hotel ou na residência. Bom, ali houve um hotel, mas praticamente não passamos por ali, porque chegamos de manhã e depois saímos de madrugada do Rio de Janeiro. Estavam à minha espera, chovia quando chegamos ao prédio onde mora Brizola, em um apartamento que fica no sexto ou no oitavo andar, em um prédio antigo, o elevador era antigo, muito pequeno. Chegamos lá e ele já tinha convidado a vários amigos, também foi um encontro muito familiar. Brizola me deu um grande abraço. Ele estava muito contente com a visita, muito contente, muito satisfeito! E ali falamos de vários temas: da cidade, da praia de Copacabana que fica em frente.

Ali há uma praia fabulosa, de cinco quilômetros, é como se fosse um *malecón*⁵, mas em vez de um *malecón* é uma praia de 30 ou 40 metros de areia entre o mar e a avenida e depois as avenidas e as edificações. Pergunto pela praia e ele me explica os problemas de poluição que tem. Diz que a praia está contaminada por resíduos industriais e de outro tipo. Perguntei-lhe quanto custava o que era preciso fazer para sanear a praia, aqueles cinco quilômetros e me disse que era preciso investir 3 bilhões de dólares. Ali é preciso investir 3 bilhões de dólares em tomar todas as medidas e fazer todas as construções necessárias para que aquela praia possa eliminar a poluição. Conversamos sobre várias coisas.

Perguntei sua opinião sobre as medidas econômicas e as estavam estudando, estavam sendo analisadas pelos especialistas. Quer dizer, tinham adotado uma atitude muito séria no que diz respeito ao conjunto de medidas; ainda não tinham tomado posição sobre as idéias esboçadas. Agora é preciso acompanhar isto de perto, mas, bom, estamos falando da visita.

Reuni-me com o Presidente em seu gabinete e também com as outras duas figuras mais importantes, as que mais votos tinham obtido, que foram Brizola e Lula. Lula foi o que ficou depois como candidato, ele tinha obtido mais votos que Brizola. Uniram-se, fizeram uma unidade muito forte. Eu gostei de ter agido assim. É muito desagradável essa posição de ficar em um casarão e que estas personalidades políticas tenham que ir nos visitar em uma residência. Eu os vi muito contentes, estavam satisfeitos, agradecidos pela minha maneira de agir.

PEDRO MARTINEZ PIRES — Também foi muito comentada, Comandante, sua entrevista com o Presidente da Rede Globo.

FIDEL CASTRO — Muito interessante. Quando eu estive em Brasília há 31 anos, em um percurso onde visitamos os Estados Unidos, Canadá, em um Britannia daqueles — acho que era em um Britannia —, chegamos lá, íamos para o Rio de Janeiro e o aeroporto estava fechado. Então primeiro aterrizamos em Brasília, cuja construção estava quase pronta. Daí fomos a São Paulo, porque não pudemos ir para o Rio, e depois seguimos para o Uruguai e a Argentina. Na viagem de regresso passei pelo Rio de Janeiro.

PEDRO MARTINEZ PIRES — A reunião dos 21.

FIDEL CASTRO — Sim, a reunião dos 21. Marinho já era uma instituição no Brasil. Há uma reunião que organizam com perso-

⁵ Nome popular dado a uma avenida à beira-mar na Cidade de Havana.

nalidades e da qual eu participo e ele também. Por isso depois ele continua se desenvolvendo como um grande poder da imprensa televisiva e escrita e também como um grande poder econômico.

Quando se falou da visita, ele foi dos primeiros que expressou que teria muito prazer em me fazer uma entrevista para ser publicada pela Rede Globo e pelos jornais.

Depois da visita ao centro de pesquisas "Oswaldo Cruz", fomos diretamente ao prédio perto do Jardim Botânico que fica por ali, onde está o grande centro da administração — parece que ele tem dois, o do jornal e este da televisão —, este é o da televisão. Havia muitas pessoas da televisão à espera. Eram muito amáveis, todos os trabalhadores da televisão estavam por toda parte. Subimos e ele levou-me ao seu escritório. Através das persianas de vidro se podia ter uma vista muito bonita de diversos pontos do Rio de Janeiro. Eu não sabia bem o programa, porque me tinham dito que íamos ter um encontro com ele e com os industriais que estavam ali reunidos — os industriais do Rio de Janeiro, porque já havia me reunido com os de São Paulo.

Conversamos sentados diante de uma pequena mesa redonda, ele foi muito amável. Não falamos de política. Foram conversas sobre as coisas da cidade, do prédio, coisas pessoais, seus expedientes de trabalho, os esportes, se fazia ginástica ou não, como era seu regime de vida.

É um homem notável. Aqui devemos pôr de lado as ideologias políticas, não é? Porque ele, além disso, tratou-me com muito respeito e com muita consideração, essa é a verdade. É um homem de 85 anos, seu pai tinha fundado um jornal e ele herdou esse jornal, de onde saiu a grande rede de televisão, de rádio e de imprensa que tem hoje. E com seus 85 anos vai todos os dias ao jornal que ele mesmo dirige, e vai todos os dias à televisão e dirige a rede de televisão. Com clareza mental, muito calmo, é uma personalidade que já viveu muitos anos, que se interessa pelas coisas históricas, pelos acontecimentos históricos. Falou-me dos problemas ecológicos. Deu-me de presente um livro que trata sobre uma parte de Mato Grosso, área muito importante que eles estão procurando proteger.

Ele tem um regime de trabalho muito importante e dirige — observem isso —, dirige, eu diria, com muita majestuosidade, essa enorme rede que tem 80 retransmissoras de televisão em todo o país, espalhadas por toda parte. Ela transmite programas científicos,

culturais. É uma personalidade muito respeitada e de muita força, e do ponto de vista humano achei muito interessantes as conversas.

Ah! Houve almoço, voltei a almoçar. Prepararam almoço, frutas e algumas coisas do mar, coisas leves, mas muito bem preparadas. Assim ficamos ele e eu sozinhos nesse tempo que estivemos almoçando.

Depois chegou o Embaixador — não sei se foi antes ou depois — e assinou-se o convênio de intercâmbio de programas, entre a Rede Globo e Cuba. Acho que realmente pode ser muito útil para nós. Eles também estão muito interessados em programas cubanos.

Falamos de temas históricos, de muitas coisas e depois levou-me a uma sala onde estavam reunidos os industriais. Lembrem-se de que minha visita acontece logo após as medidas tomadas pelo governo, que são radicais, inesperadas e traumáticas. Eu perguntei aos industriais que pensavam sobre isso. Disseram-me: "Estamos sem dinheiro, agora todos somos iguais, não temos dinheiro". De aproximadamente 130 bilhões de dólares em cruzeiros que havia nos bancos, congelaram-se quase 100 bilhões, estão congelados por 18 meses — depois se vocês querem podemos falar um pouco sobre isso — e todo mundo está estupefato.

Os industriais sabem que não os vão confiscar, estão tranquilos quanto a isso. Eu perguntei: "Alguma vez se tomaram medidas desse tipo em algum país?" E alguns disseram-me: Sim, no Japão, não sei em que ano. Na RFA no ano tal e tal. Eles disseram: "Escute, o senhor deve nos desculpar, porque havia um grande número de industriais que viriam a esta reunião, mas quase todos estão em Brasília neste momento, discutindo tudo isto, discutindo o conjunto de medidas para saber o que vai acontecer e de quanto dinheiro vão dispor".

E aí todo mundo tem o dinheiro no banco, por um mecanismo de defesa de seu dinheiro. Como existe uma inflação tão colossal, para que o dinheiro não se escape, para que as pessoas não comprem dólares e levem o dinheiro, o governo paga juros, é uma das medidas que costumam adotar os governos, pagar juros elevados, mais elevados que a inflação. Então todo mundo, para proteger seu dinheiro, deposita-o nos bancos para ganhar esses juros, do contrário todos os dias o dinheiro perde valor.

Isto provoca outros mecanismos. Não se investe o capital em indústrias, senão deposita-se no banco para ganhar dinheiro sem produzir nada. É realmente, uma situação muito complicada.

Então, estas medidas são tomadas para começar a combater a inflação, que chegou a 1476% em 1989. Todas as medidas aprovadas não davam resultado e o que fizeram esta vez foi congelar o dinheiro. Aquele que tinha aproximadamente 600, 700 dólares, davam o direito de tirá-lo, a todo mundo davam esse direito até essa quantia. Dizem que a maioria dos que têm conta estão nessa categoria de menos de 600 a 700 dólares e o resto são todas as contas de todo o que tem dinheiro no país, empresas, indústrias.

Essa é uma medida muito radical, extremamente radical, inesperada. Porque apesar de que se faziam conjeturas e se avançavam idéias de que se tomariam medidas, a própria medida de congelar os fundos nos bancos foi uma medida que eu não tinha ouvido mencionar entre as diversas alternativas. Sim, se falava de que se congelariam os preços, os salários. Há todo um programa.

Quando estive lá, quase todos os industriais tinham ido para Brasília discutir com a ministra da Economia, com os parlamentários, com o governo como ia evoluir tudo aquilo. Por isso os industriais com os quais me reuni não eram muitos. Contudo, tivemos uma conversa interessante, embora tudo isto estava na mente de todos.

Eles falaram do seu interesse no açúcar — somos dois grandes produtores —, do álcool e dos problemas que têm. Dizem que têm que importar agora quantidades enormes de álcool, que a cana não basta para produzir o álcool que necessitam os automóveis e estavam falando de associações, de empresas conjuntas, de analisar tudo o que possa ser de interesse, de fabricação de equipamentos para a indústria açucareira, de produções açucareiras.

Eu lhes expliquei tudo o que estávamos fazendo do ponto de vista técnico: o sistema de drenagem por parcelas, o sistema de irrigação, a quantidade de hectares disponíveis, como pensamos quase dobrar a quantidade de cana por hectare com todas estas técnicas que estamos aplicando, como íamos destinar parte dessa cana no alimento animal para a produção de rações, de leite, de carne.

Eles se interessaram muito por esses temas e pudemos trocar opiniões, inclusive sobre a questão das medidas econômicas e a tranquilidade que isso provocou. Não há o que temer. Disse-lhes: “Não vejo motivo para que vocês não se sintam tranquilos. Vocês têm a economia na mão e seria muito difícil manipular a economia sem vocês”. É uma situação diferente da que vão ter os países do Leste.

Falei disto e o que expliquei aqui no congresso das mulheres continuei explicando de um modo minucioso e sistemático. Eu disse-lhes: “A situação que vão ter lá no Leste é difícil, porque vão fazer um capitalismo sem capitalistas, e uma classe capitalista não se improvisa, é questão de gerações inteiras que vão passando esse conhecimento a outras gerações”.

É difícil começar a construir o capitalismo sem capitalistas.

Aquela gente tem experiência, aqueles industriais, aqueles homens de negócios têm um grupo empresarial experimentado. Esse aprendizado é uma das coisas que o capitalismo necessita para funcionar, para administrar tudo aquilo. No Brasil há um capitalismo bastante desenvolvido, com todos os problemas que mencionei antes. São homens ágeis e homens empreendedores e tenho a impressão de que eles foram muito receptivos às idéias que expressei sobre a integração em geral da América Latina e das possibilidades de nos integrar a essa América Latina, independentemente do sistema social.

Havia exemplos práticos por toda parte. Nós podemos comprar coisas deles se as produzem e não comprá-las de outros — essa é uma forma de integração. Se nós lhes vendemos produtos eles não necessitam comprá-los de outros. E nós estamos fazendo muita coisa nova.

Estou seguro de que na medida em que aprofundemos na análise, vamos encontrar um caudal enorme de possibilidades em toda parte e não somente com o Brasil, mas o Brasil é um lugar muito importante. E vamos descobrir que o país mais preparado deste hemisfério para a integração é Cuba.

Nós podemos discutir qualquer acordo, chegar a um acordo sobre o desenvolvimento de qualquer setor: podemos fazer ou não fazer isto ou aquilo. Temos realmente condições para trabalhar pela integração sem que nosso sistema social se torne um obstáculo, mas, pelo contrário, uma vantagem para trabalhar. E temos um amplo campo como resultado de nosso esforço científico. Tenho a esperança de poder avançar muito nos aspectos tecnológicos. Também espero que os cubanos mantenham maior sigilo quanto ao que descobrem, não é?

Estamos em uma fase realmente explosiva nesse campo e com idéias muito claras e é um caminho de grande importância para o futuro do país estes campos novos em que estamos trabalhando

agora. De modo que tudo isto traduzir-se-á, lógico, em resultados práticos.

Em relação a Roberto Marinho, é curioso como são os homens, como são e como são capazes de se sobrepor às diferenças ideológicas. Eu gostei muito da maneira com que me tratou, da conversa e do espírito de intercâmbio que encontrei. Ele preocupava-se muito pela integração. É um tema que lhe interessa muito: a questão da integração latino-americana, apesar de que o Brasil por si só é um mundo, porque é um país muito grande. Mas apesar de ser um país muito grande, que precisa menos da integração do que a Costa Rica, o Equador ou qualquer outro país pequeno, que o necessita muito mais, mesmo assim os brasileiros ganhariam consideravelmente e ganhariam muito com a integração. Além disso, a integração latino-americana é inconcebível sem o Brasil.

Sempre há coisas que não se mencionam. Acho que poderíamos falar um pouco do encontro com o Presidente. Acho que é justo fazê-lo. Eu o vi três vezes, uma delas foi quando estava em uma sala à espera da chegada dos diferentes chefes de delegações, para uma cerimônia de saudação oficial, não era uma reunião, e um grupo de dirigentes estávamos ali, em um círculo, e ele passou e foi cumprimentando. Foi muito amável, muito afetivo quando me cumprimentou e em muito pouco tempo, pois vendo a quantidade de pessoas que havia ali, eu fiz tudo para que esse encontro fosse breve.

Depois houve uma saudação, a oficial, em que se passa rápido. Todo mundo está à espera e se passa rápido. Realmente eu o vi quatro vezes.

Ali eu também passei rápido, porque se as delegações nesse momento são muitas, se detêm para conversar. Então eu lhe disse uma piada: "Se pode servir de consolo, posso lhe dizer que, depois do senhor, quem tem trabalhado mais aqui em Brasília sou eu", lembrando toda aquela agitação. Como tinha que ver tanta gente ali e havia uma multidão de delegações, a conversa foi muito breve.

No dia seguinte houve um almoço e ele estava ali recebendo os convidados. Havia uma fila. Querem passar-me à frente para cumprimentá-lo. Eu disse: "Não, não, eu fico na fila aqui". Fiquei na fila porque pensei — não eram chefes de Estado, mas um grupo de personalidades: "Por que vou passar na frente?" Eu fiquei na fila. Lá estava Iglesias, do Banco Interamericano, havia mais pessoas. Eu disse: "Iglesias, eu estou na sua frente, por favor, cuide o

meu lugar", porque havia mais pessoas que queriam me cumprimentar. Eu fiquei na fila e cumprimentei o Presidente.

Em cada um desses instantes ele foi muito expressivo, me fez algumas perguntas. Nesse momento eu fiquei com ele o mínimo de tempo, mas devo dizer que vieram falar comigo vários ministros, um deles aproximou-se de mim com muita amabilidade, o ministro de Relações Exteriores, que não é político, era presidente do Supremo Tribunal Eleitoral. Conservo uma grata impressão das duas ou três vezes que falei com Collor, da maneira em que conversamos.

Falei também com outros ministros. Uma jornalista disse-me que o ministro da Educação queria falar comigo — estava interessado em alguma informação — e então eu mesmo comecei a localizá-lo, perguntei a alguns. Não quero mencionar todos estes ministros para evitar que os ianques, por meus contatos com eles, os vejam com maus olhos. Mas chegaram ali três ou quatro ministros em uma forma muito amável. Perguntei pelo ministro da Educação e estive conversando com ele. Falamos sobre Educação, assunto no qual ele está interessado.

Depois falei com o ministro da Saúde e conversamos sobre temas de Saúde Pública, porque independentemente do sistema, há coisas e problemas comuns a todos e que sem dúvida têm uma importância decisiva. Esses ministros querem fazer alguma coisa diante da tarefa esmagadora que têm pela frente. Conversei com eles e todos estão muito interessados na experiência de Cuba neste campo.

Depois havia uma entrevista com o presidente Collor — não sabia que eu tinha sido o primeiro. Deram-me, a uma determinada hora, 20 minutos — foi a última tarde que estivemos em Brasília. Entrei no prédio e subimos. Ficamos um pouco em um escritório pequeno e depois entramos. Foi uma conversa breve, profunda, não se perdeu um minuto. Entre outras coisas, lhe contei o que tinha conversado com o ministro da Educação, com o ministro da Saúde, minhas idéias de que relativamente com poucos recursos podia se fazer muitas coisas no campo da Saúde, que já a partir de determinado limite era muito mais caro. Segundo nossa experiência, não era muito dispendioso reduzir a mortalidade infantil a um limite determinado. Falamos sobre alguns desses temas importantes, até do esporte e de outras coisas. Não quero ser indiscreto e contar cada uma das coisas que falei. Fui muito breve, muito sintético. Ele também falou de um modo breve, sintético e expressivo.

Eu poderia dizer que é um homem que tem vontade de enfrentar os problemas. Eu o definiria como um homem que quer atingir o sucesso em sua gestão. Falamos de diversos temas — se eu conto tudo, então ninguém vai querer falar comigo —, foram temas de interesse. Uma boa conversa, em um clima amistoso, sério, de respeito. Quando eu calculei que tinha transcorrido o tempo indispensável, 15 ou 20 minutos, que não havia nada mais, considerando o volume de trabalho que ele devia ter, porque é preciso pensar no trabalho que tem um homem em uma tomada de posse como essa, com dezenas de delegados, chefes de governo e chefes de Estado, eu não quis demorar nem meio segundo mais, e então me levantei e me despedi.

Acho que realmente o encontro foi positivo, útil e fiquei com uma impressão agradável.

A viagem foi assim em geral, embora houvesse muitas pessoas de ideologias políticas muito diferentes, de interesses muito diversos. Pode-se dizer que cada um representava algo diferente e se pôde ir conciliando, ir fazendo a viagem para ter contato com todas essas personalidades e tirar algum proveito de cada um desses encontros.

Posso fazer alguns comentários da questão econômica, do plano. Claro está, o plano insere-se dentro de uma concepção neoliberal de abertura dos mercados. Segundo tenho observado, essas idéias estão bastante em moda: abrir as importações para forçar as indústrias a uma maior competitividade. Tem se falado sobre as privatizações e a abertura ao investimento externo em determinadas condições. É um plano que tem muitas idéias que estão na moda nestes momentos.

Fala-se de reduzir o déficit fiscal como um dos elementos mais importantes da inflação. Dizem que é muito elevado, que é aproximadamente 6% do Produto Interno Bruto. É lógico que todos esses tipos de ajustes são fortes, porque é preciso ver, realmente, quais atividades são afetadas ao fazer ajustes dessa natureza. Renegociar a dívida em determinadas condições.

O Presidente disse — essa frase sim pude ouvi-la no discurso — que o importante não é perguntar quanto vão crescer depois de pagar, mas quanto vão pagar depois de crescer. Isso significa que vão priorizar o crescimento. Estabelece determinados limites, não muito além de 5 bilhões de dólares, que seria o que estariam dispostos a pagar em relação à Dívida Externa nas diversas fórmulas.

Falam de investimentos estrangeiros sem privilégios, de privatização de muitas empresas, de vendas de imóveis, de redução de pessoal — imagino que algumas das medidas de redução de funcionários públicos são fortes, fala-se de 180 000 ou de 200 000. Algumas empresas começaram a despedir pessoal. O governo reagiu e disse que faria severas inspeções fiscais se despediam pessoal, que deviam parar com isso. Algumas multinacionais disseram que não tinham dinheiro para pagar os salários. Ele disse que as matrizes podiam mandar dinheiro para pagá-los.

De qualquer maneira, essa é uma grande experiência, onde o verdadeiramente novo é o congelamento do dinheiro. Eles próprios dizem que segundo os acontecimentos pode-se reduzir o prazo, imagino que a partir disso comecem a controlar a situação.

Acho que todos devemos acompanhar de perto — pelo menos eu estou muito interessado — como funcionam essas medidas econômicas. Penso que nossa imprensa deve divulgá-las, para que nossa gente aprenda economia política, mas que aprenda a economia política do capitalismo, que foi o que Marx fez.

Nós temos estudado muito a economia política do socialismo, cujos autores disseram agora que esses livros não têm muita utilidade. Como vamos ignorar se estamos cercados pelo mundo capitalista.

Que sabemos nós de multinacionais, de bolsas de valores, de tantas coisas que repercutem em nós? Que sabemos de sociedades anônimas? O mundo capitalista nos cerca por toda parte e com ele temos que lidar: quais suas fórmulas, como procuram fazer os ajustes, como procuram escapar da inflação, porque isso é diabólico, e a situação de inflação existente na América Latina é o desastre, nunca foi como agora!

Basta dizer que a inflação média em 1989 foi de 1 000%, que em alguns países, como a Argentina, chegou quase a 4 000. Vocês vêem as notícias que chegam todos os dias da Argentina.

PEDRO MARTINEZ PIRES — Collor a chamou de câncer.

FIDEL CASTRO — Mais de 3 000 no Peru, 1 476 no Brasil — os de maior dívida — e na Argentina quase 4 000, menor no México. Os mexicanos vão lidando com isso, no ano passado estavam em pouco menos de 20%.

Como se controlam essas economias? As pessoas precisam de um computador para calcular o salário mensal, os preços, tudo, a situação é quase incontrolável.

Todos têm um grande déficit fiscal, todos têm que procurar muito dinheiro para pagar a Dívida ou os juros da Dívida.

Muitos têm, além da Dívida Externa, a Dívida Interna, que é também de bilhões, quase tão elevada como a Dívida Externa. Como se controla essa economia? E o capitalismo procurando seus mecanismos indiretos.

Penso que seria bom observar o que acontece no Brasil e que nossos economistas, nossos especialistas, nossos jornalistas, expliquem qual é a situação do Brasil, quais os problemas. Eu diria que é uma aula de economia política, onde entendemos os problemas do capitalismo em um país do Terceiro Mundo. Que acontece quando se congela o dinheiro, se surge uma forte contração da economia, se se produz muito desemprego.

Pela importância do Brasil, nós devemos estar muito informados sobre todo o processo: quais foram as medidas, que resultado vai tendo cada uma delas, que diz cada um dos personagens, que diz cada um dos líderes políticos, como abordaram a inflação, porque, lógico, a inflação provoca o pânico, tem aterrorizado todo mundo, tem levado as massas ao desespero. Quer dizer que qualquer medida que leve o carimbo, ou a idéia, ou o objetivo de liquidar a inflação é uma medida vista com esperança por muita gente.

A mim, particularmente, interessa o efeito que vão ter todas estas medidas, todo o conjunto de medidas na economia de um país do Terceiro Mundo como o Brasil, nestas condições.

Penso que será de muito interesse para todos e devemos fazer com que nossa população conheça estes fenômenos.

ALBERTO D. PEREZ — *Comandante, durante sua visita o senhor recebeu centenas de convites para visitar outros estados, outros dirigentes políticos. Ao mesmo tempo, foram recebidos numerosos pedidos de bolsas de estudo em Cuba, de tratamento médico em Cuba, inclusive o senhor recebeu uma pequena delegação de crianças. Eu queria perguntar — já que o imperialismo repete muito que algumas pessoas querem ir embora de Cuba — quantas pessoas que vivem no resto dos países da América Latina querem vir a Cuba?*

FIDEL CASTRO — O caso que você menciona é o de um garoto de 14 anos que há alguns anos enviou um livro escrito por ele.

ALBERTO D. PEREZ — *O nome dele é Guilherme García.*

FIDEL CASTRO — Ele quer estudar. Eu lhe disse: “Você quer ir depois de terminar o curso de ensino médio?” “Não, quero ir

agora, agora, gostaria de ir o mais rápido possível”. É um garoto conhecido ali, as pessoas gostam dele. Eu lhe disse: “Tudo bem. Nosso Embaixador vai analisar em que momento e de que forma se pode satisfazer seu pedido. Se você quer ir antes de terminar o pré-universitário, pode ir”.

Lá também conversamos com umas meninas. Os vizinhos nos visitaram várias vezes. Disseram-me: “Há umas meninas aí à espera, uma tem cerca de 11 anos”. Tinha outra irmã, a irmã era maior, adolescente, deveria estar no II grau. Havia outra moça, uma vizinha. Estas duas foram com a avó e tivemos uma conversa muito agradável com as meninas, eram muito educadinhas. Eram três. Estavam em uma escola religiosa, particular, e conversamos sobre as aulas, as matérias, todas essas coisas, se freqüentavam a escola de manhã ou de tarde, se almoçavam na escola ou não. E eu lhes perguntei: “Quanto custa a escola?” Uma respondeu: “Ui!” Fez o cálculo e eram cerca de 80 dólares. Ali as crianças sabem de inflação e de custos. Ela disse: “Mais ou menos oitenta dólares”. Eu disse: “E você almoça lá?” “Não, não, almoço em casa”. Custava 80 dólares a mensalidade em uma escola dos Irmãos Maristas com 1 500 alunos. As três estavam na mesma escola.

O pai destas duas irmãs — a menor e a outra — acho que é engenheiro. O pai da outra menina também é profissional liberal e as garotas utilizavam termos como “caro”, “inflação”. No meio da conversa, eu lhes perguntei: “E quando vão nos visitar em Cuba?” Elas são muito amigas lá porque são vizinhas. Uma delas disse: “Olhe, quando ganharmos o prêmio da loteria” — ali há loteria. Eu lhe disse: “Não é preciso. Vocês podem combinar isso com o Embaixador. E em algum momento nós convidamos vocês a visitar Cuba”.

Foi uma conversa muito esclarecedora e mostra como na sociedade até as crianças se preocupam muito pelos gastos, os custos, a inflação.

Em geral disseram-me que o brasileiro é muito educado, muito refinado. Eu perguntei: “Somente o setor da classe média, os profissionais liberais?” Disseram: “Não, os trabalhadores também são muito respeitosos, muito educados”.

É o que pude perguntar em Brasília. Há outras cidades onde a situação é de muita violência. Os dados estatísticos sobre a quantidade total de pessoas que morrem violentamente, incluindo os acidentes, são muito elevados.

Um dos dados que eu utilizei são as 700 000 crianças que podem se salvar e morrem no primeiro ano de vida na América Latina. Eu dizia: este é o sistema e este é o império. O império que nos impugna, que quer nos eliminar da face da Terra, é o culpado da morte de 700 000 crianças todos os anos neste hemisfério, crianças que podem se salvar. É o equivalente a sete bombas atômicas. Nestes 30 anos a Revolução tem salvado a vida de 300 000 pessoas, trezentas mil pessoas no mínimo, com seu programa de saúde, e reparem aí quanta gente matam todos os anos.

Acho que é impossível ter mais contatos em tão pouco tempo. Se tivesse podido falar com muitas pessoas, conversar com elas, mas aproveitei o que pude, para conversar com todo mundo de algum tema de interesse.

O Brasil é um mundo, é realmente um mundo, o Brasil sozinho é um continente. Para os países latino-americanos tem uma importância enorme, é o fator chave nestas idéias de integração latino-americana.

PEDRO MARTINEZ PIRES — Comandante, o senhor falou da preocupação de Felipe González e Carlos Andrés Pérez, e também da preocupação de muita gente diante da atitude hostil dos Estados Unidos em relação a Cuba. O próprio Dan Quayle disse ali, em uma breve conferência de imprensa, que o último grande problema da América Latina é Cuba. E, recentemente, há declarações do presidente Bush tentando impor novas condições a Cuba. Antes falavam de retirada das tropas da África, do fim do apoio à independência de Porto Rico, do fim do apoio aos movimentos de libertação nacional. Agora mudaram a agenda das imposições a Cuba e Bush declara que Cuba deve implantar uma economia de mercado, realizar eleições livres e reduzir o aparato militar. Então Cuba receberia ajuda, como estão recebendo a Europa oriental, a Nicarágua e o Panamá.

FIDEL CASTRO — Claro, as migalhas, não é?

Bush falou que estava desiludido. Eu digo: De que estará Bush desiludido? Como podia Bush ter ilusões de qualquer tipo em relação a Cuba? Ele diz que está desiludido com Castro. Eu não sei, realmente, que ilusões Castro pôde ter inspirado a Bush.

Nós somos agora o inimigo do império, vejam que honra, realmente é uma grande honra, nós somos os únicos inimigos. Agora vamos saber se somos capazes de nos enfrentar com o império, se somos capazes ou não de lutar, se somos ou não somos revolucionários.

Sabemos que vão lançar contra nós todo tipo de intrigas, conspirações, ataques, mas penso que estamos bem preparados para todas estas eventualidades. Penso que no mundo não há um povo melhor preparado que este, nem com melhores condições, nem com melhores características que este. Uma vez também ficamos sozinhos diante da Espanha, sozinhos, sozinhos, se fez a guerra. E neste mundo não vamos estar tão sozinhos, com certeza, não vamos estar. Mas sim vamos ter uma longa luta, com todas estas bobagens e exigências. Ninguém sabe o que os leva a imaginar que nós estamos dispostos a satisfazer suas demandas.

Quando Felipe González falava, e falava com muita preocupação, era muito pessimista sobre a situação não somente dos países socialistas, mas também sobre os problemas que possa ter a União Soviética. Ele pensa que a União Soviética tem problemas insolúveis. Todas estas análises e todos estes cálculos que o Ocidente faz o encoraja e o estimula em suas pretensões, sua prepotência e sua arrogância e cria ilusões de todo tipo. Mas se o destino nos deu a tarefa de ser agora o inimigo dos reacionários, do império e de ser também a esperança, por quê não, e de ser os porta-bandeiras do socialismo, e de estar dispostos a defendê-lo a partir de nossa própria experiência, a partir do que temos aprendido, a partir do que vemos e comparamos, então, penso que esse é um privilégio da História e confio no povo, de maneira plena e total.

Teremos que continuar analisando problemas e estou seguro do que eu disse a todo mundo, não somente de que vamos resistir, mas de que vamos vencer. E ainda falta provar se aqui acontece o mesmo que aconteceu em Sagunto e Numância, porque os imperialistas têm que fazer seus cálculos. E nós devemos lhes demonstrar, fazer ver com clareza o que significaria uma agressão contra nosso povo, e acredito que a unidade do povo desempenha um papel fundamental, o patriotismo desempenha um papel fundamental. E nós não vamos deixar que haja fendas, nem que ninguém abra fendas aqui, nem temos motivos para ser tolerantes com a *gusanera*⁶ e com a contra-revolução. Isso é o que queriam os infames que caluniam o país, os infames que encorajam a agressão imperialista, os infames que querem criar para o império as condições para

⁶ Designação popular para os contra-revolucionários.

agredir Cuba ou para forjar a calúnia. De modo que não temos porquê ser tolerantes, é preciso lhes aplicar as leis, simplesmente.

E vamos rever as leis e caracterizar bem os atos de traição à Pátria, dos que apoiam as campanhas do imperialismo contra Cuba, não temos motivo para permiti-lo. Temos sido bastante pacientes e os que estão dispostos, como está nosso povo, a arriscar tudo, não têm motivo para ser frouxos nem tolerantes com ninguém. Mas seremos equânimes, seremos serenos, seremos justos, seremos respeitosos, como nunca ninguém foi, em nenhum governo.

São repugnantes as calúnias que lançam contra Cuba, quando se fala de torturas e de todas essas coisas, uma coisa que não ocorreu em 31 anos de Revolução. Não houve país mais respeitoso que Cuba em todos esses aspectos, mas isso não impediu que lançassem toneladas e toneladas de lama sobre nosso país. Apesar de tudo, seremos fiéis a nossos princípios e normas de toda a vida. Lutaremos com energia, utilizaremos as leis, tomaremos todas as medidas. Não nos vão desmoralizar, não nos vão amedrontar. Não vamos dar garantias à contra-revolução, que é o que querem, que aqui se possa conspirar abertamente, se possa trair abertamente à Pátria, se possa fazer o jogo dos que estão dispostos a fazer correr o sangue de milhões de patriotas. Não temos motivo para tolerá-lo e não o vamos tolerar, nem terão aqui nenhuma prerrogativa. Eu disse isso com muita clareza a todo mundo: os contra-revolucionários não terão aqui nenhum direito a fazer campanha contra a Revolução.

Andam por aí incomodando ao povo e o povo reage com razão quando vê um grupinho e sabe que estão conspirando, e sabe que estão provocando.

Eu pergunto: por que o povo todo deve estar todos os dias combatendo nas ruas contra estes provocadores sem vergonha? Vamos aplicar as leis, e se não bastam as leis ou não são suficientemente claras, elaboramos novas leis, porque é preciso defender a Revolução acima de tudo, e vamos defendê-la por meio da justiça e por meio da lei.

E vamos defendê-la no campo da economia. Teremos que ser mais capazes que nunca, teremos que trabalhar mais que nunca, e teremos que ser mais eficientes que nunca, porque é importante o campo onde se realiza agora a batalha.

E teremos que ser os melhores soldados e os melhores patriotas que jamais tenha existido. Temos que superar a façanha de Sagunto

e de Numância se o imperialismo nos agride militarmente. Então vão ver o que é um povo disposto a lutar.

Eles não têm nenhum direito a nos subestimar e não têm nenhum direito a nos desprezar. Também não têm nenhum direito a se enganar e devemos fazer todo o possível para que não se enganem.

Sempre ficarão histórias, mas continuaremos falando destes temas e de outros. Talvez não seja meu único encontro com vocês.

PEDRO MARTINEZ PIRES — E para falar também de quais são as condições de Cuba para a normalização de relações, quer dizer, não são somente eles os que podem impor...

FIDEL CASTRO — Mas isso não nos importa. Tudo isso é uma hipocrisia e uma mentira. Não nos afeta nada do que dizem, não acreditamos absolutamente em nada. Dos imperialistas não esperamos nada, nem acreditamos nada. Temos que esperar tudo de nós mesmos e devemos acreditar em nós mesmos.

MEDIADOR — Comandante, muito obrigado por suas informações, por suas avaliações. Muito obrigado também aos companheiros do painel, a todos os convidados e a vocês, estimados telespectadores, também muito obrigado por sua atenção.

FIDEL CASTRO

REENCONTRO COM O BRASIL

(...) “Não queremos ser os novos índios, mas se não nos unimos, se não colaboramos entre nós, se não nos integramos, se não nos unimos politicamente num futuro próximo, seremos os novos índios do mundo atual”.

“Isso se pode demonstrar matematicamente. Não há futuro para nossos povos, inclusive um grande país como o Brasil, de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, com um desenvolvimento industrial importante, precisa do apoio e da integração do resto da América Latina. Todos nós necessitamos isso sem exceção! É claro que os países pequenos o necessitam muito mais e nos perguntamos que futuro temos no mundo de hoje e no de amanhã. Um continente totalmente fragmentado, que possibilidades de sobrevivência tem? Que possibilidades econômicas tem um país isolado, dependendo somente de seus recursos?”

Memorial da América Latina, São Paulo, Brasil, 17 de março de 1990

EDITORIAL

José Martí

EDITORIAL JOSÉ MARTÍ
Publicaciones en Lenguas Extranjeras
Apartado postal 4208 / Habana 4 / Cuba